

REVISTA LIVRE DE LITERATURA E ESCRITURA

# pre gui ça

# preguiça

FLORIANÓPOLIS

V. ÚNICO, DEZ 2025.

ISSN 2965-193X

editor- chefe/ *editor jefe* / editor-in-chief

Atilio Butturi Junior & Tiago Pinheiro - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

editores executivos / *editores ejecutivos* / executive editors

\* Anna Letícia de Abreu \* Débora Klug \* Gustavo Cardoso \* Hanna Boassi \* Izabel Bayerl Bonatto \* Laiara Machado  
Serafim \* Mahara Soares \* Manoela Beatriz dos Santos Raymundo \* Nathalia Muller Camozzato \* Rafaela Monticelli

projeto gráfico

Longe/Far - @longe\_far

IMAGEM DA CAPA

Fotos de Rafaela Monticelli

@daichinhos

# s u m á r i o

Tradução | Tim Tim? Bwa Sèch: Contos, poesia e folclore afro-caribenhos \* Chery Clarens | “Eating Together” \* Marina Krebs Vanazzi | “A canção de amor de J. Alfred Prufrock” \* Brayán Agnus C. || Poesia | Por hoje \* Hanna Boassi | As coisas \* Marco Remioza | Reticente \* Luiz Henrique Zampronio | A Oitava Maravilha do Mundo \* Emanuel Araújo | Ah, oceano... \* Elizangela Araújo dos Santos Fernandes | Eu \* Izabel Bayerl | Latinidades \* Abdréia Muniz Lisboa | M a t e r i a l i s m o \* Vinícius de Oliveira Gadini | Derreter-se \* Beatriz Kesting Tramontin | Adeus \* Gabrieli Cabral | Chove aí dentro? \* Julie Claire Booth | Laura \* Natália Fernanda Silveira da Pureza | Uma tríade lisboeta \* Thaís Artigas dos Santos | Me... \* Cecília Maria Pontarolo Kohler || Crônicas | Foram os livros, mas também fora as pessoas \* Jéssica Helena Trombini | Sim, com agá \* Mahara Soares | A fila \* Thayane Dantas | Verborragia Cotidiana \* Henrique Cavagnoli Machado | Sexta-feira ou Onde habita o amor? \* Anna Letícia de Abreu | Devaneio \* Julie Claire Booth | Gabriela \* Gabrielle Bianco Braschi || Contos | A galinha dos ovos de ouro \* Lury Moraes | Ele não combina com você: mãe preta de filho branco \* Jakelliny Almeida Santos | Fim. \* Pedro Linhares G. de Souza | O doce sabor da vitória \* Tiago Cracco Miranda | Ainda sem nome \* Bethyna Vitória de Jesus | Colhendo Ágape \* Leonardo Schneider | Árvores \* Pedro H. Tananuska | O Cansaço \* Marcos Rebelo Concentino | Ensaio de um frenesi bestial \* Thaís Artigas dos Santos | Presente no presente \* Júlia Sottili || Quase artigos | Silviano Santiago e o pós-estruturalismo: Um olhar para o efeito do superastro nas subjetividades contemporâneas \* Andressa Medeiros Avi | “Cultura do cancelamento”: entre justiça social e linchamento virtual \* Daniely de La vega | Mário de Andrade e o ódio pelos olhos apáticos da burguesia, em Paulicéia Desvairada \* Targino de Lima et al | A reclusão como ritual de passagem em contos de magia \* Juliana Oliveira | El cine de terror como alivio estético ante los virus gripales \* Guerrero Bautista et al. | Paralelismos narrativos: a jornada do herói e a jornada do louco no tarô. \* Lara Jussim Fonseca Machado | Dos caminhos da Crítica Cultural: uma breve abordagem\* Vitória Porto Rodrigues || Resenhas | Adolescência: A construção da masculinidade no discurso incel \* Taísa Machado | Ellas no son competencia \* Cecilia Arrarte Arzola | Uma (não) resenha, Alê Motta e seu “Velhos” \* Maysa Monteiro | Um Abdias do Nascimento e Price-Mars : Etnologia como ferramenta de valorização cultural \* Clarens Chery | Para que ninguém a quisesse: uma breve análise do desejo patriarcal no conto de Marina Colasanti \* Laryssa Ferreira da Silva | Los viajes reales e imaginarios de Colón, según Germán Arciniegas, en el capítulo “Relato de Cristóbal el desventurado”, de su “Biografía del Caribe” \* Claudia Rivera | De lo ficticio y lo real en las ciudades latinoamericanas entre los siglos XVI y XVIII: “Las ciudades hidalgas de Indias”, de José Luis Romero \* Claudia Rivera | “Las espinas en los platos” \* Requenha et al | O gótico andino no conto Las Voladoras, de Monica Ojeda \* Rafaela Monticelli | En los bordes del silencio \* Barboza et al || Para ver | Múltiplos \* Andreia Muniz Lisboa.



## APRESENTAÇÃO

---

PREGUIÇA V. 6 N. 1 E 2. (2024) – EDIÇÃO DE DESPEDIDA.

Preguiça, ao contrário do que se pode pensar, é uma disposição cheia de exigências. Uma postura, que, diferentemente daquelas provocadas por outros protestos do espírito, não se faz pela rigidez e dureza. Não coloca os músculos em estado de retensão, mas o de descompressão. Sua máxima potência vem ao se fazer corpo mole.

É um protesto que se nega a participar dos círculos bélicos que se apresentam como única via disponível para todas as disputas, contradições, rivalidades, ordenações.

Dessa renúncia da força surgem as formas mais acrobáticas de se negar ao trabalho.

Aliás, não é quando por fim se baixar a guarda, seguindo o tratado de paz proposto pela preguiça, é que surgem formas de corpo contra corpo muito mais prazerosas?

É a condição para o encontro alegre, que deixa para traz as mazelas do emprego, as demandas por notas, as preocupações diárias em busca de uma trégua que seja. É a liberdade que se encontra em perceber que o celular está longe demais, alguns poucos e definitivos centímetros do alcance da mão.

A preguiça é ao mesmo tempo tão flexível em suas configurações que sugere toda uma variedade de mobílias especializadas para lhe dar suporte devido: redes, camas, cadeiras de bar, esteiras de praia.

Uma vasta literatura lhe é consagrada, em suas mais devidas variações (languidez, inércia, protelação, procrastinação, indolência, morosidade, acídia), muitas vezes para vituperá-la, acusá-la, ameaçá-la. Mas é fácil perceber que nenhuma delas é capaz de demovê-la: basta um bocejo para afastar todos esses preconceitos, um fechar de olhos para esquecê-los.

Foi para isso que tanto trabalhou quem ajudou a compor estas páginas, sacrificando-se para manter viva a preguiça em quem lê, distraindo qualquer vontade de voltar às tarefas e, ao mesmo tempo, não deixando que o tédio, a melancolia e a culpa azedem a gostosa sensação de resistir sem nada fazer.

**Tiago Guilherme Pinheiro**

*Editor-chefe*

*Tutor do PET-Letras UFSC*



Hanna Boassi\*

---

\*Hanna Boassi é graduada em Letras - Português pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), estagiária na Editora Insular e parte da equipe da Preguiça. Email: boassihanna@gmail.com

Só por hoje  
não preencher ausências  
com doçura fácil.

Só por hoje,  
água —  
sem culpa, sem pressa.

Só por hoje,  
o espelho  
como superfície,  
não sentença.

Só por hoje  
o corpo  
sem números,  
sem régua,  
sem veredito.

só  
por  
hoje.





Marco Remioza<sup>1\*</sup>

<sup>1\*</sup> Graduando em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas, Universidade de Santa Catarina; autor dos livros “Domingo Azul” (2025, Editora Ases da Literatura), “Pés na Areia, Morri” (2024, independente) e “Antes do Oblívio Global Poético” (2025, Editora Obixo). E-mail: marcoarjuliano@gmail.com

## AS COISAS

Eu não costumo falar as coisas  
as coisas  
as coisas  
porque eu costumo prender a respiração

Por que diabos eu prendo a respiração?

Estive lá, já estive lá  
tirando fotos no meu contraespelho  
de um quarto que não é meu

Assim eu vou prender a respiração

A guitarra narra uma canção  
nas altas horas, voilà  
Comendo botão  
comendo botão  
Por que eu costumo prender a respiração?

Eu não costumo falar as coisas  
as coisas  
as coisas  
do tipo... "eu gosto de você"

- Eu gosto muito de você,  
piamente gosto de você

Desde então, não prendo mais,  
não prendo mais e digo com gosto  
as coisas  
as coisas



# Reticente

bombo mor,

teu couro

embala meu eco

quero tua pomada

de si

em estoque

e o pilão do teu

calcanhar

no meu bem



Emanuel José Gonçalves de Araujo<sup>1\*</sup>

<sup>1\*</sup> Estudante de nutrição e um amante das palavras. Email: emanuelaraju155@gmail.com

## A OITAVA MARAVILHA DO MUNDO

Quando o mundo deitar-se sobre o sepulcro  
Eu serei o holofote, a todos, fascínio do corpo.  
Eu sempre almejei pelo amanhecer do dia.  
Correndo pelos caminhos, símile da entropia.

Eternizar o meu fôlego como um doce veneno.  
Eu pensei no que ficaria aqui como meu legado,  
Talvez eu tenha encontrado a solução na poesia.  
Não leia-me com os lábios, mas com a estesia.

Chame-me de a oitava maravilha do mundo,  
Mergulhe em minha história, seja um viciado.  
Beba dos meus lábios o amor e a liberdade,  
Porque está aqui o que eu sinto com verdade.

Já chamaram-me de dramático porque eu choro,  
Eu pensei em quando e como eu estaria morto.  
Sob o sol, eu chamei-me de escuridão ofuscante.  
Selado sob a carne, Narciso, do dolo à morte.

Quando as cortinas em flamas anunciarem o fim,  
Eu serei o universo, a sinfonia que há em mim.  
"A vida do ordinário" crave como o meu epitáfio.  
Eu transbordei em ondas de plangor e brio.

Eu quero ser eternizado, orlado sobre a terra.  
É ignoto o que será da vida quando tudo cessar.  
Eu queria deixar aos meus descendentes amor,  
A essência da euforia e agonia, gêmeo da dor.

Chame-me de a oitava maravilha do mundo.  
Por favor, não julgue-me, eu não sou culpado.  
Alma advinda de Deus. Siga-me, é uma dança.  
O meu amor é a minha poesia e a esperança.

Eu ainda estou jovem, e é real a eternidade.  
Mas, algum dia velho, é cruel a efemeridade.  
O fascínio do corpo será esvaído pelo tempo,  
Que eu possa suplantar e permanecer eterno.

Chame-me de a oitava maravilha do mundo,  
Leve-me aos braços, segure-me ao seu lado.  
Amor florescendo e rodopiando em cadência.  
Chame-me, eu posso viver em sua harmonia.

Quando eu morrer haverá alguém comigo?  
Ou eu darei adeus a plateia de barbitúrico?  
Eu não quero o olvido, a solidão de existir.  
Vida, seja uma surpresa, apenas cintile.

Ressignificar as intempéries em venusto,  
É o que eu estou fazendo a cada minuto.  
Amor, flua em mim. Eu não preciso de muito.

Quero ser a ti a oitava maravilha do mundo.



Elizangela Araújo dos Santos Fernandes<sup>1\*</sup>

<sup>1\*</sup> Bacharela em Direito pela Universidade Estadual do Tocantins – UNITINS (2019). Advogada. Mestra em Letras pela Universidade Federal do Tocantins – UFT (2021), Campus de Porto Nacional - TO. Doutoranda pelo Programa de Pós - Graduação em Linguística da UFSC. E - mail: elizangelabibi2@yahoo.com.br



## AH, OCEANO...

Disseram-me de ti  
Mil abismos e naufrágios,  
De sereias e marujos  
De orfandades e piratas...

Morrerei a morte de não o ter?

Ah, oceano...  
Onde tudo se encerra...  
Mesmo o amor  
Se estiver certo  
De assim ser.

Só há um princípio em ti.  
Liturgicamente:  
O sutil murmúrio  
Dos finais de festa  
E este eterno gosto  
De adeus e sempre...



Izabel Bayerl\*

\* Acadêmica de Letras - Língua Portuguesa e Literaturas na Universidade Federal de Santa Catarina e bolsista no Programa de Educação Tutorial dos cursos de Letras. E - mail: bellbayerl@gmail.com

vivo sem pele  
tudo toca  
tudo fica

meus olhos falam  
antes de mim

minha face  
traduz o que nem sei

queria silêncio  
sou ruído



Andréia Muniz Lisboa<sup>1\*</sup>

---

<sup>1\*</sup> Especialista em literatura Brasileira pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Mestre em Letras pela Universidade Federal do Tocantins (UFT), Doutoranda em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: lisboadeia38@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0002-4237-3273>.

## LATINIDADES

Fostes tu a pátria amada?  
Pálida impávida  
Retalhada de imensos caminhos tortos  
Veias abertas, dilaceradas

Berço esplêndido de salivas fétidas esbravejam  
-És teu brio  
-Iluminar o sol de todo o mundo

Florestas e vales sucumbidos  
Margens inteiras inundadas  
De amor e esperança o fálico lítio desce  
O verde ouro é sua nova fama  
O lábaro ostentas ruínas estreladas

Solo é a mãe  
O filho seu morreu na luta  
Num brado retumbante do chocalho de ossos

Não há paz e nem futuro  
O presente cava essa grandeza  
Tem quem te adora própria morte

Conseguiram te tomar com braço forte  
Dilaceram seu corpo a própria sorte  
Terra morta, idolatrada, salve, salve



Vinícius De Oliveira Gadini <sup>1\*</sup>

---

<sup>1\*</sup> Graduando em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. Contato: [Viniciusgadini@gmail.com](mailto:Viniciusgadini@gmail.com).

## MATERIALISMO

Sempre quando nasce o dia eu abro os olhos.  
Sempre quando nasce o dia eu sinto o mundo.  
Sempre quando nasce o dia eu renasço, como uma fênix.  
Sempre quando nasce o dia eu não existo verdadeiramente, nem tu,  
Nem o universo, nem as causas, nem os efeitos,  
Nem o mundo ou o submundo,  
Nem metafísica, ou Cristo, Krishna, ou a antropologia,  
O conhecimento analítico e empírico, a discussão, a verdade  
O mito, o tempo, o espaço,  
Sempre quando nasce o dia, sempre quando nasce o dia.

Sempre quando nasce o dia os sonhos cessam, pois entendo  
Que não há lugar para os sonhos neste mundo dos dentes e das remelas,  
Num mundo congestionado de reações químicas e físicas, e sinto  
Que as reações químicas e físicas  
São a única força operante na minha vida  
(Sinto a amargura na boca,  
Sinto a inércia nos músculos,  
Sinto o cansaço na mente).  
E tudo aquilo que existia à noite,  
no mundo dos sonhos, cessa;  
Todo o resto deixa de existir e só a matéria  
Bruta, fria, inorgânica da terra  
Permanece.  
E dessa matéria sou feito (não dos sonhos),  
E dessa matéria se constitui o mundo.  
Sempre quando nasce o dia ocorre uma nova cosmogonia  
Em que o mal vence o bem,  
A carne vence o espírito,  
A morte vence a vida.

Sempre quando nasce o dia eu sinto preguiça,  
Eu sinto sono, sinto remelas nos meus olhos.  
Sempre quando nasce o dia eu levanto, lavo o rosto e escovo os dentes  
E é só isso que há: o dia, rosto e dentes.  
E me olho no espelho e enxergo uma imagem, que é um signo,  
Um correspondente da realidade, mas não a real  
Realidade,  
E nessa imagem eu existo:  
Cansado, aparvalhado, enciumado.  
Ou minha imagem existe em mim:  
Desprezado, rejeitado, atrapalhado.  
E este sou eu, sem virtude ou valor algum  
Apenas eu e meu rosto, remelas e dentes,  
E é só o que importa e eu as tiro (as remelas),  
E eu os escovo (os dentes).  
E nada há de metafísico nisto,  
E nada há de valoroso nisto,  
Mas ainda faço, pois sou pó e ao pó voltarei,  
Feito de carne, involucralmente carne,  
Interiormente carne,

Verdadeiramente carne,  
Predestinado ao destino da carne: o verme,  
Que me roerá os dedos,  
Que me roerá os órgãos e os ossos,  
Que me roerá a face, os dentes, as remelas,  
Que hoje trato tão bem.  
E quando nascer este novo dia, tudo o que sou,  
Que hoje trato tão bem,  
Então será dele,  
E eu serei dele  
E seremos um, o verme e eu,  
Conjurados numa forma básica de existência,  
Até que o verme também padeça e outro verme  
O roa e assim continue o ciclo,  
O infinito ciclo,  
Das manhãs e das faces, remelas e dentes,  
E da própria existência.





Beatriz Kesting Tramontin<sup>1\*</sup>

---

<sup>1\*</sup> Beatriz Kesting Tramontin é poeta, pesquisadora e cineasta. É doutoranda em Literatura (PPGLit-UFSC). Autora de Territórios Vazantes (Caiaoponte, 2020) e Caixa de Poemas (EdiUnesc, 2014). Mestra em Ciências da Linguagem (PPGCL-Unisul). Graduada em Cinema e Audiovisual (Unisul).

## DERRETER-SE

pego impulso naquilo que conheço  
de mim. eu pego um espaço aberto dentro  
do peito acolhedor  
que as nuvens brincam em ser

pego impulso naquilo que  
conheço, mas não tenho mais  
desejo de saltar  
no impulso que conheço,  
me despeço de quem fui  
me amparando nos braços  
das nuvens que assopram  
o meu futuro nesse colo  
conhecido e chamado  
de céu da boca.



Gabrieli Marques Cabral<sup>1\*</sup>

<sup>1\*</sup> Acadêmica em Letras Língua Portuguesa e Literaturas na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), voluntária do PET Letras, e-mail: gabrielmarquescabral@gmail.com

## ADEUS

As sílabas do Adeus  
escorrem pelos pulsos  
como tinta esquecida.

As mãos não dizem,  
o espaço entre os dedos  
repete a ausência.

Um corpo parado  
é só memória de um gesto.

O Adeus não grita,  
mas preenche  
onde o som não alcança.

Julie Claire Booth \*

---

\* Graduanda de Letras - Português pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). É voluntária no programa REDAPET, realizado através do PET-Letras.

## Chove aí dentro?

atravesso tempestades emocionais de pés descalços  
não nego que o medo carrego embaixo do braço

no cenário acinzentado da neblina  
sigo crua  
em frente  
nua  
na avenida

um passo atrás do outro  
mais alguns quarteirões  
é só dobrar a esquina  
na rua das emoções

o ar áspero  
congela meus pulmões  
seja valente  
é o que dizem os bons corações

pra sentir  
o que quer que seja  
amor  
ciúmes  
euforia  
rancor  
ou tristeza

sem esquiva  
atalho  
ou hipocrisia  
já viu?  
tem quem fuge  
até da alegria

ninguém tá preparado pro que está por vir  
mas a vida só é bela  
se te permitir sentir

Natalia Fernanda Silveira da Pureza<sup>1\*</sup>

---

<sup>1\*</sup> Mestranda em Letras pela UFRGS (Estudos Literários Aplicados: Literatura, Ensino e Escrita Criativa) e licenciada em Letras (Português/Inglês) pela mesma instituição. Foi bolsista do PET-Letras (2020-2024), com atuação no podcast Sopa de Letras e na Editora Noctua. Dedicar-se à poesia, à escrita criativa e às literaturas estrangeiras modernas.

## LAURA

I

estou bem, não há o que dizer.  
bem demais, pois até um vestido  
de renda, renda bege.  
até armando sabe, com olhos de safado  
e surdo,  
e o médico ontem mesmo olhou minhas coxas:  
tudo bem, continue.  
e eu continuei, porque estou bem.  
passei as camisas, e até o vestido marrom  
ele sim, sobre as minhas coxas  
vida infértil.  
mas quem precisa, quando se tem coxas  
não é para dançar que me querem  
é para estar como estou, bem.

II

é para estar como estou, boa de beber leite  
e limpar casa alheia, que seja minha  
quieta, sem salto no assoalho  
sem deixar perceber que ali estive  
ou que ainda estou.

III

o médico receitou esquecimento  
anulação de coisas que já fui  
e se fui, deveria retornar.  
entre outras contradições  
receitou vida  
como se agora estivesse vacinada  
a salvo por doses fracas  
e impróprias.  
armando, meu marido,  
há tempos na porta me esperando  
concordou, e mais  
também encomendou esquecimento  
e anulação das coisas que sou.





Thaís Artigas dos Santos<sup>1\*</sup>

---

<sup>1\*</sup> Thaís Artigas dos Santos é mestranda em Literatura no PPGLit/ UFSC e licencianda em Letras Português na mesma instituição.

## UMA TRÍADE LISBOETA

Dentre os azulejos coloridos e os sons urbanos  
Se algo me agrada nesta cidade de colinas  
São os varais de roupa que pendem dos prédios antigos  
Revelando uma exposição compulsória da vida íntima  
Entre algodão e linho a mescla do público e do privado

A despeito da robustez da pessoa portuguesa  
Há o ânimo forçoso de emprestar ao vento  
O lugar que o corpo ocupa

Ver o vento vestir lençóis, panos de louça, jeans e malhas de bebê  
Me faz ficar a imaginar quem ali habita  
E quase me atrevo a gritar-lhes a todos – Silêncio!  
As roupas estão secando.



Fonte: Thaís Artigas dos Santos

desço lento a escadaria do prédio  
enquanto uma senhora portuguesa me olha sem pudor  
me preparo para receber um volta pra tua terra  
ao invés disso  
ela diz  
deixardes secar as fisális



Fonte: Thaís Artigas dos Santos

De mansinho vejo o Tejo  
Pelo canto dos lábios eu rio  
Faço uma despedida bonita  
Desaguo pelas ruas de Lisboa  
Anseio por deixar parte minha  
Quase me arranco um fio de cabelo  
Para soltá-lo no ar  
Voar pela cidade através do fio  
Tecendo as noites de prazer  
às noites de insônia  
Para que eu não esqueça  
Para que ela não esqueça  
De nada adianta puxar-me os cabelos  
Não há materialidade na ausência  
Permaneço dentro dos olhos que olhei  
E levo comigo a memória de uma cidade  
Em que não tive medo de ser vista.

A photograph of a wooden sign in a lush forest. The sign is mounted on a horizontal wooden beam and is supported by two vertical wooden posts. The sign has two lines of text: 'TRILHA DO JOÃO CAVALHEIRO' on the top line and 'Extensão 250 metros' on the bottom line. The background is a dense forest with many green trees and foliage. The lighting is bright, suggesting a sunny day.

TRILHA DO JOÃO CAVALHEIRO  
Extensão 250 metros

Cecília Maria Pontarolo de Camargo Kohler<sup>1\*</sup>

<sup>1\*</sup> Estudante do IFSC. E-mail: [cecilia.mp24@aluno.ifsc.edu.br](mailto:cecilia.mp24@aluno.ifsc.edu.br)

## ME.....

Já me perguntaram, com você consegue se você?

Como não ser o que os outros espera de você? Foi o que me perguntei

Quando era moça, me deixei ser controlada pelo medo de ser quem sou, pelo que as pessoas queriam de mim.

Me deixei ser controlada pela vergonha de mim, pelo medo de ser julgada.

Me magoei pra não magoar.

Me calei pra não calar.

Agora faço outra pergunta, se não me cuidar quem vai cuidar me?

Se eu não me amar, quem vai amar me?

Se eu não me der voz, quem vai deixar eu me expressar?

Vou me respeitar pra lhe respeitar.

Tirei de mim o medo, a solidão, o silêncio, o normal.

Me dei a voz, a companhia, o barulho, a anormalidade.

Se hoje sou quem me tornei, foi porque um dia me calei.

Se hoje sou quem me tornei, foi porque me libertei, me despadronizei

Não culpo os outros, me culpo por um dia ter me deixado.



## “FORAM OS LIVROS, MAS TAMBÉM FORAM AS PESSOAS”

JÉSSICA HELENA TROMBINI \*

Não consigo me lembrar de qual foi o livro que me fez me apaixonar pela Literatura e pelo ato de ler. Não só porque faz muito tempo, ou porque foram muitos, ou porque eu era muito criança quando comecei a ler (apesar de eu não ter sido nenhum daqueles prodígios que aprendem a ler aos 3 anos). Mas porque sempre havia um livro para pegar na estante de casa e folhear as coleções antigas adquiridas pelo meu pai mês a mês a duras penas, contando as moedas, mesmo que eu ainda não entendesse o valor daquilo, e talvez nem ele.

Mas consigo me lembrar da minha mãe lendo para mim à beira da cama antes de dormir. Alguns dos livros que ela lia eram uma coleção da Disney, quadradona, cujos volumes vinham acompanhados de uma fita K7 ou cassete (tradução: a avó dos audiobooks era uma fita para escutar as histórias e que, na verdade, nunca chegou até nossas mãos). A coleção foi herdada dos meus primos que já estavam grandes o suficiente para rejeitar essas leituras. Eles não liam nada e preferiam colecionar latas de Pringles e assistir Beavis e Butt-head na MTV — a qual, anos depois desses fatos, em algum momento do dia, começou a interromper a programação e exibir por até 15 minutos a mensagem "Desligue a tv e vá ler um livro".

Consigo me lembrar de alguns livros que eu trazia para casa, obviamente emprestados, lá da Escola Municipal de Ensino Infantil, cheios de figuras grandes, coloridas, e textos educativos com historinhas simpáticas. Na pré-escola, não foram poucas as vezes que as professoras nos presentearam com livrinhos. Lembro que a tia Regiane escreveu uma dedicatória no meu exemplar de "Zacarias, o pintor". Não me lembro do porquê eu o ganhei, mas acho que cada aluno recebeu um desse. Também lembro de outros livros que, da mesma forma herdados de outros primos, estão guardados, alguns rabiscados, até hoje. "Sopa de Letrinhas", "Marcelo, Marmelo, Martelo", "Florisbela, a galinha amarela".

Consigo lembrar do meu pai se sentando no sofá ao meu lado e me ajudando a ligar as palavras, conectar as sílabas, explicando que "ao" não era "ão". Consigo lembrar

também da cena em que minha mãe disse que eu já conseguia ler sozinha e queria que eu lesse em voz alta com ela. Eu fazia um pouco de manha, e algumas vezes nos revezávamos, até que eu passei a dormir sozinha no quarto que foi construído no fundo da casa. Nem preciso dizer que o hábito de ler antes de dormir continua até hoje.

E consigo me lembrar da minha avó, a Dona Leni, lendo antes de dormir, sob a luz de um abajur no meu quarto, que eu dividia com ela quando vinha nos visitar. É claro que não eram clássicos, minha avó era uma pessoa simples, não teve oportunidade de fazer uma faculdade e mal terminou o chamado Ginásio, hoje algo equivalente ao Ensino Fundamental. Ser alfabetizada já era uma vitória enorme, algo que minha outra avó, por parte de pai, Dona Cida, nunca conseguiu ser.

Consigo lembrar que os livros da D. Leni eram "Júlia", "Sabrina" e "Bianca", trocados semanalmente em bancas de jornal. Eu pedia para ela ler em voz alta um trecho da página em que estava no momento, e minha avó o fazia, provavelmente com censuras. Ela também lia livros religiosos, vidas de santos, santas, papas, entre outros, mas hoje acho que isso não importa.

Depois disso, lembro da coleção Vagalume. Um ou outro livro peguei do meu irmão mais velho, que já estava no Colegial (o Ensino Médio na época em que ele estudava). Outros eu passei a pegar na sala de leitura da escola que, devido ao seu tamanho e à pequena quantidade de livros e à falta de alguém para cuidar, nem podia ser chamada de biblioteca. Eu só surrupiava por uns dias e depois deixava no mesmo lugar, provavelmente ninguém percebia.

Mas também me lembro das incursões na única biblioteca de uma cidade do interior com minha prima nas férias. Bem mais velha que eu e professora de inglês, me levava para emprestar qualquer livro que eu quisesse, e depois ela mesma devolvia. Se houvesse tempo, ela me levava de novo para escolher outro. Depois, quem assumiu esse papel foi minha cunhada que, por sinal, era professora do Magistério e colecionava gibis da Turma da Mônica (li vários com ela).

Ainda me lembro de ir à biblioteca da minha cidade, às vezes pegava 5 livros de uma vez e devolvia em poucos dias. Foi só aí, pelo Fundamental, que entraram as leituras obrigatórias e os clássicos adaptados para a linguagem juvenil. Me lembro que foi nessa altura que começaram a aparecer as pessoas que odiavam ler, sobretudo livros nacionais, porque achavam que Literatura Brasileira se resumia a Machado de Assis e José de Alencar, esquecendo que existem centenas de autores e autoras, modernos, contemporâneos, de vários gêneros, idades e regiões. Tenho um pouco de Preguiça. Não é possível que se odeie tudo, é?

Me lembro que fiquei remoendo esses pensamentos depois que levantaram a pauta (ou a não pauta?) no *Bluesky*, no *X* ou no *Threads* sobre qual fora o primeiro livro

\* Jornalista formada pela UFSC, e atualmente é graduanda em Letras-Italiano e mestranda no

Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET-UFSC).

que me fez pegar paixão pela Literatura. Tudo veio meio junto. Não me lembro do primeiro livro, mas me lembro das pessoas que participaram desse processo.



一 端ハゆるし圓ハし 種府す言ハ尺程の木ハ亦も大あり  
 とも種のみや遠くすあり  
 樹ハ木種ハあり  
 一 異木高木ハ印黄毛の石もものを取、潤ひぬれり、草  
 木ハ一人ハひハ毛ハ木種あり  
 一 魚ハ不足しハ小蝦ハ五  
 一 承ハ決りあり、乾正あり、牛も目ハ一ハ眼脂あり



一 樹ハゆるし圓ハし 種府す言ハ尺程の木ハ亦も大あり  
 とも種のみや遠くすあり  
 樹ハ木種ハあり  
 一 異木高木ハ印黄毛の石もものを取、潤ひぬれり、草  
 木ハ一人ハひハ毛ハ木種あり  
 一 魚ハ不足しハ小蝦ハ五  
 一 承ハ決りあり、乾正あり、牛も目ハ一ハ眼脂あり  
 コロコシル譯別説あり

カレカレセル園



## “SIM, COM AGÁ.”

MAHARA SOARES\*

na preferência de sentir, ainda que doa. Só quero pontuar que vejo graça nos carros e no amarelo e nos “sim, com agá” e nas bananas e nas moedas e na madeira do teto do shopping. Vejo graça nas coisas de novo e gosto mais de mim quando procuro no que reparar. Gosto quando você me faz ser eu. Gosto quando você me faz ser seu (travesseiro).

Eu gosto de ser seu travesseiro e de ser o seu bom dia. Gosto de como você me faz sentir como as personagens dos romances que eu lia quando ainda acreditava em almas gêmeas e em todas aquelas coisas que inventam pra nos convencer de que o amor é fácil e rápido. Pacote completo: bochechas rosadas, coração acelerado, falta de ar e a incapacidade de formular uma sentença inteira. Logo eu.

Sei que jurei preferir sentir algo a sentir nada, mas preciso admitir que isso me assusta um pouco. Você me tem tão certo desde o início que, honestamente, não acho que tive algum poder de escolha. Eu sei, eu sei... eu falei que. Jurei que quem já doeu e já quebrou não precisa temer doer de novo, mas eu bem sabia que esse meu papo era furado. Todo mundo tem medo de.

Na mais cômica hipocrisia eu tentei te convencer de que você pensa demais. Eu, que penso em você em cada chance e em cada tempo livre que consigo agarrar. Tudo bem, acho que todo apaixonado fala o que não faz e faz o que não fala. Ao menos prefiro acreditar que sim. Preciso crer que toda a desmesura do meu sentir é cabível nas medidas mais justificadas.

Mas calma. Não estou professando que. Nada disso. E me conformo se não. Sigo

---

\* Mahara Soares é graduanda do curso de Letras - Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade Federal de Santa Catarina.



## A FILA

THAYANE VASCONCELLOS DOS SANTOS DANTAS<sup>1\*</sup>

Ainda ontem, eu rolava os reels do Instagram despreziosamente, apenas um autômato em busca de dopamina barata. No meio dos vídeos fugazes e banais, um me arrancou da anestesia digital: duas pessoas numa discussão acalorada na fila do caixa de um supermercado. Filas, por si só, já são um teste de paciência, mas o motivo daquele embate foi o que realmente me deu nos nervos.

A trama foi a seguinte: um senhor sessentão reclamava com uma mulher por ela estar na fila preferencial sem ter direito. Constrangida, ela esclareceu que estava ali usufruindo de um benefício, visto que seu filho era autista e a acompanhava. Não satisfeito, e totalmente aquém da lei, o senhor retrucou que o autista ali não era a mãe e que criança não fazia compras. A mãe tentou contra-argumentar, mas o autodeclarado “regulador de prioridades” não parou por aí. Ele prosseguiu, dizendo que lugar de criança autista era em casa, que “gente doente” tinha que ficar trancada.

Se fosse um caso isolado, refletiria apenas a ignorância de um indivíduo. Mas a cena da fila escancara algo maior: a exclusão sistemática, que se espalha por inúmeros setores. Meursault, personagem de Albert Camus, não é condenado apenas por seus atos, mas por não reagir ao mundo como se espera. Da mesma forma, os neurodivergentes são frequentemente tratados como “estrangeiros” dentro da sociedade. Sua forma de interagir com o mundo costuma ser mal interpretada, resultando em exclusão e preconceito.

Não raro, crianças com autismo, TDAH e outras condições são invisibilizadas e excluídas também pelo sistema educacional, como se fossem um problema a ser resolvido, uma batata quente sendo passada de mão em mão. Basta olhar para uma sala de aula: aqueles que não se encaixam na engrenagem são esquecidos à margem. “Fulano não consegue ler, só fica no celular. Deixa ele pra lá, ele não aprende nada.” Isso é o que circula em salas e corredores de numerosas instituições, um discurso que não aparece em campanhas governamentais. Tratam o diferente como uma bomba-relógio; se ninguém a tocar,

não vai explodir. Dessa forma, a criança segue ali, transparente numa sala de aula cheia, passando de ano sem que o ano passe por ela.

É sabido que a Escola está ruindo e precisa se metamorfosear. O quadro atual, todavia, mostra professores sobrecarregados, cargas horárias abusivas, salários defasados, falta de formação continuada e de treinamento para lidar com os novos desafios da escola, infraestrutura precária, auxiliares de menos para alunos com necessidades especiais... Poderia listar mais uma dezena de problemas que dificultam o trabalho docente, e eles validariam o desânimo que temos visto nesta categoria, mas não podemos tapar o sol com a peneira para justificar aquilo que está ao alcance: o que fazer dentro do nosso pequeno reino de quatro paredes? Para mudar essa realidade, é preciso olhar para dentro das próprias instituições de ensino. Conforme Nóvoa (2022) argumenta, a formação dos professores é um pilar fundamental na construção de um ambiente realmente inclusivo. Em vez de segregar, a escola precisa abraçar metodologias que enxerguem cada aluno como um indivíduo dotado de potencial uno a ser trabalhado, e não como uma irregularidade a ser suprimida.

Historicamente, o instinto de sobrevivência nos levava a reecer o que não entendíamos, mas, na modernidade, essa mentalidade funcionalista e irracional precisa ser superada. Continuamos rejeitando o que não podemos significar, o que nos escapa à compreensão. À semelhança do conto *Le Horla*, de Maupassant, no qual o protagonista é assombrado por uma presença invisível e incompreensível, a sociedade teme e marginaliza quem não se enquadra em suas normas. O neurodivergente, como o *Horla*, é percebido como um “outro” que está presente, mas cuja existência parece desestabilizar o mundo conhecido.

O Homem está inserido em uma língua e cultura normativas, em que os “desvios” da normalidade são tratados com desprezo. Numa perspectiva semiótica da língua (domínio do signo, do sistema), muitas formas de comunicação dos neurodivergentes são ignoradas ou invalidadas por não seguirem os padrões convencionais. Essa exclusão, porém, não é apenas física. Quando alguém tem sua forma de expressão desconsiderada, sua pessoalidade também é repudiada. Com base nas discussões de Benveniste, é fundamental considerar a perspectiva semântica da língua (como cada discurso produz significado) para uma análise mais sensível. Estudos mostram que as vocalizações e expressões de crianças autistas seguem uma lógica própria, baseada nas estruturas da linguagem, ainda que de maneira singular. É essencial analisar como cada indivíduo se apropria da linguagem de forma única, se posicionando como sujeito no mundo. A subjetividade não é algo que existe antes da linguagem, mas é constituída nela e por ela. Por que, então, para alguns, essa existência é negada?

Em alguma medida, o senhor da fila considerou-se superior na interação intersubjetiva. Ele era um “eu”, dirigindo-se a um “tu” — a mãe —, referindo-se a um “ele” — a criança —, o qual, mesmo presente, foi anulado ao

<sup>1\*</sup> Graduanda em Letras Português-Francês pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e professora de línguas. Em seus textos, investiga os “entrelugares” da linguagem e da existência, articulando uma escrita crítica do cotidiano e de seus discursos. E-mail: thayvsdantas@gmail.com.

estado de não-pessoa, ao estado de coisa, de anomalia. Juciane Carvalheiro (2009), ao analisar a obra de Kafka, mostra como Gregor Samsa, ao se transformar em barata, é progressivamente despersonalizado, privado de seu lugar de sujeito na linguagem. Sua família passa a tratá-lo como um fardo, um “ele” (não-pessoa) que não mais pertence ao convívio humano. De modo semelhante, os neurodivergentes são seguidamente empurrados para uma condição de invisibilidade dentro da sociedade: falam, mas não são ouvidos; existem, mas não são plenamente reconhecidos. A não-pessoa é condição única de enunciação, pois é “daquilo que se fala”, mas não deveria ser usada como arma de menosprezo, para cercear vozes e abafá-las dentro de quartos.

A literatura tem o poder de trazer à luz o que nos passa despercebido. Ela extrapola a realidade expondo dinâmicas que se repetem em espaços sociais ou mesmo privados. Como Meursault, essas crianças são julgadas por não se adequarem às normas sociais. Como o Horla, são vistas como presenças perturbadoras. Como Gregor Samsa, são reduzidas a um incômodo a ser eliminado. Se absurdos como esse são proferidos a olhos vistos, o que não acontece às escuras?

Os dias são maus, mas torço, quem sabe com a ingenuidade de um infante, para que sejamos mais a “mãe da criança”, e menos o “senhor da fila”. Este, não apenas negou um lugar naquela fila específica, mas negou um espaço de existência para aquela criança. Em cada pequeno gesto, reforçamos ou contestamos essa lógica. Podemos escolher ser a voz que silencia ou a que acolhe. Espero que, quando confrontados com a possibilidade de validarmos alguém sendo o “tu”, façamos com respeito e cordialidade. Todos somos sujeitos e significamos através da linguagem, mesmo que ela advenha de um “eu” (locutor) se dirigindo a um “tu” pressuposto (alocatário), mesmo que ela seja única e signifique somente para o locutor. Ainda há muito a ser feito, mas toda mudança começa com um pequeno ato de aceite.

Por ora, chega de internet. Vou ali mergulhar no caos controlado dentro de um livro. Mas, quando voltar ao mundo, espero ser alguém que cede espaço para a existência do outro na ciranda da fila enunciativa.

Referências:

BARROS, Isabela Barbosa do Rêgo; FERREIRA JÚNIOR, José Temístocles. A criança autista e a enunciação como uma realização vocal da língua. 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/EUTOMIA/article/view/258451>. Acesso em: 10 fev. 2025.

BENVENISTE, Émile. Problemas de linguística geral. Tradução de Maria da Glória Novak e Luiza Neri. Revisão de Isaac Nicolau Salum. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1976. (Biblioteca Universitária. Série 5ª, Letras e Linguística, v. 8).

CAVALHEIRO, Juciane dos Santos. A alteridade e seus efeitos na constituição da subjetividade: uma análise enunciativa dos protagonistas Kafkianos. 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/6430>. Acesso em: 16 fev. 2025.

NÓVOA, António. Escolas e professores: proteger, transformar, valorizar. 1. Ed. Salvador: SEC/IAT, 2022.



## VERBORRAGIA COTIDIANA

HENRIQUE CAVAGNOLI MACHADO<sup>1\*</sup>

Percebo-me flutuando sobre águas turbulentas em meio a uma tempestade, envolto ao caos. Ondas massivas agitam o mar violentamente rasgadas por pontiagudas rochas negras que aparecem e somem dispersas na paisagem. Sinto-me acompanhado. Estou como que procurando por alguém, não sei ao certo quem, mas, antes que dê por mim, numa agitação de pensamentos desconexos e sensações ambíguas: desperto.

Sinto a boca seca em compasso com uma tremenda vontade de fumar e, desnorreado, tateando à procura de meu celular por entre as cobertas, vejo a hora ainda com os olhos inchados – instantaneamente retraídos pela luminosidade da tela.

Aproveito para conferir as notificações pelo puro prazer de obter um pouco de satisfação ao tocar os seus ícones vibrantes. Reviro-me na cama, mas logo volto à mesma posição — o wi-fi só pega em uma das extremidades e ainda tenho que ficar com o braço esticado, suplicando por conexão. Consigo um risquinho, acesso a rede e checo o número de mortes. Foram 12. Bom dia.

06:34. Por que acordo tão cedo? Se trabalho até tarde, por que acordar agora? Levanto-me, vou para a cozinha. Olho a mesa, olho o sofá, abro a geladeira; certifico-me de que nada mudou. E na verdade não haveria de mudar, mas a angústia pela novidade é constante. Caminho em círculos em meu apartamento resolvendo desejos pela metade, largando o isqueiro no banheiro, deixando a água fora da geladeira, a brasa cair na mesa. Genuinamente não me importo, sou uma entidade entrópica carente de desejo e ambicionada a consumir a si própria.

Resolvo sair, e, andando pela cidade buscando me distrair, passo pelas ruas e observo as pessoas — meras transeuntes —, os prédios, as árvores, as praças, os carros. Caminho sem rumo, sendo levado, porém, estrategicamente às ruas e prédios os quais ela frequentava. Caminho em busca dela em meio à multidão. Milhares de pessoas indo e vindo, e eu, caminhando e

fingindo, respirando fundo e levantando a cabeça a cada tantos passos, tentando esboçar uma confiança que não tenho.

Sei o que procuro, mas não tenho certeza se desejo encontrar.

A ebulição começa sorrateira. Quando não pela cabeça, pelo estômago, o que acho até melhor. Por vezes é no peito e sinto que não consigo respirar. Atravesso à pernadas o centro inteiro, paro em um mercado, compro uma cerveja e busco o banco de praça mais próximo onde eu possa descansar e fumar um cigarro sossegado. Tudo o que eu queria era um bom banco, à sombra, onde se possível pudesse perceber uma brisa gostosa que carregasse os meus pensamentos para longe até chegar ao canto dos passarinhos e, enfim, pudesse respirar em paz. De onde estou, o que vejo é um lugar esturricando ao sol, próximo à famílias com uns olhares um tanto duvidosos...

Fito em volta; reflito. Prefiro me retirar e sentar onde quer que seja, meio-fio ou sarjeta, tendo um pouco de sombra estará ótimo! Naturalmente, após este tempo de matutações, a cerveja esquenta, mas faço mesmo questão de um bom lugar para fumar sossegado.

Cada tragada é como o despejar de milhares metros cúbicos d'água no incêndio que me aflige, como um helicóptero a combater queimadas. Não posso permitir que se espalhe, não, não posso alimentá-lo. Respiro, trago, suspiro. Admiro o céu. Como está lindo hoje: com apenas algumas nuvens esparsas levadas pelo leve soprar de um vento de outono... Reflito sobre os meus sonhos e ambições, busco inspiração. Quase me dá uma vontade de viver, de tentar, de acontecer. Mas a tranquilidade é fraca e os problemas logo querem tomar conta.

Me levanto atrapalhado, cheio de coisas nas mãos, sem saber o que carrego, o que boto no bolso ou na mochila; deixo cair o isqueiro que repousava sobre o meu colo e do qual eu nem ao menos me recordava. Recolho-o e saio apressado pendurando os fones de ouvido em volta do pescoço. É uma cena, sempre uma cena. Me ajeto e busco seguir o meu caminho.

Faço isso com grande frequência e é algo que me tranquiliza muito. Andar pela cidade sem ter necessariamente o que fazer é provavelmente a minha atividade favorita, quando me sinto mais cidadão, mais pertencente, mais atento e presente. Converso com uma pá de gente, abordo e sou abordado – e é incrível a quantidade de pessoas que precisam de uma ajuda pelas ruas da cidade. O que falar de João, senhor nascido na região, preso por 24 anos, conhecedor do direito e da constituição: me deu abrigo certa noite; Simiano, artista de rua, muito educado e bom de papo, sincero, honesto e batalhador, filho de um sindicalista provavelmente corrupto; o imigrante haitiano; o sírio que conheci há

<sup>1\*</sup> Pessoa de pensamento livre. E-mail: henriquehcm@gmail.com

pouco; Joneir, que tanto me marcou; e tantos outros cujo nome não me recordo.

Mas eis que a vejo, e aquele maldito relâmpago atinge-me inadvertidamente, mais uma vez. Uma explosão, um raio um choque! que vai se espalhando por dentro de mim, em todo o meu corpo, preenchendo da carne ao osso. A perda de noção; o tempo, o espaço, a audição: tudo em compressão. Já nada mais importa e só há você. Tão bela, tão terrível, tão cheia de trejeitos, tão meiga e tão distante.

Queria eu ter a perspicácia das poetas para pôr em palavras tudo o que um instante pode significar.

Uma fagulha; um lapso enraizado na eternidade. No momento em que eu te vejo, como que tudo e nada ocorrem ao mesmo tempo. Desvio o olhar imediatamente enquanto a sua imagem permanece fixa, incrustada em meus sentimentos.

Amor você é como o Sol. Olhar-te é como mirá-lo a pino em uma tarde límpida de verão e você, como ele, apenas por existir, resplandece. Irradia por toda a parte este calor que é só teu e que, quando me atinge, penetra a mais gélida de todas as sensações.

Logo não sei mais o que vejo, para onde vou; me formiga todo o peito e percebo que aqui ainda existe amor.





## “SEXTA-FEIRA: AULA DE POESIA OU ONDE HABITA O AMOR?”

ANNA LETÍCIA DE ABREU\*

Muito se fala de que “*saudade*” é uma das palavras mais lindas do nosso português brasileiro, mas para mim há outra certeza. Fui tocada novamente, tão de surpresa, pelo fio condutor que guia minha existência: o amor. Além de ser esse mestre, é muito mais que palavra, é quase um modo de existir num mundo selvagem. Mas não vou me ater a etimologia da palavra, quero contar sobre a força semelhante a de dois rios que o amor leva consigo.

Buscarei contextualizar e narrar voltando para aquele tempo, era uma sexta-feira, algumas coisas saíram de dentro do que eu desejava - estudando a grandíssima Hilst, devaneando que não poderia eu ser do tamanho de uma poetisa desta para tomar sua obra e jogar aos ventos numa sala de aula, duas noites sonhando ou melhor *pesadenhando* sobre, lendo e relendo, enfrentando coisas atípicas, mas tão normais do cotidiano, funciono assim: se foge do meu controle, sou eu quem tenho de fugir. Num vai e vem, embalada pelo mais clássico ritmo do *reggae music* tentando me manter *happy inside all of the time*, ainda tive de encarar a fragilidade que nós - humanos - seguramos tanto dentro do peito, até me transmutar em pura água e desistir da batalha, mais uma noite de sonho. Tudo sob controle até aqui, levanto no horário marcado, não cumpro muitas regras, minha característica é o humor solto e o atraso, mas in ou felizmente, nesta sexta-feira em questão havia outro-eu dominando a situação. Voltamos ao início, despeço-me com um beijo sem graça, cabiam duas de mim dentro do meu próprio corpo, sinto muito, amor, pela minha falta nesse dia, bebo um café e volto ao meu drama, Hilst para cá, Casa do Sol para lá, e um tal “*Se tivesse*” e “*Se te pensasse*” tão grande, que nesse momento já consigo recitar o poema “XII” do Amavisse de trás para frente, respiro, vou muito bem. Numa confusão do que é real ou onírico, a sala de aula proporciona esse êxtase em mim.

\* Acadêmica em Letras Língua Portuguesa na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), bolsista PET Letras e idealizadora e professora no

*Se tivesse madeira e ilusões  
Faria um barco e pensaria o arco-íris.  
Se te pensasse, amigo, a Terra toda  
Seria de saliva e de chegança.  
Te moldaria numa carne de antes  
Sem nome ou Paraíso.*

*Se me pensasses, Vida, que matéria  
Que cores para minha possível  
sobrevida?*

Segui, seguimos.

Um pouco mais contente, mas com um semblante sério, não aquele da maioria dos dias, outro beijo sem graça e um mau-presságio do meu amado sobre o próximo passo do meu dia, meu almoço foi amaldiçoado e nem sequer tinha carona para casa... Que sexta-feira. Tudo bem, relembro para além da função estética do nariz, mas precisamente das narinas, volto ao foco, me desloco, almoço num lugar mais longe, calada, será que todos comem pensando? Deve ser, será que eles pensam na comida? Passa-se comigo que, de tanto pensar, nem sei dizer o que comi hoje, o que estava deitado no prato a julgar meu consciente. Enfim, após esse drama meio desconfortável, o de enfrentar o destino que meu oráculo tinha me designou mais cedo, vem o ápice dessa minha toda história, aconteceu o que me enche o coração, e se bem que, depois de lembrar minha sexta-feira nesse tom tão atônito, nem tenho graça para recitá-lo, mas fazemos-o.

Nem sei como começar devidamente essa parte, o argumento todo deveria estar aqui e simplesmente ignorar as outras coisas que me passaram nos dias ante minha conclusão - apesar de que, até Hilst parte que processo de escrita merece amadurecimento, por que não o meu dia também? Mas como bem ia contando, dá-se então que a alegria é parente amor, daquele que não é figurado no coração, mas sim do contemplativo, do tipo que enche o corpo todo. Estava quase, quase, completamente desiludida, eu tinha oito minutos para decidir entre ficar num lamento ou no ócio da existência. Desse aguardo se dava, dei-me que guardo em mim muitas histórias, assim como todo mundo guarda em si as suas. Numa surpresa, como se eu pensassem em um arco-íris ou quase que uma rememoração, estilo *dejavu*, de outra sexta-feira passada, alguém me chama muito contente, de abraços abertos e de primeira, sem verbo nenhum, sem ação outra, palavrear, dizer ou qualquer coisa do tipo, simplesmente, no instante que os olhos se encontram, os segredos (a)guardados se fizeram certo num encontro silencioso, daí nasce o amor. Nesta sexta-feira, eu que ramava meu barco com minhas próprias mãos, recebi

Projeto RedaPET - Mais que gêneros textuais. E-mail : aannaleticiaabreu@gmail.

como dose de energia alegre o amor que vem do outro, esse que é preenchedor. Conto mais, fiquei em êxtase! Agora só faltavam seis minutos para minha carona paga, já que mais cedo eu me via sem ninguém ao meu dispor e ainda me lembro que pensei, *'só queria estar na minha casa'*, naquele momento quis transformar os poucos minutos em seis mil horas e sair para beber seis ou sete cervejas com aquela notícia em forma de gente, no simples ato de comemorar o partilhar da vida. Trocamos grandes e boas novidades, como se não nos víssemos há seis ou sete anos, já que o amor pe uma linguagem universal eu sabia o que viria ela a me dizer só no primeiro contato visual, hesitei medrosa, ouvi com alegria e pulei mesmo, pulamos! Bati sapatos contra o chão, libertei a voz guardada no peito e transformada na garganta, sorrimos muito, nos abraçamos, fiz planos em voz alta, esses que foram muito bem recebidos. Vivemos muito em quatro minutos, agora faltavam dois, eu precisava achar o meu motorista e aprender a viver 6 meses com uma falta no peito.

A gente só cresce se junto dos outros, eu floresço quando sei que posso contar com o tanto de amor que me cerca, fui também parabenizada pela tão temida aula de poema do início da história, fui acolhida pelos olhos sonhadores e ouvidos gentis da minha amiga. Foi um encontro daqueles que é quase uma festa surpresa de aniversário, um bilhete dourado para Fábrica de Chocolate ou um tatuagem bonita dessas que vem com o chiclete, fiquei feliz com a boa notícia que por instantes deixei a vida de lado e guardei tudo aquilo no coração; são esses acontecimentos invisíveis que despertam nossa humanidade. No mais, para o interesse dos curiosos, naquela sexta-feira a aula de poesia inspirada em Hilda virou exemplo, do lado de cá: rendeu uma pesquisa iniciada e um novo emprego, do lado de lá: uma mala enorme para Córdoba - que eu estava só de alma, porque não pude caber nela - e de novo, reencontros. Obrigada amiga, naquela sexta-feira, você foi a ferramenta que me lembrou a coisa mais importante da minha vida, o fio condutor dela, lá onde habitam meus queridos, minhas amizades, meus sonhos, meus pais, meu cachorro, minha moto, meus livros: n(o) amor.



## “DEVANEIO”

Julie Claire Booth<sup>1</sup>

Há um silêncio na minha rotina. Um tipo de silêncio que não é bem ausente de som, mas recheado de um tipo bem específico de barulho. Um barulho sutil e agradável. Afinal, silêncios absolutos são ensurdecedores. Principalmente pra quem nasceu no centro de uma cidade grande. Mas esse barulho a que me refiro é das coisas como o vento batendo nas folhas, o zumbido de uma abelha ou alguém caminhando sobre as pedras. É o tipo de barulho que só se escuta quando se presta atenção no silêncio. Em meio aos barulhos silenciosos, me debruço nos meus próprios gritos internos. Há um medo na minha rotina. Medo. Não sei ao certo de quê. E ainda sim, consigo descrevê-lo em detalhes. É um tipo que me esfria a barriga. Me acelera o coração. Me faz querer fugir ou me esconder. É um medo de estar fazendo tudo errado. Ou pior, de não estar fazendo absolutamente nada. Medo de que os movimentos se encerrem neles mesmos, sem me levar a lugar algum. Tenho tanto medo da estagnação quanto medo de andar pra frente. Mas afinal, qual é o sentido de temer a vida? Como se eu devesse algo a alguém... Que tolice! Às vezes temo levar a vida tão a sério. Mas também me amedronto de levar as coisas sem seriedade alguma. O paradoxo me fascina tanto quanto me cansa. Será que existe algo que seja sem nenhum contraponto? Temo que a vida não saia como eu planejei. Temo planejar demais a vida. Afinal, talvez meus melhores momentos tenham vindo do imprevisível. Temo viver com medo. Mas pior seria viver sem ele. Há poucas coisas na vida mais gostosas que superar um bloqueio. Também há poucas coisas piores. Aquele frio na barriga. Suor escorrendo pelas mãos geladas. A garganta seca. Um horror. “Onde eu estava com a cabeça pra me meter no meu pior pesadelo?” Uma vontade incessante de crescer, eu diria. Depois que passa, é uma delícia. Me recordo sempre de seguir meus sonhos e enfrentar meus medos. Ou melhor, enfrentar meus sonhos e seguir meus medos. Afinal, qual a diferença? Tememos nossos sonhos tanto quanto sonhamos nossos medos. Não esqueço nunca de duvidar de mim. Um hábito terrível. Por outro lado, é o que me torna humana. Já disse que detesto paradoxos? Mas não consigo pensar sem eles. Feliz ou infelizmente, eu me entrelaço nas teias dos meus próprios pensamentos. Pior ainda quando estou em silêncio.

---

<sup>1</sup> Graduanda de Letras - Português pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). É voluntária no programa REDAPET, realizado através do PET-Letras.



# GABRIELA

GABRIELLE MILENA BIANCO BRASCHI<sup>1\*</sup>

Minha vida até ali eram apenas tons de cinza, e eu nunca havia conhecido nada e nem ninguém que irradiasse tantas cores. Eu nunca tinha conhecido o amor. Até eu conhecê-la. Aparentemente, ela não tinha muitos amigos. E assim ela era a única amiga verdadeira que eu já tive.

Eu confesso que era uma stalker. Já havia assumido isso para mim mesma há algum tempo. Mas convenhamos, não penso nisso de uma forma negativa. Afinal, eu estava a salvando de si mesma, fazendo companhia, sendo amiga, mesmo que a distância. Meus sentimentos por ela não morriam, pelo contrário. A cada nova postagem, eles só cresciam, mais e mais.

Estudávamos juntas havia 3 anos, e desde o primeiro momento que pousei meus olhos em seus cabelos dourados, não tive dúvidas que a amaria até o último segundo da minha vida. Ela era a mais bela criatura que eu já tinha encontrado, graciosa de todas as maneiras: a forma simpática com que se portava à todos; a astúcia que tinha ao discordar respeitosamente do professor nas aulas; e até na forma como colocava as mãos ante os finos lábios ao rir. Ela era perfeita para mim, e eu sabia que ela sentia o mesmo, pois era a única que havia me notado naquela selva hostil, aterrada de animais intempestuosos, exalando hormônios por todos os poros, que chamavam de escola.

Naquele dia, ela sorriu para mim no intervalo, quando acidentalmente esbarrei com ela nas escadarias do prédio. Ela se desculpou, sorriu, e continuou caminhando em direção à cantina. Ela era diferente. Sei que nessas mesmas condições, se fosse outro aluno, teriam me desferido comentários como “Olha por onde anda, estranha”, como já haviam feito. Mas ela era divina demais para proferir tais injúrias demagogas.

Então não é como se eu a machucasse só por tentar me aproximar dela depois da aula. Naquele dia, ela estava mais radiante do que de costume, com os loiros cabelos presos em um coque frouxo, e seus olhos azuis resplandecendo a pureza da sua alma angelical, ainda mais realçados pelo batom vermelho. Sua pele bronzeada brilhando sob o sol poente das 18 horas, algo comum aqui na ilha de Florianópolis, nessa época do ano.

Assim, obviamente, fui atrás dela no final do primeiro dia de aula, após o destino ter feito nos encontrarmos,

finalmente. Eu só queria a conhecer melhor, e eu estava otimista que conseguiria chegar mais perto da minha salvação. Eu só queria conhecê-la por dentro, conhecê-la de verdade. Eu só a queria para mim.

Eu já estava fascinada por Gabriela desde o começo do ensino médio, e o primeiro passo foi descobri-la nas redes sociais. Isso não foi muito difícil, pelos seus 10 mil seguidores, quase uma subcelebridade. Comecei a stalkar em todas as suas redes sociais, através de um perfil fake, e já sabia todos seus gostos e hobbies, com todas as suas fotos de livros e citações de poemas que postava. Fotos e mais fotos digitais do seu cachorro, família, amigos, de biquíni na praia do Campeche, ou de mini saia em um show do Dazaranha, viajando e em festas de debutante. Eu sabia que aquilo tudo era falso, uma persona paupérrima e carente de atenção, interpretando com naturalidade a alegoria da adolescente burguesa em mais um artifício cibernético. Eu sabia que havia algo de mais profundo naquela criatura, pois eu a vi de verdade, e identifiquei como sua alma era incompreendida, como a minha. E assim fui ficando cada vez mais encantada com aquele anjo em forma humana. Estava determinada a ser sua melhor amiga. Para mim, curtidas não bastavam para demonstrar meu fascínio e admiração por ela. Fotos pixeladas não eram o suficiente para conter meu desejo. Eu precisava sentir a textura e o calor da sua pele.

Dessa forma, naquela tarde, após nosso encontro, fui arrastada pelo doce aroma de seu perfume, escada acima até a sala do 3º ano, e, assim que cheguei em frente a porta, percebi que ela chorava. Suas delicadas mãos tentavam pensosamente conter suas lágrimas, e outras garotas da sua turma, que agora saíam da sala, passavam por ela e a esnobavam. Meu anjo estava sendo vítima de bullying, como tantas vezes eu mesma já tinha sofrido, e eu sabia que era a única que poderia consolá-la naquele momento.

Mas ao chegar perto da sala, percebi que alguém já havia chegado antes de mim. Um garoto alto, de cabelos loiros na altura das orelhas e um piercing na sobrancelha, entrou na sala, e nesse instante eu me escondi atrás de uma pilastra do corredor e os observei. Ele abriu um sorriso ao vê-la e a puxou para seus braços. Ela, fragilizada como estava, aceitou seu abraço. Logo, ele a puxou para o fundo da sala, fechando a porta atrás de si. Evidentemente, fui até a porta observar, pelo conveniente vidro acima da maçaneta, o que se passava lá dentro. Me admirei que eles estavam se abraçando e se acariciando sobre a mesa principal do professor, e senti meu sangue ferver nas veias, e em um impulso volátil quase invado aquela cena terrífica.

Um pensamento assaltou-me: Claramente ela estava sendo vítima de assédio em ambiente escolar, e está em perigo. Ela precisa da minha ajuda, e eu sou a única capaz de protegê-la e afastá-la de quem lhe possa fazer mal. Ela precisa de mim. E antes que possam me criticar, eu confesso, estava cega de amor. Confusa sobre o que poderia fazer, pois não poderia ser impetuosa em entrar na sala e esmurrar o rosto do maconheiro bancado o Don Juan que a confortava ali, isso poderia assustá-la e me fazer correr o risco de ser expulsa. Não, isso só me faria me afastar mais da minha amada. Então, comecei a

<sup>1\*</sup> Graduanda em Letras Língua Francesa e bolsista no PIBID do Colégio de Aplicação. Voluntária no PIBIC e pesquisando sobre Fonética. E-mail: Gab.bianco@icloud.com

planejar como poderia me aproximar dela e vigiá-la dali por diante. Subitamente, meu celular começa a vibrar e a Quinta Sinfonia de Beethoven sai estrondosamente dos seus altos falantes, me avisando do horário da medicação psiquiátrica que eu tinha esquecido de tomar naquele dia. Assustada, desliguei o alarme rapidamente e saí do prédio, com um plano se maquinando em minha mente.

Como toda a adolescente na nossa geração, ela postava absolutamente tudo o que fazia e todos os lugares na qual ia. Realmente, eu não esperava que fosse tão fácil assim achar a casa em que morava. Ela havia postado várias fotos numa mesma região em várias ocasiões diferentes, e então deduzi que era lá que morava. Arrastei meus velhos Vans Old School até o estacionamento e subi na minha bicicleta vermelha enferrujada, me encaminhando para o endereço. Reconheci logo de cara ser um dos bairros mais nobres de Florianópolis, e um tanto quanto longe do colégio: Jurerê. Me levaria pelo menos 1 hora pedalando para chegar até lá, mas isso não importava, se fosse para estar com meu amor novamente e a proteger de qualquer homem que a pudesse ferir.

Era revigorante sentir o vento no meu rosto, soprando meus cabelos, ouvindo meus batimentos cardíacos como uma bateria tocada pelo próprio Ringo Starr, e o coração pulsando pelo novo propósito que minha vida havia tomado: minha obsessão por uma garota de 16 anos.

Demorei apenas 30 minutos para chegar ao seu bairro, diante a euforia na qual me encontrava, e não tinha muito tempo até a mesma voltar para casa. Sua casa era uma bela mansão branca, sem grades circundando, com um jardim muito bem cuidado, em uma rua silenciosa e residencial. Não foi difícil achar uma passagem entre os arbustos para me esgueirar e entrar.

Mais fácil ainda foi achar o seu quarto, no primeiro andar, pouco afastado da sala e de frente para o quintal e piscina. Bem arrumado, para uma adolescente, sem pôsteres de bandas estadunidenses genéricas ou peças de roupa jogadas displicentemente pelo chão. Sua prateleira estava cheia de livros de romance adolescente, ao estilo Rainbow Rowell e Colleen Hoover, e meu rosto se contorceu em insatisfação. Eu esperava que ela lesse mais clássicos, mas não havia problema. Eu a ensinaria até os mais belos poemas de Baudelaire em francês, se assim fosse preciso para lapidar aquele diamante bruto que eu sabia existir dentro dela.

Ao lado da cama, uma penteadeira branca e infantil refletia a natureza do meu amor. Nela, havia pouca maquiagem, pois sua beleza era puramente natural, como eu já observara. Sobre, enfileiravam-se alguns porta-retratos, com fotos suas, de sua família e amigos. Todos pareciam felizes e ricos, e naquele momento, minha mente rodopiou em espiral. Eu não a conhecia.

Eu vinha de uma família pobre, e só estudava na mesma escola de Gabriela por ter sido gratificada com uma bolsa. Meus tênis furado e meus óculos riscados provocavam risadas e mais risadas dos nossos colegas de colégio, e já havia pensado em sair e voltar para o colégio público. Mas uma coisa ainda me prendia: Gabriela, essa linda garota loira e rica, que passava as férias em Bariloche, como agora eu me deparava em uma das fotos na penteadeira. Tomei o porta-retrato e alisei seu rosto impresso digitalmente em papel fotográfico por alguns instantes, e me fisguei com uma pontada de ciúmes. Ou seria inveja? Quando levantei os olhos, e me observei no espelho da penteadeira, não vi o usual rosto comum e sardento que eu já estava terrivelmente acostumada. Em meus cabelos

agora se refletiam luzes douradas, meus lábios estavam mais rubros, e meus olhos tão claros quanto o mar. E a constelação que antes percorria minhas maçãs do rosto desaparecera, e, horrorizada com essa miração, me detive em vasculhar o interior da penteadeira.

Vamos, me mostre o que está escondendo, Gabriela. Ora, mas o que está emperrando essa gaveta. Opa, isso é interessante. Deixe só a sua mãe descobrir a sua coleção de lubrificantes e camisinhas com sabor. Abri a primeira gaveta de sua penteadeira, e entre canetas e anotações das aulas, não pude deixar de sorrir ao ver que Gabriela não era tão inocente quanto parecia. Ela até parecia humana agora, e não consegui conter a algúria percorrer-me ao me deparar com tamanha descoberta.

Meus deturpados pensamentos foram interrompidos com o som de alguém girando a chave na fechadura da porta da frente. Rapidamente, fechei a gaveta da penteadeira, e entrei no seu closet, me escondendo enquanto tentava desacelerar a minha respiração e não ser descoberta em seu quarto. Eu sequer poderia imaginar o que faria se a minha paixão me descobrisse naquela situação na qual me encontrava.

Tentando me encaixar dentre as paredes do closet, minhas mãos deslizaram por um material rendado, fino e pequeno, com alças quase imperceptíveis, que logo pensei se tratar de uma antiga máscara que usávamos durante a pandemia. Ao pegá-lo e levá-lo para perto do rosto, aproximando do nariz, percebi ser uma calcinha, e a umidade no seu interior indicava que já havia sido usada. O cheiro logo me deixou excitada, e só de imaginar seu corpo nu, vestindo esse único pedaço de pano, já foi o suficiente para me fazer perder a noção de onde estava e escorregar minha mão para dentro da calça. Meu anjo, Gabriela, não conseguiria imaginar essa cena nem em seus devaneios mais sórdidos, não é mesmo? E se eu deixar alguma marca aqui? Será que irá conseguir identificar que eu, a sua adorada Marina, estive aqui? De repente, a porta do quarto se abriu, e uma Gabriela alterada entrou discutindo com a mãe.

“E tu achas certo estar por aí, te agarrando com esse guri? Um deliquentezinho?” Berrou a mãe, com as mãos sobre as ancas.

“Não fala assim do Pedro! Sabia que ele foi aprovado em Direito na UFSC? Ele não é um delinquente!” Gabriela gritava no mesmo tom, soltando seus cabelos loiros do coque, se referindo ao maconheiro de cabelos compridos que eu acabara de reconhecer. A cena era digna de um comercial de shampoo, mas me ative ao conteúdo da discussão. Eu já havia visto algumas fotos dos dois, mas não imaginava se tratar de algo tão explicitamente romântico e sexual, como aquela conversa indicava.

“Quando ele se formar, se ele conseguir se formar, aí venha conversar comigo, e se apresentar decentemente!” Sua mãe saiu do quarto pisando forte e batendo à porta atrás de si, enquanto uma Gabriela desolada se sentava na cama, chorando e tampando o rosto com as mãos. Como eu gostaria de poder sair dali e me sentar ao seu lado, beijar seu lindo rosto corado, lamber cada lágrima salgada que escorria pelas suas bochechas, deitar seu rosto em meu colo e lhe dizer que tudo ficaria bem.

Porque eu faria tudo ficar bem.

Gabriela se levantou estupefata, pegou uma toalha que estava jogada no cabideiro, e foi para o banheiro. Alguns instantes depois, o chuveiro foi ligado. Toda a excitação que havia se perdido agora voltará, ao perceber que Gabriela se encontrava nua a poucos metros de mim. Mas



um alarde me fez fugir dos meus devaneios, com Beethoven sinalizando o horário dos medicamentos, novamente. Apreensiva de ter sido escutada, desliguei definitivamente o portátil e o pensamento de que eu precisava sair dali e dar um jeito de voltar para casa para continuar planejando meus próximos passos retornou à minha memória.

Saí do closet na ponta dos pés, abri a janela ainda mais sutilmente, e pulei para fora, torcendo para não fazer barulho ao cair na grama. Não o fiz, e assim corri pela lateral da casa para chegar ao jardim e pegar minha velha bicicleta. Ao pisar na grama do jardim, um pitbull negro virou-se para mim, o olhar breu a comer-me. De onde saiu esse demônio que protege o santuário do meu divino amor? O que eu não faço por ti...

Corri tropeçadamente pelos arbustos, com o pitbull nos meus calcanhares. Finalmente, cheguei à minha bicicleta vermelha e pedalei, porém ainda ansiando ver-te novamente o mais rápido possível, meu amor. Me despeço com um pesar em meu peito, mas satisfeita em ter visto a tua alma tão descarnada. E mesmo que nunca mais fosse possível ver-te, se morresse agora, morreria feliz por ter te estado tão próxima.

E com esse sentimento irradiando do meu peito, sequer sentia meu corpo formigando diante o esforço que demandava às minhas pernas, que pedalavam freneticamente em direção ao anoitecer. Tampouco senti meu corpo retesando diante a batida da BMW preta na lateral do meu rosto, que virava a esquina bem no momento em que eu a atravessava, e meu tímpano inundando com um ruído ensurdecedor, me fazendo cair sobre o pavimento escuro e gélido de inverno. E antes de eu fechar meus olhos e perder a consciência, observava o azul ciano do céu se transformar lentamente em índigo, me lembrando pela última vez dos olhos de Gabriela, e de como ela me olhará pela primeira vez algumas horas antes e como agora eu também tinha me visto. E enquanto admirava o firmamento que recaia sobre mim, percebi enfim qual era a cor do amor.



# A GALINHA DOS OVOS DE OURO

LURY MORAIS \*



Aquele dia foi uma coisa muito estranha. Tarra as galinha tudo quieta. Tudo dormino. Só uma que começou os grito. Parecia que ia morrer. Eu pensei que era um bicho que tinha entrado e tarra matano elas. Mas como só era uma gritano, a suspeita sumiu, né? Certo é que eu abri a porta do muro, deixei escorada e passei.

Tarra tudo escuro ainda, nem um pio nas rua. Tudo calmo. Tudo frio. Noite antes de amanhecer, né? Cê sabe. Um frio medôim. Chega eu me tremia. Tarra só de calção, sem camisa. Fiquei logo arrépiado com o frio seco dessa madrugada. Vei um frio que, meu Deus, num tinha quem aguentasse essa miséra gelano o corpo. Gelano até a alma da pessoa. Então fui ver as galinha, né?

Vi o chiqueiro. Me abaixei pra abri a porta. Os animal tudo olhano pra ela. Tudo calado, tudo olhano. Desconfiano, os bicho, né? Eu olhava: quê que essa galinha tem? Diabo era que essa zuada todinha no mei do nada. Ela tarra deitada, gemeno, parada. Tava morreno, só pode. Só podia ser. Gritano desse jeito. O jeito era matar, já virava almoço, né?

Mai na hora que eu peguei ela, gritô mais baixo. Parô. Oxi, fiquei pensano. Mai é o diabo mermo. Se calou agora. Então soltei a bicha. Ela voltô pro mermo canto. Ficou rodano. E eu oiano. Ma rapaiz. Se sentou. E eu já tarra ficano com raiva, né? A bicha se sentô, mas tarra mais alta. Subiu em cima duma péda. Essa bicha doente e ainda quereno ficar mal arrumada. Fui ver a péda, pra tirar, né? Eu nem sabia como que uma péda daquele tamãin foi parar ali, se só tinha terra... Terra e as galinhas com as sujeira dela.

Lerrantei a galinha, tirei a péda. Num era péda. Era um ovo. Um ovo, diga aí. Mas tá! Fui me deitar. No ôto dia, a merma coisa. Merma coisa. A merma zuada, parecia um negócio, né? Mai esse dia num fui com muído não. Só peguei ela, olhei debaixo, ôto ovo. Ôto ovo, e a merma zuada. Só larguei dela e fui me deitar.

No terceiro dia, já tinha começado de novo. Aí me injuriei mermo. Disse: é hoje que levo essa quiba pa panela. E levei mermo. Peguei ela, os três ovo, né? Já tarra com tanta raiva que nem percebi. Nem tinha visto que os ovo tarra diferente. Mei estranho, mei pesado. Tava morreno de sono, nam. Coloquei os ovo na mesa, enquanto colocava ela numa gaiola pequena, do lado da porta, né? Aí um ovo começou a rodar na mesa, né? Num darra tempo eu pegar ele, aí deixei cair. Eu tarra amarrando a gaiola e só ouvi ele ino quebrar no chão. Era só um ovo, darra pra limpar fácil, né? Tum!... no chão. Parecia um... Num sei não o que parecia. Um negócio duro.

Terminei de amarrar a gaiola e fui ver. Eu pensei que tinha caído num chinelo, uma coisa assim. Num tinha. Tarra era no chão mermo, o ovo. Aí percebi que o ovo nera branco não. Era era amarelo, um amarelo fraco, mei embaçado, mai que brilhava. Oxi, eu pensano, isso né ovo não, viu? É oro. É um ovo de oro! Meu Deus do céu! Um ovo de oro! Isso dá é dinheiro, e muito, viu?! Meu Deus! Meu Deus do céu... É oro mermo. É oro mermo! Meu Deus! Obrigado, meu Jesus. Ah! Meu Jesus. Agora tô chei de oro. Chei de dinheiro! Chein... Meu Deus, eu vou ficar rico, meu Deus! Ah! Meu Deus, uma ruma de oro assim. Eu tô rico, tô chei de dinheiro!

Ma eu falarra isso, nera gritano pra todo mundo ouvir não, viu? Cê é doido! Você dizer que tá chei de dinheiro é pirigoso. Tem um monte de gente ruim aí. Eu ficarra na minha. Gritava era com os óis. Os óis arregalado quereno gritar, mas num podia. Tinha que gritar só na cabeça. Só na cabeça mermo. Porque senão... Senão alguém uvia, né? E se ouvisse, até não podia robar de mim,

---

\* Graduando em Letras Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: [m.luryhortencio@gmail.com](mailto:m.luryhortencio@gmail.com).

marrria falar escondido. E esse ôto que uviu escondido ia espalhar escondido também. E a conversa ia chegar em uma pessoa que não tinha medo. E ia dizer pra ôta pessoa que num tinha medo, tinha era corági. E vinha me robar! Cê é doido! Eu num podia falar isso com ninguém não.

Com-nin-guém.

Mai meus óis num parava de arregalar. Chega tarra doeno. Eu ainda tarra oiano aquele ovo. Pensano nisso tudo. E agora, meu Deus do céu?! Se alguém descobrir eu tô lascado. Vão me robar e ainda vão me matar. Porque eu é que num deixo me robar! Num tem nada aqui pra mim correr ô pa lutar. Tinha o quê? Os chinelo? As galinha? Eu ia jogar os ovo é? Só se for... O jeito era esconder aquele segredo. Pior que se esconde cofre de dinheiro. Eu ia esconder mais difícil que botija no mei dur mato. E esconder mais ainda da boca dos ôto. Ia só saber eu. Eu e a galinha. Marri se descobrirem a galinha também? Meu Deus do céu! Quê que eu faço?!



ristico

# ELE NÃO COMBINA COM VOCÊ: MÃE PRETA DE FILHO BRANCO

JAKELLINY ALMEIDA SANTOS \*



Dia 28 de julho de 2017:

- Eu preciso falar com Januária, a mãe de Jorge! Pode avisar pra ela que é urgente?
- O que aconteceu?
- Somente com a mãe, por favor! Já tentei entrar em contato pelo telefone, mas não consegui falar com ela de jeito nenhum. Avisa pra ela que a tia Ana, do 2º ano, quer falar com ela.

A professora virou-se de costas, pronta para se retirar.

- Por que é urgente? Eu sou a mãe de Jorge, pode falar.

A professora voltou e olhou para a mãe de cima a baixo e, com um olhar de surpresa, aproximou-se de Jorginho e alisou o seu cabelo loiro com tons avermelhados, liso como seda, de corte cuia. Em seguida, o seu olhar reencontrou o olhar da mãe e prosseguiu:

- Eu não te conhecia, mãezinha...

Ambas ficaram em silêncio absoluto por alguns segundos. Januária, que foi buscar Jorginho mais cedo na escola, segurou a mão do filho, olhou fixo para a professora e respondeu.

- Ele estuda nesta escola há quase 2 anos e sempre sou eu quem trago e busco ele.
- Mas eu não lembrava de você, mãezinha. Eu sempre vejo que ele vem e vai de carro, mas hoje você está de bike — respondeu a professora olhando para a bicicleta da mãe que estava estacionada ao lado dela.
- Estou de bicicleta porque precisei vir mais cedo, o pai é quem dirige e ele está trabalhando. Eu te vi na reunião dos pais que teve no início das aulas, professora Ana. Fomos apresentadas, não lembra?
- Hum... É que são tantas mães... Eu posso ter esquecido.

O silêncio mais uma vez tomou conta do diálogo violento, do qual Januária tinha consciência que estava vivenciando, mas a professora Ana não enxergava dessa forma. Ela continuou:

- Ah! Certamente ele puxou ao pai. Porque não tem nadinha seu.
- Sim, de fato, ele é a cara do pai.
- Ah... Achei algo seu, mãezinha... Ele tem um pouquinho do seu nariz, olha... — comentou a professora rindo baixinho.

— O que você queria falar comigo? — respondeu a mãe impaciente com aquela conversa que ela já ouvia há quase 5 anos.

— Jorginho não está escrevendo as tarefas do quadro, mãezinha. Já tenho observado isso há algum tempo. Acho que ele tem algum probleminha de visão. Você pode levá-lo ao médico para verificarmos se é isso mesmo?

Dia 02 de agosto de 2017, antes da consulta com o oftalmologista:

- Você não precisa ir, neguinha.
- Claro que eu vou! Ele é meu filho. Eu faço questão!
- Ela já tinha uma consulta marcada com o mesmo médico e o menino também precisa. A gente já aproveita e faz uma viagem só.
- Mas eu queria...

---

\* É uma mulher negra, de origem humilde, nascida em Aracaju (SE), em 1º de dezembro de 1996. Escreve narrativas (não) ficcionais que exploram as inquietações das experiências humanas, com especial atenção às vivências de mulheres negras nordestinas. Sua inspiração parte do cotidiano, espaço que tenciona temas como pertencimento, identidades, violências, silenciamentos e as subjetividades negras e de gênero em diferentes contextos sociais. É graduada em Letras Português-Espanhol pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). É doutoranda e mestra em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL/UFS)

— Por favor, neguinha, vamos evitar — disse João interrompendo Januária e dando-lhe um beijo ligeiro e afetuoso na testa. Em seguida, ela sentou-se em silêncio na poltrona da sala. Apesar de contrariada, ficou em casa aguardando notícias da consulta. João levou o menino acompanhado de Maria, sua ex-companheira, que insistira em ir junto sob o pretexto de ajudar.

Embora Maria não fosse a melhor companhia, levá-la era a maneira mais fácil de evitar desentendimentos. Januária era afetuosa e sabia lidar com os contratempos. Maria não: era mais agitada, agastada. Mesmo que Januária ficasse magoada por não estar presente em todos os momentos, ela era mais compreensiva, e ele saberia como acalmá-la. Já Maria transformaria os próximos dias num monólogo infernal. E ele, estressado, não teria cabeça para conviver com as duas ao mesmo tempo. Problema resolvido: “Januária fica em casa e depois ela se conforma; Maria vai comigo, evito confusão e escuto menos conversa-fiada”, ele pensou.

Na consulta com o oftalmologista:

— Bom dia!! Tudo bem, rapazinho?!

Acenou com a cabeça a criança enquanto tentava se esconder atrás das pernas do pai.

— O meu nome é doutor Marcolino e sou “médico de olho”. Vou examinar você, mas não se preocupe que não vai doer nadinha, tá?

— Doutor, a professora do meu filho disse que ele está com dificuldade para enxergar as letras do quadro. Por isso, estamos aqui.

— Vieram no lugar certo! Você é João, o pai, né isso?

— Isso mesmo! — respondeu o pai cumprimentando o médico com um aperto de mão.

— E você é Januária, a mãe.

— A mãe? — respondeu João surpreso com a afirmação inesperada do médico, mas antes que ele pudesse dizer algo mais, Maria confirmou a indagação do médico.

— Sim, sou a mãe de Jorginho.

— Mas é claro, essa criança linda é a sua cara, dona Januária.

João olhou para Maria com um gesto questionador da atitude dela. Jorginho, sem entender nada, olhou para o pai, mas antes que questionasse o pai deu dois tapinhas na perna direita fazendo com que a criança compreendesse que aquele não era o momento para ele falar.

— Quantos anos, rapazinho?

— 4 anos — respondeu a criança fazendo gesto com quatro dedos nas mãos.

— Quatro anos fechados, mamãe?

Maria não sabia a resposta exata, então tentou de alguma forma responder ao médico:

— Ah... quase 5... Quase 5, né, amor?

— Isso, quase 5 — confirmou o pai.

— Vamos examiná-lo, mamãe? Sente-se aqui, rapazinho.

Enquanto o médico examinava Jorginho, para quebrar o gelo, ele fez algumas perguntas:

— Você gosta de estudar, Jorge?

— Gosto.

— O que você mais gosta de estudar na escola?

— Artes... Artes e Educação Física.

— Olha só... Eu também gostava muito de Educação Física quando tinha a sua idade, mas era péssimo em Artes. Você desenha bem?

— A mamãe diz que sim. Eu gosto de desenhar.

— Bom, garoto!! As mamães sempre sabem de tudo! — comentou o médico. Em seguida, perguntou: — Mãe, ele passa muito tempo usando telas?

— Às vezes.

— Certeza?

Maria olhou para João esperando que ele desse uma resposta.

— Ele joga, doutor, às vezes, no celular da mãe e gosta bastante de assistir desenho na televisão, né, filho?

— Tem caso de miopia na família?

— Não... Nenhum, que eu saiba — respondeu o pai.

— Bom, temos um probleminha aqui. Quem passa mais tempo com ele em casa?

— A mãe — disse o pai fazendo referência à Januária, mas o médico associou à Maria. Afinal, naquele momento ela estava ocupando o papel de “mãe” da criança.

— Mãe, o seu filho está com a visão comprometida. Fale a verdade! Ele passa mais tempo na tela de o que deveria, né? Com esse questionamento em tom áspero do médico, Maria queria desistir da farsa e dizer que aquela criança não era dela, mas já era tarde demais e precisava seguir com o teatro.

— Veja bem, Januária, o uso excessivo de telas pode causar uma série de comprometimentos nos olhos. No caso do Jorge, ele desenvolveu miopia. Certamente, o que causou miopia no seu filho foi a exposição prolongada à luz azul dos aparelhos eletrônicos e isso provoca ressecamento ocular, cansaço e envelhecimento da retina.

— Meu Deus! — expressou-se Maria, levando uma das mãos à testa e fingindo espanto.

— O que a gente pode fazer, doutor? — perguntou o pai.

— Pra começar, corta ao máximo o uso de telas dele! Só quando realmente for necessário, porque criança não precisa ser dependente disso. Bota ele pra brincar, correr, fazer um esporte... Aproveita que ele gosta de Educação Física. Tenta distrair a mente dele ao máximo pra ele esquecer as telas. Criança tem muita energia pra gastar.

— Entendi, doutor — respondeu o pai com total atenção.

— Entendeu, mãe? — questionou o médico olhando nos olhos de Maria.

— Eu não sei se você entendeu a gravidade. O seu filho a partir de hoje vai usar óculos com um grau relativamente alto para a idade dele, 5 de miopia no direito e 6 de miopia no olho esquerdo. Ele não enxerga nada sem óculos e ainda vai completar 5 anos! Nesses casos, que são cada vez mais frequentes, o que revolta é que poderia ter sido evitado. Pra evitar que esse grau aumente, só usando corretamente os óculos e reduzindo o uso das telas.

— Nossa, doutor! É muito alto esse grau, né? Não sabia que ele estava assim — respondeu o pai alisando os cabelos do filho.

— Sim, não sei como ele não reclamou antes, mas é comum que as tias da escola percebam antes que os pais. Vejo muitos casos como esse.

Doutor Marcolino entregou a sua prescrição médica para Maria e finalizou:

— Fiquem tranquilos! Agora, ele passará por um processo de adaptação. Devemos manter acompanhamento para verificar se o grau aumentará ou ficará estável, e quando ele fizer 18 anos conversamos sobre uma cirurgia refrativa para diminuir esse grau.

O pai pediu que o médico explicasse mais sobre a cirurgia refrativa e, em seguida, saiu do consultório com alguns papéis em direção a uma ótica. Enquanto Maria ajudava Jorginho a escolher os óculos adequados para o seu rosto fino, João estava pesquisando se o convênio de saúde cobria cirurgias refrativas ou exames relativos ao procedimento. O garoto era muito jovem, mas seu pai era um homem que sabia se planejar economicamente e amava os seus filhos incondicionalmente. Ele precisava verificar quais seriam os próximos passos.

— Uma irresponsável! Deixar isso acontecer com o menino! Veja o papel que você se presta estando com gente dessa qualidade. Quenga e irresponsável! Não era de se esperar menos.

— Maria, pelo amor de Deus! Eu só trouxe você porque você insistiu. Eu quero paz!

— Quenga! Quenga, feia e preta!

— Maria, eu já disse pra você que a nossa relação só existe por causa de Pedrinho. Quando o menino crescer, você segue a sua vida e eu sigo a minha.

— Tudo por causa daquela quenga! Você era pra estar na nossa casa, com o nosso verdadeiro filho.

— Respeite o menino, ele está aí atrás... Você parece que não tem noção do que fala.

— Uma mulher feia daquela, não sei o que você viu nela... Ainda bem que o menino não nasceu escurinho que nem a raça dela. Graças a Deus! Deus é bom, João! Porque se não fosse a graça d'Ele, não sei o que seria dessa criança.

— “Ainda bem”, né? Porque desse jeito você se passa por mãe dele, que nem fez lá consultório.

— Queria que eu dissesse o que, homem de Deus? Dizer que ele é filho da outra lá?! Eu já te disse... Se você quiser, eu crio esse moleque — respondeu Maria tocando no ombro de João enquanto ele se esquivava.

— Pelo amor de Deus, Maria! Quando me juntei com Januária já não éramos um casal há anos. Você sabe muito bem disso.

— Você é casado comigo sim! Você deveria tirar ela da nossa casa e mandar de volta lá pro buraco de onde ela saiu.

— É só um papel... Eu já disse que não quero mais nada com você, mulher, e se eu tirar esse menino da mãe ela enlouquece. Endoida!

— Se é que ele realmente é seu...

— O menino é minha cara, precisa nem de DNA! Todo mundo diz. Só você que quer tirar a minha paz e vem com esse papinho infeliz.

— Doutor Marcolino discorda, João. Ele achou que Jorge parece comigo. Você viu? Nem desconfiou... — respondeu Maria com um tom irônico e olhar malicioso.

— Outro doido! Que nem você.

— De jeito nenhum, isso prova que poderíamos ser uma família, João. Você sabe, eu toleraria tudo pela família, pela família.

— Maria, pelo amor de Deus...



— João, falando sério agora, qual a procedência que essa mulher tem? Eu respondo: “Pobre, favelada e preta!” Só tem o ensino médio e deve ter sido muito mal tirado, por sinal. Se não foi comprado, amém! Não sei como você tem coragem, meu amor.

Ele não quis responder. Estava cansado daquela conversa repetitiva. Apenas revirou os olhos e respirou profundamente, pois no fundo havia verdades nas palavras de Maria. Ainda que fossem palavras duras, e que ele jamais teria coragem de reproduzir na presença de sua amada Januária, ele não contestou porque também repensava nas suas escolhas.

Maria, que estava sentada no banco de passageiro da frente, olhou para o banco de trás, onde estava Jorginho. Ele estava concentrado, jogando no celular e usando fones de ouvido no volume máximo. Ela observou a criança com atenção, voltou o seu olhar para frente e pensou, satisfeita: “Ele combina mais comigo do que com ela”.



## FIM.

PEDRO LINHARES G. DE SOUZA \*



O fim é uma coisa estranha. Para as plantas, o fim do tempo de uma rosa é o sinal de que outra está vindo, outra que esperava pacientemente pela morte de sua antecessora. Para os outros animais, o fim de um é mundano, não muito importante para a vida dos outros. Para os humanos, a morte é trágica, cara, triste e muitos, muitos outros adjetivos desnecessários. Mas, quando chegou a minha hora, sabendo de tudo isso, eu tive medo do fim.

Era noite. Consigo me lembrar apenas disso. O Sol já havia se posto e não havia ninguém nas ruas. As estrelas eram visíveis no bellissimo e negro céu noturno, contrastando com a pouca iluminação vinda das casas e dos postes nas ruas. Eu estava em meu quarto, sentado à minha escrivaninha, de frente para a janela, observando tudo, buscando inspiração na rua escura e deserta, esquadrinhando as casas silenciosas e cheias de pessoas, apertando o lápis no papel sem escrever ou desenhar nada em especial. Apenas a luz amarelo-âmbar de uma luminária tornava a folha e os traços visíveis.

Os outros materiais de gravação, como minhas canetas multicoloridas ou monocromáticas, a pálida e negligenciada borracha de látex branco, o compasso perdido no fundo do estojo, descansavam inutilmente dentro da gaveta debaixo da mesa. O móvel de madeira era uma aquisição recente.

Talvez fossem dez horas da noite. Ou três da manhã. Não importa. Rabiscando a folha de papel desinteressadamente, derrubei o lápis no chão. A madeira sólida quicou repetidas vezes, tilintando conforme seus movimentos se perpetuavam pelo chão, quebrando a extremidade puntiforme em alguns pedacículos de grafite cinza. A vareta rolou para longe de mim rapidamente, como que se quisesse se afastar o mais rápido possível de seu torturador — pois esfregar o rosto de um lápis em uma folha de papel e escrever com sua carne diversas palavras ensanguentadas deve contar como tortura para um objeto inanimado. Talvez.

O lápis foi para baixo da cama. Eu poderia simplesmente tê-lo ignorado e seguido com minha vida normalmente — fazendo-a durar mais com essa atitude —, mas fui tão espontâneo e inconsequente que nem pensei em fazer qualquer outra coisa. Sem que me desse conta, já estava ajoelhado ao lado de minha cama, procurando pelo lápis perdido.

Toda vez que fiquei próximo de uma cama, ou algo que parecia estar flutuando no ar com aquele espaço escuro e vazio por baixo, tive medo de alguma coisa. Eu digo alguma coisa porque não sei o que me fazia sentir tanto medo, medo de que algo terrível, algo horrível aconteceria comigo a qualquer momento, em qualquer lugar, em qualquer parte de minha vida. Talvez fosse meu cérebro me alertando para manter distância de coisas como o espaço vazio debaixo da cama, mas eu não ouvi meus avisos subconscientes; eu precisava do meu lápis, então os ignorei calmamente e me aproximei da cama.

Encostei a orelha esquerda no chão gélido, sentindo um leve calafrio, provavelmente por causa disso, e estiquei o braço direito para baixo da cama, apalpando o ar em busca de algo. A escuridão logo atrás dos cobertores estendidos sobre o leito era invencível. Parecia até que minha luminária estava desligada, coisa que constatei como mentira ao espiar pelo canto de olho a mesa, ponderando se eu não poderia continuar minha atividade com outro utensílio. Com o mesmo movimento rápido dos olhos, dessa vez de volta para o espaço entre a cama e o chão, pensei ter visto alguma coisa, algo digno de minha atenção, mas, logo que propriamente olhei para o vão, não havia nada lá. Não sei por que comprei um lápis de escrever com tintura preta nas laterais do cilindro de madeira. Poderia ter sido um comum, verde, sextavado, com uma borracha pequeníssima na ponta e que descola nas primeiras semanas de uso, mas escolhi aquele, preto, completa e perfeitamente cilíndrico, sem borracha ou enfeites na outra extremidade. Era difícil discerni-lo em meio a toda a ausência de luz naquele lugar — a sombra projetada pelo meu tronco também não estava ajudando em nada.

Eu teria de achar o tal lápis tateando o fundo, parte por parte, avançando mais e mais a minha mão, espiando vez ou outra quando o contorcionismo corporal me permitiu, fazendo uma busca por varredura — um sistema bastante eficiente. Meu braço já estava quase completamente esticado, porque decidi começar a procurar pelas partes mais próximas do piso primeiro, e nenhum sinal do lápis. Nem da parede, estranhamente, já que, do jeito que eu estava posicionado, com o ombro

---

\* Nascido em 2006, Porto Alegre, SC, escreve semiprofissionalmente desde seus treze anos, dedicando-se a prosa e poesia para jovens e adultos, explorando temas da ficção científica, fantástica e sobrenatural, sempre com um bom senso de humor. Atualmente, vive em Florianópolis, e cursa Cinema na UFSC. E-mail: pedro.linhares.g@gmail.com.

parcialmente debaixo da cama, meu braço deveria alcançar, pelo menos com os dedos bem esticados, a parede — o que me preocupou um pouco, mas não o suficiente para desistir prontamente do que eu estava fazendo. O chão continuava ali, no entanto, reconfortante. Continuei procurando e encontrei algo. O lápis? Certamente, pelo que pude sentir com os dedos. Estiquei-os mais ainda, tentando segurar o objeto e puxá-lo para mais perto, para poder finalmente voltar a rabiscar no papel desinteressadamente. O cilindro fino rolou com dificuldade à ponta de meus dedos esticados, ainda aparentemente relutante, tanto que fiquei debatendo-os nervosamente com o objetivo de girá-lo mais para perto.

Depois de algumas tentativas falhas e mais contorcionismo para entrar mais debaixo da cama, quase concluindo que seria melhor sair dali, levantar-me e arrastar o móvel para o outro canto do quarto, meu dedo médio alcançou o lápis. Bastava puxá-lo para perto, para poder retornar a meus rabiscos anteriores, meus preciosos rabiscos. Fiz força, mas não muita, já que não era um objeto muito pesado e não haveria necessidade de tal ato, mas fiz força. O lápis se moveu minimamente, o que foi estranho, e então se dobrou ao redor do meu dedo e segurou minha mão firmemente.

Comecei no mesmo instante. O que poderia ser aquilo? A cauda de um rato? Uma lagartixa pequenina que não queria me causar mal algum? Seria algo vivo mesmo? Por que não parecia estar se movendo tanto quanto um ser vivo comum? Por que parecia com algo putrefato e antigo? Por que estava segurando minha mão, no fim das contas? O que ganharia com isso? Comida? Viraria eu comida de uma criatura que morava sob a minha cama durante todo esse tempo, desde que eu comprara o móvel? Tentei puxar meu braço para longe dali, desesperadamente, mas o que quer que fosse aquilo continuou me segurando — não deixaria a comida se afastar, de forma alguma. Talvez eu fosse saboroso mesmo...

Um a um, dedos de uma mão com dedos demais para parecerem com qualquer criatura imaginável foram se prendendo ao redor dos meus dedos e de meu pulso, multiplicando-se a cada segundo e apertando cada vez mais. Era questão de tempo até que conseguissem me puxar completamente para baixo da cama, algo que tentavam com bastante veemência, força e persistência. Não havia escapatória, não haveria forma de sair ileso.

Debati-me, com medo, com mais medo do que já senti anteriormente em toda a minha vida, arregalando os olhos e franzindo toda a minha testa em uma expressão de pânico que seria digna de ganhar o prêmio de melhor atuação de qualquer premiação cinematográfica, tentando alcançar algo para libertar minha mão, tentando golpear a criatura com meu outro braço, socando-a e a empurrando para longe, agarrando-me aos pés da cama quando nada mais parecia adiantar para me safar do que quer que fosse aquilo — meu último ato.

A mão estranha me puxou, quebrando a madeira da cama que estava no caminho, juntamente com meus ossos, desmembrando-me assim que entrei completamente na escuridão. Minha escápula certamente seria visível, caso tivesse tido coragem de olhá-la naquele momento. A adrenalina do medo e do pânico não me permitiu sentir toda a dor que eu deveria sentir, mas o que passou pela barreira química foi suficiente para me calar por alguns segundos.

Eu ainda estava vivo, mas sabia que seria meu fim. Algo ria agudamente debaixo da minha cama. Eu não conseguia enxergar nada com clareza naquele momento, mas tinha certeza de estar cercado por alguma coisa. Havia algo ali, por toda parte, como se cobrisse as paredes de uma sala secreta, cuja entrada ficava escondida debaixo do meu colchão. Nem mesmo a luz da luminária chegava ali com toda sua graciosidade plena, para me iluminar o caminho, para me mostrar o que era meu adversário e, talvez, porque me queria tanto.

Sem saber se eu estava caindo ou apenas flutuando inerte em MRU, não consegui avistar com certeza aquilo que produzira a risada que ouvi, nem mesmo partes inteiras de seu corpo; apenas pedaços disformes eram visíveis vez ou outra, alternando fluidamente em tons de preto, vermelho e branco, rodopiando ao meu redor como se fossem pedaços de tecido rasgado soltos ao vento, envoltos em uma neblina densa e negra.

Talvez fossem dentes brancos aquelas coisas lustrosas e pontiagudas que se aproximavam, mas então a boca da criatura deveria ser gigantesca, para comportar todos aqueles exemplares odontológicos. Talvez fossem lábios aquelas formações enrugadas que pareciam circundar os dentes do ser, mas então sua face teria proporções enormes. Talvez fosse um olho aquilo que me encarou profundamente, sem que eu visse, apenas sentisse, durante muito tempo, mas então a coisa em si seria astronomicamente colossal.

Nunca acharam o meu corpo.





# O DOCE SABOR DA VITÓRIA

TIAGO CRACCO MIRANDA <sup>1\*</sup>



Conheci Vitória na greve estudantil. A tensão se sentia no ar, a cada respiração. O governo tinha anunciado mais um “contingenciamento” de verbas, o Magnífico Reitor bradava que não tinha mais orçamento para encerrar o ano acadêmico. Os estudantes já não mais aguentavam a condição de insalubridade a que eram submetidos diariamente nas estruturas do Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Uma assembleia foi convocada por nosso Centro Acadêmico, com uma única pauta: a inevitável deflagração de uma greve estudantil, em acompanhamento às greves dos docentes e dos técnicos, já em curso.

Eu, encenando meu papel de bon vivant alienado com mais tempo livre do que é considerado saudável, tinha ido aos bancos de nosso centro de convivência apenas para fumar meu tabaquinho habitual antes do expediente e me entreter um pouco com as acaloradas discussões daqueles que querem mudar o mundo com palavras bonitas e frases feitas. Acompanhei a assembleia como mero figurante, apenas com alguns apontamentos nada pertinentes. Mas desde que anunciada a abertura dos trabalhos, já não consegui tirar os olhos da Exma. Presidente da Sessão. Indignada, Vitória gritava aos quatro ventos a necessidade de os estudantes do curso de História não apenas se posicionarem favoravelmente à greve dos profissionais da educação, mas também deflagrarem sua própria greve na luta por melhores condições no ensino público superior. Eu apenas assistia, com um ar de contentamento, ao movimento de seus belos lábios e a suas marcantes expressões de insatisfação.

Durante o decorrer dos trabalhos, os representantes da Casa do Estudante Universitário pediram a palavra para denunciar a situação de penúria em que todos ali estavam vivendo. Banho frio, risco de incêndio no sistema elétrico e todas as absurdas circunstâncias que lamentavelmente estamos tão acostumados a ouvir a respeito das instalações fornecidas pela Universidade. Para chamar a atenção de Vitória, contei a todos que era advogado atuante e que a situação da CEU talvez pudesse ser prontamente resolvida com o ajuizamento de uma demanda contra a própria Reitoria, requerendo reparos básicos e condições dignas de habitação nas instalações por ela oferecidas a seus estudantes. Ofereci meus serviços, pro bono, pouco me importando com seus resultados. Apenas me interessava captar o olhar, ainda que fugaz e desprezioso, de quem tinha todos os holofotes naquela sessão solene.

Arrependi-me de descer para fumar aquele tabaquinho. Fora os riscos inerentes a esse péssimo hábito, replicados ad nauseam em todas as carteiras de cigarro, ele ainda iria me custar uma semana de paixonite obsessiva por essa moça que eu nunca antes tinha visto pelo campus, mas que parecia ser o nome mais conhecido de toda a comunidade acadêmica.

A uma primeira vista, as diferenças entre mim e Vitória seriam grandes e plurais o suficiente para que considerassem-nos incompatíveis. Vitória era a Diretora do Centro Acadêmico de História, o exemplo de uma política acadêmica de relativo sucesso, popular e conhecida por todos no campus. Quanto a mim, ainda deslocado, solitário, por opção própria preferi manter relativa distância dessa comunidade acadêmica que tanto me causava estranhamento.

Além disso, Vitória vivia em seu mundo jovial de idealismos dignos de aplausos, acreditando que uma luta organizada dos trabalhadores seria a solução para todos os males do mundo. Eu, com o cinismo que o passar dos anos inevitavelmente traz, preocupava-me apenas com ganhar meu pão de cada dia e discutir um pouco de História nas horas vagas, para passar o tempo com elucubrações mentais sem finalidade definida ou aplicabilidade prática.

Vitória estava sempre com uma maçã nas mãos, seu lanche da tarde ou sobremesa preferida, cortesia dos almoços no aclamado e insalubre Restaurante Universitário. Já eu optava por um hábito menos saudável, sempre enrolando meu tabaquinho ou fumando um cigarro filado de algum outro estudante do curso de História - a contragosto, é claro, pois a defendida socialização dos meios de produção nada tem a ver com o livre compartilhamento de psicotrópicos entre os camaradas. Cada um que sustente seu próprio vício.

Vitória também amava os animais, era vegana. Eu, embora sempre tenha achado a causa digna, em minhas prévias experiências não agüentei o decurso de uma única semana antes de perceber que meus ideais eram bem menos resistentes do que a necessidade proteica de meu corpo. De família humilde e origem periférica, Vitória apenas julgava, sem palavras mas com seu olhar fulminante, minha insistência em utilizar calça social e camisa de linho para frequentar o curso, completamente destoante do estrito dress code aprovado por aqueles que defendem a ampla liberdade de sua expressão corporal.

---

<sup>1\*</sup> Servidor público, formado em Direito pela Universidade Federal do Paraná e estudante do curso de História da Universidade Federal de Santa Catarina. Também escreve nas horas vagas sobre qualquer tema que escape à entediante burocracia jurídica. E-mail: tiagocracomiranda@gmail.com

Mas não é só de ideias que se faz uma mulher encantadora. Vitória era linda, e não somente aos meus olhos. Seu cabelo encaracolado no estilo black power e outros detalhes fenotípicos que revelavam uma descendência afro-brasileira ornamentavam uma pele morena, tocada pelo sol da Ilha. Contudo, a pedra de toque era sua boca, que fazia qualquer desavisado ter convicção de que fora esculpida em mármore pelo mais hábil artista renascentista. Abstenho-me de utilizar aqui a infeliz expressão “beleza exótica” para não receber desagravos e notas de repúdio de meu público leitor, tão dedicado às minúcias da expressão verbal coloquial na defesa de sua visão de mundo, mas a verdade é que a beleza de Vitória chamava a atenção justamente por destoar de qualquer padrão corporal a que nos acostumamos, por não se enquadrar em nenhum dos estereótipos vendidos em atacado nos catálogos do Instagram.

Por semanas, tive que me contentar com uma paixão platônica e uma admiração distante. A popularidade de Vitória era também sua característica que mais me irritava, pois a fazia estar sempre acompanhada de algum de seus amigos ou atarefada em algum evento de política acadêmica. Não me era concedida uma oportunidade sequer de me aproximar, me apresentar, e tentar puxar conversa para conhecê-la pessoalmente, confrontando suas belas imperfeições reais com a ilusória fantasia de mulher que eu havia criado em meus devaneios.

Passei a frequentar as assembleias estudantis e todos os eventos de mobilização da greve organizados pelo Centro Acadêmico, apenas para tentar, ainda que de forma remota, ver e ser visto, esperar minha oportunidade e fazer de tudo para não estragá-la. Logo eu, que nunca acreditei na efetividade e na própria legitimidade de uma greve estudantil, passei a ser um dos religiosos frequentadores de palestras, rodas de conversa e workshops sobre a luta pela dignidade do ensino público superior do país, e passei a me engajar e me identificar nessas falas tão panfletárias da luta sindical.

Mas o objetivo principal de aproximação de Vitória progredia lentamente, quase de modo incipiente. Eram apenas algumas trocas de olhares desinteressados, alguns acenos à distância, algumas palavras trocadas sobre a atual conjuntura da mobilização acadêmica. Se Vitória agora sabia de minha existência, considerava-a como parte da figuração de seu filme idealista para a modificação da realidade universitária. Foi então que, no ápice de meus devaneios, cansado de ser apenas elemento de composição de cenário, decidi adotar uma medida mais assertiva, senão desesperada, na tentativa de chamar sua atenção. Já conhecendo seu dom de escrita e sabendo de seu fascínio por literatura, optei por conquistar o coração de Vitória através de seu intelecto, no ambiente acadêmico por ela dominado. Decidi submeter um brevíssimo texto autoral, cheio das mais óbvias indiretas e segundas intenções, à publicação no periódico do Centro Acadêmico de História, cujas curadoria e organização eram orientadas, é claro, por sua Diretora.

O texto era simplório, um pequeno conto sem grandes inovações estilísticas, uma história de amor universitário que não foge aos clichês mais conhecidos da Sessão da Tarde. Era, por todos os aspectos, uma paródia de conto, mais pela incompetência do que pela intenção manifesta de seu autor. O enredo estava repleto de referências e alusões a cenas, personagens e situações reais da vida universitária, com algumas mal disfarçadas modificações e distorções para embelezar a pobre obra e atribuir-lhe um sentido.

Meu objetivo ao submetê-lo à publicação era tão somente que ele fosse lido pelas amigas de Vitória, editoras do periódico, que então comentariam com sua companheira para juntas rirem da breguíssima tentativa de aproximação antes de descartá-lo na pilha dos textos suficientemente mal-escritos para não serem dignos de publicação em uma revista estudantil. O resultado, porém, foi bastante diverso. Publicado o periódico, meu texto era um dos destaques, logo nas primeiras páginas e com letras garrafais. A repercussão, como se podia esperar, foi desmoralizante para seu autor.

Na data seguinte à publicação, metade do campus já havia lido e comentado com a outra metade. Os comentários, é claro, nada receptivos, com todo tipo de piadinhas sobre a pobreza da escrita ou sobre a desesperada tentativa de um anônimo chamar a atenção da tão afamada e inacessível Diretora do Centro Acadêmico.

De minha parte, quase não dava ouvidos à recepção crítica. Para mim, tanto os aplausos quanto as vaias dos aspirantes a intelectuais estudantes do curso de História de uma Universidade Federal me soam apenas como ruídos distantes, incompreensíveis, com idêntico peso em minha balança de preocupações. Meu único desapontamento é que a única leitora que, de fato, me importava, tinha quedado-se em silêncio. Nem uma única palavra a respeito de minha inoportuna investida. Vitória soube ser fria e impenetrável para demonstrar sua clara insatisfação com o gracejo.

O silêncio foi quebrado algumas semanas após o burburinho. Uma bela tarde estava eu fumando meu tabaquinho habitual no centro de convivência quando chega Vitória, enfim desacompanhada de seus infundáveis amigos, e senta-se ao meu lado. “Li seu texto”, disse ela. “Achei risível, um pouco ofensivo em algumas partes, mas se tu praticares bastante talvez tenha algum futuro como roteirista de dorama ou de novelas do tiktok”. Eu apenas ri e agradei aos céus. Não comentei nada, somente respirei aliviado observando ela se retirar tão rapidamente quanto havia chegado. Meu objetivo tinha sido atingido: chamei a atenção dessa inalcançável figura. Nada mal para a primeira e tão antecipada conversa a sós.

Continuei frequentando as atividades de greve. Em verdade, me fazia cada vez mais presente. Minha constância passou a ser notada. Ganhei voz, conseguia externalizar meus pontos de vista e contribuir com uma ideia ou outra. Vitória estava sempre lá, mordiscando sua maçã, ouvindo e concordando silenciosamente. Passamos a conversar com maior frequência, na maioria das vezes acompanhados, algumas raras ocasiões só eu e ela. Passamos a nos conhecer. Ela era muito mais encantadora do que minha limitada imaginação pudera conceber. De minha parte, consegui refazer a primeira impressão de um garoto mimado e deslocado em um ambiente a que não pertencia.

Passamos de frequentadores do mesmo ambiente para conhecidos, de conhecidos para amigos de amigos, e, enfim, para amigos de ocasião.

A greve se agravou. A categoria docente estava na iminência de aceitar o acordo proposto pelo Ministério da Educação e encerrar sua mobilização. Isso significaria um duro golpe no movimento até então vendido como “unificado”. Aos Técnicos, foram oferecidas migalhas, um pouco mais que isso. Quanto à luta estudantil, vinha progressivamente perdendo adesão, os estudantes já estavam cansados e sem um rumo certo, ainda que nem promessas vazias tinham sido feitas para a melhoria das condições das estruturas do campus. Em um ato desesperado, alguns estudantes mais engajados ocuparam o Centro de Filosofia e Ciências Humanas e passaram a nele habitar, impedindo a regular retomada das aulas pelos docentes e promovendo uma última pressão política contra a Reitoria.

A ocupação se arrastou por dias e os bravos - embora poucos - estudantes mantiveram-se firmes em suas convicções, ainda que isso lhes custasse o conforto de seus lares. Dadas as minhas obrigações profissionais, eu me limitei a apoiar o movimento à distância e, por vez ou outra, frequentar a ocupação e os pequenos eventos de conscientização por eles organizados para prestar meu inepto apoio. Vitória estava lá, nas linhas de frente, bradando aos quatro ventos que só sairia quando as reivindicações dos estudantes fossem dignamente apreciadas e atendidas pelo Reitor.

Ocorre que sempre haverá um engravatado para tensionar ainda mais uma situação política com complexidades jurídicas. O Ministério Público Federal, se compadecendo do clamor barulhento dos docentes que não queriam perder o semestre e vislumbrando a inércia da Reitoria, ajuizou sua ação de reintegração de posse com pedido liminar para pronta e imediata desocupação das sedes públicas da Universidade Federal, autorizado o uso da força policial, se necessário. Os estudantes sentiram o peso de uma caneta empunhada por uma autoridade judiciária.

Estavam a uma simples decisão de ver todo seu movimento político desmontado com violência. A orientação de sua líder, no entanto, era clara: “só saio daqui carregada pelos policiais. O meu respeito aos que me acompanharem”.

Naqueles mesmos dias, havia sido recém proferida a sentença naquela demanda da Casa do Estudante Universitário para a qual eu havia oferecido meus inexperientes serviços advocatícios. Em um golpe de sorte, a decisão foi de integral procedência, com determinação à Reitoria de imediata reparação de dignas condições de habitação do CEU sob pena de multa diária, sem prejuízo da adoção de outras medidas indutivas, coercitivas, mandamentais ou sub-rogatórias necessárias ao cumprimento da ordem judicial. A pueril fama estudantil que a conquista me rendeu não teria valido de nada não fosse sua consequência mais importante, a de ter chegado aos ouvidos de Vitória justo no momento em que seu tão estimado movimento estudantil mais precisava de orientação e respaldo jurídico no hostil ambiente de batalha travado em um processo judicial.

O pedido do Ministério Público foi acatado pelo Juízo em menos de vinte e quatro horas e seria cumprido, com ou sem a colaboração estudantil, na manhã seguinte. Ao fim da tarde, esgotado após o expediente, recebo a ligação de Vitória desesperada, perguntando quase aos prantos se havia alguma saída jurídica para revertermos a situação. É evidente que não havia outra resposta a ser dada. Respondi que iria ajudar e fazer o possível e mais um pouco para tentarmos modificar a decisão.

As horas seguintes à ligação remaneceram em minha lembrança de maneira etérea, fragmentada, quase como num sonho. Lembro-me de ter me dirigido à ocupação, tentado explicar da maneira mais didática possível a situação jurídica em que os estudantes se encontravam e, a partir de então, esgotado a noite na redação da peça jurídica mais importante de minha vida - pois de seu sucesso dependeria a única conquista que de fato me importava.

Junto aos estudantes, fizemos uma obra-prima do recurso jurídico, detalhando a situação de abandono em que se encontravam as dependências universitárias e defendendo a legitimidade da ocupação enquanto um movimento político, de desobediência civil que daria orgulho a Thoreau. Para além da alinhada dissertação jurídica, o instrumento recursal contava com imagens, vídeos, depoimentos dos estudantes e esclarecimentos acerca das conjunturas da manifestação.

Já ao raiar do dia, consegui agendar uma reunião com o Procurador Federal responsável pelo caso, que surpreendentemente me recebeu em sua residência. Expliquei-lhe a situação e, movido de uma força de persuasão que nunca fez parte de minha personalidade, consegui convencê-lo de que a imediata reintegração de posse seria um erro infeliz, que poderia custar a confiança de toda uma classe estudantil no sistema judiciário e no próprio senso de justiça de nosso país. Juntos, entramos em contato com o Desembargador Relator do recurso, distribuído naquela madrugada, e fomos pessoalmente despachar junto a ele.

Com calma em meu coração, recebi a compreensão do Desembargador quanto ao caso, que se prontificou a redigir de próprio punho uma decisão liminar concessiva de efeito suspensivo ao recurso, a ser juntada aos autos processuais em dez minutos, determinando a suspensão imediata da ordem de reintegração. Com a decisão em mãos, saí do Tribunal rumo à Universidade, dirigindo o mais rápido que minha prudência e minha perícia permitiam, na vã expectativa de chegar antes do Oficial de Justiça e de sua força policial.

Ao chegar ao campus, me deparei com um cenário de guerra iminente. O Oficial de Justiça, premeditando um confronto com os estudantes, não se contentou em chamar apenas o reforço policial, mas a própria tropa de choque para assegurar o cumprimento de seu dever. A mídia, ansiando por um confronto cinematográfico, também já estava toda a postos. Os estudantes, mantendo-se corajosos, resistiam nas barricadas feitas diante das portas com mesas e cadeiras. Com os ânimos exaltados, estávamos a um tom de voz mais estridente do estopim de um confronto que mancharia a história das forças policiais e da faculdade de História da Universidade Federal.

Vitória mantinha-se à frente de seus companheiros, com a cara fechada, o olhar fulminante direcionado às forças policiais, segurando sua maçã mordiscada em uma das mãos e a outra armada com algum improvisado objeto contundente,



pronta para resistir com unhas, dentes e o que mais fosse necessário. É nesses momentos que compreendemos a força das ideias na jovem mente daqueles que ainda não perderam a esperança na humanidade e que abraçaram como sua missão de vida a tentativa de mudar uma realidade concreta que lhes pesa os ombros. Mas afinal, quem nada tem a perder, muito tem a ganhar e todos que ali estavam não tinham outra opção que não a de dedicar suas vidas à ideia de mundo que lhes fora prometida, mas nunca entregue.

Fui correndo me posicionar no centro do conflito, entre os estudantes e o Oficial de Justiça, de braços abertos pedindo apenas mais um momento de paz. Fiz sinal para Vitória se aproximar e juntos nos reunimos ao Oficial de Justiça e ao encarregado das forças policiais, todos desconfiados e prontos para dar a ordem de ataque.

Apresentei-lhes a decisão e a li em voz alta, para que todos os presentes pudessem ouvi-la, acompanhado de flashes de fotos dos jornais locais. Se em algum momento fui protagonista de alguma cena em minha vida, o momento foi este.

Ao ouvir a nova ordem judicial, a força policial prontamente baixou sua guarda. Os estudantes, em um misto de alívio e esgotamento físico e mental, celebraram como puderam. Vitória, ao meu lado, tomada pelo momento de exaltação, me abraçou. E eu a abracei. Então beijei Vitória. E Vitória me beijou. O sabor de Vitória é doce. Tem gosto de maçã.





## “AINDA SEM NOME”

Bethyna Vitória de Jesus\*

Às vezes, eu preciso me olhar no espelho para lembrar que sou humano. Eu mexo meus dedos, brinco com as sobrancelhas, toco meus cabelos. Tento de toda forma sentir que não sou só o que vejo. Saio com o cabelo desalinhado, a roupa meio amassada, o olhar alheio, e é engraçado porque não parece um problema até as outras pessoas ficarem me encarando por mais tempo do que considero normal. E eu caminho, sinto a areia nos pés, a maresia no rosto, ouço os sons da avenida ao longe, mas todas essas sensações parecem ser só sensações, como se eu fosse apenas um aglomerado de sentidos. Se sou uma árvore de muitos galhos, um mar de ondas revoltas, uma música feita de trovoadas, eu não sei, o que sei é que o que quer que signifique ser alguém perdeu o sentido para mim há muito. Eu até cheguei a pensar que existir bastava, mas quando me dei conta de que minha presença parecia sempre depender de algo que estava além de mim, como se eu não pudesse ser humano por mim mesmo, concluí que somente existir era, na verdade, difícil. Não sei se estou me fazendo entender, mas a questão é que já faz um tempo que não me sinto humano.

Tente se imaginar no meu lugar. Esqueça que tem seu coração, seus pulmões ou suas vísceras. Esqueça sua forma, seu corpo, esqueça tudo. Como você se vê? Algo que pode sentir com os dedos? É algo que você consiga explicar? É como se a cada momento eu tivesse que me forçar a ver algo, porque senão, me sinto como grãos de areia pairando por aí, me sinto afobado, procurando cada parte, um formato, e não encontro nada senão vazio. O que tenho como humano não parece ser o que sou, é como se houvesse algo além que eu não conseguisse exprimir, uma coisa que vai se avultando em mim e tirando meu ar. Tudo o que sei sobre essa coisa sem forma é que ela tem um sabor amargo e ferroso. Isso tem me angustiado, mas já, já o meu chefe dá uma ordem, eu enrolo, tomo um café, cumpro, e o resto é fácil de imaginar.

Quando estou no trabalho, na faculdade, em uma roda de amigos, vendo as pessoas interagirem, percebo o quão exausto estou por pensar nisso,

cansado de tentar me entender e de performar o que quer que seja. Fico meio impaciente e frustrado até. Eu não sou humano, não sei o que sou, nem o que quero ser. Sei que música gosto, qual meu filme favorito, o tipo de lugar que quero estar, mas essas coisas não me parecem dar uma certeza de algo, são como casualidades de algo muito maior, que se espreguiça como uma sombra. E às vezes, como nos domingos à noite, essas coisas também parecem se perder.

De toda forma e lugar que essa dor me atinge, o espaço que coloca entre mim e aqueles que me rodeiam é o pior, porque eu gostaria de estar por perto, mas sempre falho. Porque às vezes, quase sempre, sinto como se vagasse por aí como um objeto esfacelado, tendo que caçar cada parte perdida, e tudo parece tão disperso que nem o que sinto parece verdadeiro. Nem a tristeza, nem a alegria. Estar por perto, então, se torna um fardo, porque é quando me percebo distante. Que humanidade haveria em alguém que, inconscientemente, transpõe uma barreira entre si e quem ama por não se sentir real a ponto de se permitir simplesmente sentir?

Foi por isso que Mai foi embora sem alardes. Eu acho. Eu me apegava a realidade que construímos juntos, vagava pelo som da sua voz, o calor de seu abraço e o nervosismo ante sua proximidade. Mas bastava um desvio de olhar, bastava que eu me distraísse um segundo, que então me sentia um fracasso de novo, porque tomava consciência de que nem mesmo nos melhores momentos deixava de me sentir vazio. Era como se entre mim e ela sempre fosse haver essa barreira de dissociação. E quando eu pensava nisso, morria um bocado mais. E deixando pequenas partes de mim morrerem, eu tirava também uma parte de quem amava. A conclusão a que eu chegava todas as noites era de que eu jamais retribuiria seu amor como ela o fazia. E depois disso, acabava me sentindo um nada. Por isso, deixei de olhar seu rosto e seus olhos, porque era quando reconhecia minha ausência. Era quando seu amor me soava estranho. No fim, sua partida foi o melhor. Nunca tivemos algo que fosse nomeado, afinal. Mas doeu. E doeu ainda mais por ser silencioso. Um fim sem ponto final te deixa deslumbrar algo, mas há tempos que eu não me via em um cenário muito longe. Assim como eu, aquilo que tínhamos também não tinha forma, e se perdeu.

Foi em uma noite dessas que, olhando para o teto, pensei que, quando perdemos algo de nós, quando deixamos que algo nos escape, mesmo que a

---

\* Graduanda do curso de Letras-Português da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e centelha em algumas horas da noite. E-mail: bethynajesus@gmail.com.

perdemos tentando formar uma redoma para que justamente não se perca, assim, também nos afastamos um pouco da realidade. A sensação é como voltar de um velório e ficar a beira da mesa mastigando, mastigando e mastigando a ausência de quem se foi. Só que o lugar vazio à mesa é o nosso, ninguém se foi, foi algo inerente a nós que se perdeu, e é por isso que é tão doloroso, porque por não sabermos o que é e onde foi parar, não sabemos como procurar, só aceitamos que nunca mais nos encontraremos. A partida de Mai trouxe isso à tona: por perder algo meu — não sei o que e nem onde — perdi alguém que amava. Sempre me perdendo e voltando a mim, sempre tendo que estar atento aos pormenores para não me perder completamente, deixei que as coisas à minha volta se escapassem. Esse também é um luto. Enfim, foi um pensamento que me ocorreu em uma dessas noites.

Quando cheguei no escritório hoje pela manhã, Dan me disse que a encontrou. Ela estava tomando um café enquanto lia um livro que ele não se preocupou em descobrir qual era. Os dois se reconheceram, conversaram brevemente e ela me mandou um abraço, pouco antes de ir embora. Até onde Dan pode esquadrinhar, ela estava bem, e fiquei feliz por isso. Nunca acreditei muito na conversa de que estamos destinados a alguém, porque acho que é um tipo de determinismo que pode se tornar atroz, mas quando o assunto era quem eu sou, sempre fiz muito uso disso, como se houvesse uma única forma de ser e eu ainda não a houvesse encontrado. Agora, enquanto o dia acaba e uma chuva fina cai, tenho até vontade de rir, porque reconheço que sou meio bobo nisso. Digo, nada nesse mundo é estável, os dias correm, as ondas quebram, as pessoas mudam e nossos relacionamentos também. Então, não existe um jeito certo de ser. Nem lugar certo ou pessoa errada, nem vice-versa. As coisas só existem e fluem. Se deixarmos, pelo menos. Mas eu passei muito tempo sendo rigoroso comigo mesmo, procurando a pessoa que deveria ser e o lugar que deveria estar, então talvez eu ainda me sintam meio perdido hoje à noite.

Mas ainda me levantei, joguei o cigarro fora, entrei no escritório, fui até o banheiro e, por um tempo, fiquei me olhando no espelho.



## “COLHENDO ÁGAPE.”

LEONARDO DE OLIVEIRA SCHNEIDER<sup>1\*</sup>

— E aí! Como vai? Me chamo Arthur e tô procurando por um voluntário pra um experimento social. Topa?

— Topo... quero dizer. Depende. O que que vai ser?

— Ah! Não, não. O segredo faz parte do experimento. — Disse de maneira convincente, enquanto, parado feito pedinte, gesticulava sobre uma prancheta estranhamente nova e de bom estado — Só posso dizer que tende a ser pesado, ou enjoativo, até mesmo agradável. Dependendo do ponto de vista, é claro. Só sei que não teria muito resultado se eu te contasse exatamente o que vai acontecer, visto que queremos estudar seu comportamento em relação ao experimento.

— Bem, quer saber? Dane-se, tenho nada melhor pra fazer. Pode ser. Manda bala. Mas não quero muita introdução, não. Vai direto ao ponto. Tô precisando me ocupar mesmo. Bora!

—Tu que sabe. Tem certeza?

— Sim, sim. Sem enrolação, manda ver.

Bom, então tape os olhos e conte até que eu te peça pra parar. Logo começamos. — Falou, após entregar o termo de responsabilidade e colher a assinatura do coitado perdido, agora de maneira mansa, feito quem pretende hipnotizar alguém mesmo sem saber como — Prepare-se para uma experiência sensorial única, que vai depender da tua atividade ou passividade, felicidade ou tristeza, dominação ou submissão, fraqueza ou...

Interrompendo o enunciado típico de vendedor fanfarrão, um estrondo o acordou, como se o tempo houvesse dilatado em fração de segundos — quem já desmaiou entende: primeiro a escuridão, seguido de um som duradouro que do ambiente se mantém circulando aos ouvidos, depois a luz, um estrondo, e, de olhos abertos, a cabeça

cravada no chão. Sorte: havia um tapete. O mesmo barulho teve efeito para que pegasse no sono, mas isso não chegou a perceber. Apressadamente levantado, correu para cada lado da sala, num relance de desespero. Estava bem iluminado, limpo. Quatro paredes, mas nenhuma porta. Pensava se havia sido sequestrado, mas nunca tinha visto sequestro culposo, nem acreditava ao certo que isso seria possível — se achava erroneamente esperto, muito mais do que realmente era. Neste momento, pensou em gritar, pedir socorro, mas de que adiantaria? Estava ali por vontade própria, quis entrar porque pensou estar fazendo algo útil, dando função ao seu momento mais desocupado em uma dessas tardes em que se vaga jocosamente por alguma praça mequetrefe de bairro caído, ocupando-se em experimentar qualquer coisa pelas quais nunca se interessa em dias normais. Certo era, ainda neste momento, que não conseguiria sair tão cedo e sem que lhe dessem uma porta. Onde já se viu um quarto sem porta? “Só poderia ser parte do experimento”, pensou.

Enquanto contornava a sala de quatro paredes, até meio espaçosa, bem detalhada, de boa aparência, passava a se acostumar. Gostava cada vez mais. Até que se apegou. Apegou e não soltou. Era seu quarto, sua sala, sua cozinha. O tempo o havia convencido daquela realidade. Inteiramente dedicado, só lhe existia um objetivo: zelar por seu espaço. Foi aí que tudo começou a mudar...

Após algum tempo, as paredes, cada vez mais sujas, passaram a fechar lentamente. Pelo menos, parecia. Notou, entretanto, que as paredes fechavam à medida que permanecia, ou não, em determinado lugar. O quarto até parecia vivo! Estaria ele o controlando, ou seria o contrário? Ou estaria ele ficando louco ao pensar numa possibilidade tão absurda? Até aqui, não sabia, porém, logo depois confirmou: estava realmente sendo controlado. Perto da parede à esquerda, as três demais se fechavam, mais à direita, nenhuma se movimentava. Começou a testar. Passou algum tempo assim, pulando de um lado pro outro, sem muito método empírico, parecia cada vez menos esperto para si do que antes pensava ser.

Enquanto brincava com as paredes comprimindo-se, não reparou que estava ficando sem espaço, nem mesmo teve tempo para notar que não havia comida ou bebida que matasse sua sede repentina. De relance, lembrou porque estava ali. Suas necessidades não importavam. Pobre tolo, pensou que estava sendo preenchido, mas era só

<sup>1\*</sup> Licenciado em Letras - Português na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Linguística. E-mail: leo.schneider.los@gmail.com

mais um entre muitos preenchendo um espaço entre paredes. Se pensasse antes de aceitar qualquer experimento sem saber, por motivo de ocupar-se, preencher-se de função, não estaria ali. Não estaria sendo sufocado. Talvez tivesse sido feliz estando só, em qualquer ambiente, livre de paredes. Só, mas não! Pretendeu tanto que acabou nisso.

Certo era que, nem janela, nem porta, só lhe restavam os próprios pensamentos e devaneios. Não tinha o que achar de si e em si, não tinha como ir contra o quarto. Já percebia: suas vontades e intenções não importavam, era certo. Não havia mais distinção entre paredes: a da direita era agora muito próxima à da esquerda e vice-versa. Se ficasse perto de uma, estaria também perto de sua oposta, não haveria melhor lugar para se pisar em muito tempo a partir deste. Assim, só contava com o passar do relógio para que, por algum milagre, surgisse uma abertura ou que as paredes finalmente cessassem o que estavam terrivelmente o fazendo. Infelizmente, o experimento era brutalmente empírico.

*Quão fácil é romantizar sua própria prisão!*





# “ÁRVORES”

Pedro Hélio Tananuska<sup>1</sup>

Eu vivo em uma cidade pequena, um lugar isolado sem nada relevante ou interessante, exceto por uma lenda que ronda a região. Me lembro de ter ouvido a lenda da minha avó, a qual foi muito julgada pela minha mãe por contar uma história tão amedrontadora para o que na época era uma criança de uns 10 anos.

Existe uma praça no meio da cidade, antigamente muito bem arborizada e devidamente cuidada, hoje não passa de um antro de meia dúzia de árvores decadentes e concreto. Em sua época de ouro, o local tinha árvores belas e altas, com vários pássaros as cercando, as quais eram muito admiradas pelos habitantes. Eles cuidavam das árvores e se reuniam na praça com frequência, mas dentre as plantas, a mais “famosa” era uma grande macieira que ficava no meio da praça, comumente usada como ponto de encontro ou referência.

Em uma tarde qualquer, um senhor, que pelas minhas pesquisas se chamava Joaquim Soares, chegou na praça em um estado decadente. Estando absolutamente alcoolizado, o senhor fez algo que não era concebível nem mesmo entre delinquentes ou vândalos: Ele lançou pedras nos pássaros que habitavam a árvore e arrancou partes da casca dela. O homem foi rapidamente parado pelas pessoas que estavam na área, o impedindo de fazer estragos que deixassem a planta debilitada, mesmo assim uma destruição considerável foi feita: Suas raízes estavam riscadas por um canivete, suas cascas foram arrancadas e os habitantes da árvore foram desnecessariamente mortos.

Ninguém sabe o que motivou o senhor Joaquim a fazer aquilo com a macieira, mas, teoricamente, tal transgressão não passou impune, seja a sua punição relacionada com esse episódio ou não.

Após alguns dias do ocorrido, uma semana para ser mais exato, o senhor misteriosamente sumiu, ausência essa que foi rapidamente notada pelos bares da cidade. No começo, ninguém realmente se importou com o suposto desaparecimento do velho, sua família não vivia na cidade, de forma que só souberam do caso meses mais tarde, e os habitantes da cidade não se importavam com um bêbado ordinário. Entretanto, conforme as investigações policiais continuaram, a preocupação começou a se aflorar. Nenhuma evidência do senhor foi achada, mesmo com

semanas de procura, era como se ele tivesse desaparecido no ar.

O desaparecimento foi misterioso, porém tão rápido quanto ele ocorreu, ele foi “desvendado”. Algumas semanas depois do sumiço, um garoto chamado Benjamin, que aparentemente se mudou para São Paulo recentemente, encontrou algo muito estranho enquanto brincava em uma árvore de sua rua: um osso, quase que escondido no meio das folhas da planta. O pequeno Benjamin não entendeu o que aquele objeto era, então o mostrou a sua mãe, que rapidamente reconheceu sua origem e o dirigiu à polícia.

As análises da pequena falange revelaram duas coisas extremamente estranhas: Em primeiro lugar, o osso certamente pertencia ao senhor Joaquim, e o objeto mostrava sinais de corrosão, como se um animal tivesse o comido e então o vomitado, porém o padrão da corrosão era muito exótico, como se um ácido fortíssimo tivesse sido usado, algo que nenhum animal comum poderia produzir. Os ossos do velho continuavam a ser encontrados, costelas, mandíbula, vértebras, crânio, úmero etc. Pouco a pouco todos os ossos foram encontrados, cada um em árvores diferentes pela cidade, e aparentemente sem qualquer padrão.

Diversos suspeitos foram cogitados como culpados enquanto os ossos estavam sendo encontrados, porém mesmo com todos os potenciais culpados sendo observados dia e noite, ninguém aparentava ser o culpado. Centenas de habitantes foram analisados na época, e absolutamente nenhuma prova que apontasse um assassino pode ser encontrada, então, por falta de informação, tudo que foi comunicado ao público é que o senhor Joaquim tinha sumido subitamente.

Essa história sempre me atormentou, desde que eu era uma criança, e sinceramente, ainda me atormenta. Hoje de manhã, enquanto caminhava pelo meu quintal, encontrei um pequeno osso em uma das macieiras. Ele estava quase que escondido, embaixo do único galho torto que se emaranha pelo tronco da planta. O osso está levemente acinzentado, deve ser apenas um osso da asa de um pássaro ou algo assim.... Eu espero que seja.

<sup>1</sup> Possui ensino-fundamental-primeiro-graupela Julia Baleoli Zaniolo(2022). Tem experiência na área de Microbiologia, com ênfase em Microbiologia Aplicada.





# “O CANSAÇO”

Marcos Vinícius Rebelo\*

Alguma coisa me aconteceu, já não posso mais duvidar. Sinto *isso* (que ainda não sei o nome) se manifestando no meu corpo através do cansaço. Começou com a sobrecarga da escolha durante os momentos de ócio, com a liberdade que me foi imposta. Tento combatê-lo, porém o seu chamado silencia as outras vozes desesperadas. Corta todas elas enquanto gritam por socorro.

Quando criança, era claro o que fazer fora da escola: jogar futebol com os amigos de classe, brincar na rua ou assistir à televisão. Agora, o escasso tempo livre deve ser recheado de leituras técnicas produtivas, de corridas matinais na chuva e de aventuras ocasionais. Mas eu não as quero. Odeio-as em sua totalidade.

Eu as odeio ou o Cansaço (creio que esse seja um bom nome para *isso*) me faz odiá-las? Ainda me sinto pleno em minhas faculdades mentais. Enxergo certa ordem no mundo. Por exemplo, as raízes das árvores servem para o sustento do vegetal. Talvez o desgosto com essas atividades seja propriamente meu. Mas por que já não me ocupo com o que antes me aprazia?

Acordo do devaneio e fecho o registro do chuveiro. O relógio marca 07:55. Ainda me restam cinco minutos antes de começar a trabalhar. O computador está na cozinha ao lado da torradora com margarina que me aguarda. Seco-me com a toalha que lavei ontem e visto-me com as roupas mais confortáveis que tenho. Faz frio, então não posso abrir a janela. Ligo a luz do meu quarto para não me sentir em total escuridão.

8:00: As notificações e e-mails começam a aparecer enquanto mastigo a primeira mordida de alimento. O próprio ato de saborear uma refeição dignamente me foi tomado. As demandas são entregues e espera-se que essa irrealdade seja cumprida até o fim do dia. Ela será cumprida, contanto que eu sacrifique meu horário de almoço.

A tela de fundo da área de trabalho do computador mostra imagens aleatórias, porém uma me capta a atenção. É uma rua ladrilhada com casas coloridas. Centralizado no quadro está uma arquitetura tipicamente portenha. As cores parecem estar vivas sobre a imagem em seu

contraste com a natureza morta que as rodeia. Faz frio. A varanda está aberta e uma pessoa assiste a todos. Não, não é uma pessoa. Ainda assim me sinto como se alguém estivesse me assistindo.

Todos riem e tiram fotos em família, mas o Cansaço volta. Faz muito frio. Quero um lugar para sentar. Mas se eu o fizer, todos me olharão com repúdio. Por que não estou sentindo a mesma alegria que todos sentem ao caminhar aqui? Já sinto os músculos da minha perna saltarem e obrigarem-me a sentar, ainda assim tenho que continuar a apreciar essa bela vista.

Faz um frio extremo. Por que todos me julgam neste instante em que os olhos se voltam para mim? Ninguém mais ri. Mas eu sou livre para sentar neste café que me aquece minimamente. Sinto os músculos da minha perna relaxarem enquanto acendo um cigarro. Admiro a paisagem novamente, com calma. Ninguém está olhando para mim. Todos riem novamente.

Durante a primeira tragada, eu me entrego ao Cansaço. Apenas existo neste momento e neste local de frio moderado. A brisa que vem é tão suave que me obriga a tirar um dos agasalhos. Faz parte da ordem natural do mundo que todos sejam felizes ou é permitido escolher se sentir cansado aqui e agora?

Uma nova notificação aparece na tela do computador. Preciso urgentemente voltar a trabalhar nestas planilhas. A reunião matinal, como sempre, seguiu um rumo meramente protocolar, com instruções diretas e pré-programadas a serem seguidas pelos trabalhadores da empresa.

Todos os movimentos de mouse e teclas pressionadas sofrem monitoramento. Não posso passar mais de três segundos longe do meu posto de trabalho. Todas as metas precisam ser atingidas, sem questionamento. Minha função é automatizada, sem propósito, sem sentido, sem atalho.

Executo minha função mecanicamente. Preparo balanços, calculo encargos sociais, registro as operações financeiras da empresa. Todas as metas precisam ser atingidas, sem escolha. Meus dedos preenchem tabelas com números e dados sem necessidade para o universo. Meus dedos preenchem as tabelas ou as tabelas são preenchidas pelos meus dedos?

Há um número que me incomoda. É o 8 na célula D7. Por que ele é tão redondo? Desvio o olhar dele e vejo o quarto composto de paredes brancas, com luz muito clara, janelas fechadas, uma escrivaninha cor de creme, uma cadeira de escritório comum preta, o piso vinílico, mas algo me chama a atenção. Reviso toda a tabela, mas algo me chama a atenção. Por que ele é tão redondo? Não aparenta ter uma natureza intencional, porém eu o pus aí. Ou ele foi posto por mim?

A redondeza do 8 contrasta com a rigidez quadriculada da planilha em minha frente e isso me incomoda profundamente. Esse detalhe imprevisto me faz sentir uma

\* Graduando de Letras – Espanhol pela Universidade Federal de Santa Catarina. Atualmente, é Instrutor de Inglês e vem explorando a área de tradução entre Inglês e Espanhol.

forte dor atrás dos olhos que interrompe toda a análise genérica que eu vinha fazendo até aqui. Não sei se os três segundos de tolerância que tenho já se passaram, mas não consigo parar de olhar para esse desafio às leis naturais. O Cansaço se manifesta novamente, entretanto eu não posso atendê-lo agora. Preciso escapar deste número.

E se ele estiver causando essa estranheza? E se não sou eu quem olha para o número, mas o número que olha para mim? Tento buscar em desespero o propósito dessa célula existir. Ao mesmo tempo, o Cansaço grita mais. Seu machado está cada vez mais afiado. Lembro-me do café em Buenos Aires e da primeira tragada que dei naquele cigarro. Qual o propósito de um cigarro?

Olho ao redor. A luz fria no teto ilumina meu apartamento vazio. A xícara de café frio pela metade e a escrivadinha cor de creme. Tudo parece subitamente desprovido de propósito. A luz não precisava ser dessa cor. O café poderia não ter sido passado hoje. O relógio poderia marcar qualquer hora. Mesmo assim o mundo existiria perfeitamente. Nada disso é necessário. Nada disso precisava ser como é.

A redondeza desta simples célula assume um caráter puramente arbitrário, sem uma ordem ou propósito de estar aí. Ela apenas está. Ele apenas existe. As raízes das árvores não precisam servir para o sustento do vegetal. Elas simplesmente o fazem. O sistema de monitoramento da empresa e ela mesma não precisam existir. Nada faz sentido.

Era isso que o Cansaço quis me dizer o tempo todo? Volto ao cigarro portenho e decido que não quero resistir mais. Deixo-me afundar nele com indiferença. A dita ordem natural das coisas é um padrão temporário organizado pela arbitrariedade dos seres. Aquela liberdade que me foi imposta se revela como absoluta e inescapável. Nada tem sentido.

Isso significa que eu tampouco tenho razão de existir. Todas as obrigações que eu tive ao longo da vida foram desnecessárias por natureza, até mesmo a clareza do que fazer fora da escola quando criança. Durante todo este tempo, eu fui livre para escolher o caminho da minha vida. Nada precisa ter sentido.

Olho pela janela e vejo a chuva cair. Cada gota segue sua trajetória aleatória até o encontro com as demais na superfície do vidro. Não há um padrão necessário ali, apenas a soma de incontáveis aleatoriedades.

Volto, finalmente, à planilha. Muito mais do que três segundos se passaram durante meu encontro com o Cansaço. No entanto, agora percebo que o trabalho é, no fundo, uma série de tarefas arbitrárias que executo em troca de um salário no fim do mês. Ele não me define mais, pois não o deixo me definir. Eu não sou definido por ele.

Olho novamente o 8 na célula D7. Ele continua redondo demais. Mas talvez essa redondeza já não me ofenda tanto. Ou talvez eu só tenha cansado de me incomodar. Num universo absurdo e sem sentido predeterminado, tanto faz criar significados ou não. É no próprio absurdo, e na revolta silenciosa de continuar existindo apesar dele, que encontro uma paz inquietante.

O sol atravessa a janela, mas ainda não me aquece. Sinto que algo em mim resistirá até o fim, mesmo sem saber exatamente o quê. No céu, nuvens desenhavam padrões indecifráveis, mas eu me esforço para encontrar um formato. Não por ela ter naturalmente um desenho, mas pela minha liberdade de atribuir-lhe um.

O sol brilha como se nada tivesse acontecido. Talvez seja isso que mais me acalma. Ou que mais me assusta. Talvez essa paz seja apenas uma pausa. Mas por ora, deixo que ela me engane.



# ENSAIO DE UM FRENESÍ BESTIAL

THAÍS ARTIGAS DOS SANTOS <sup>1\*</sup>



Gisela não saía de casa sem rezar três ave marias. É que a rua em que morava tinha ficado muito perigosa. Os meninos do crack não saíam das escadarias e já nem adiantava mais cuspir em suas cabeças. Antes gritava da varanda, mas seus ossos foram afinando e a voz já quase não saía ao abrir a boca.

Aprendeu cedo as coisas de velha – secava bem as frestas entre os dedos dos pés, fervia o leite duas vezes e esvaziava toda a bexiga ao ir ao banheiro. Seu apartamento cheirava a molho de peixe e não sabia se vinha da cozinha ou das suas calcinhas, que sempre demolhava em vinagre e talco. Ao tomar banho, seus cabelos escuros entupiam o ralo e o cano regurgitava suas águas.

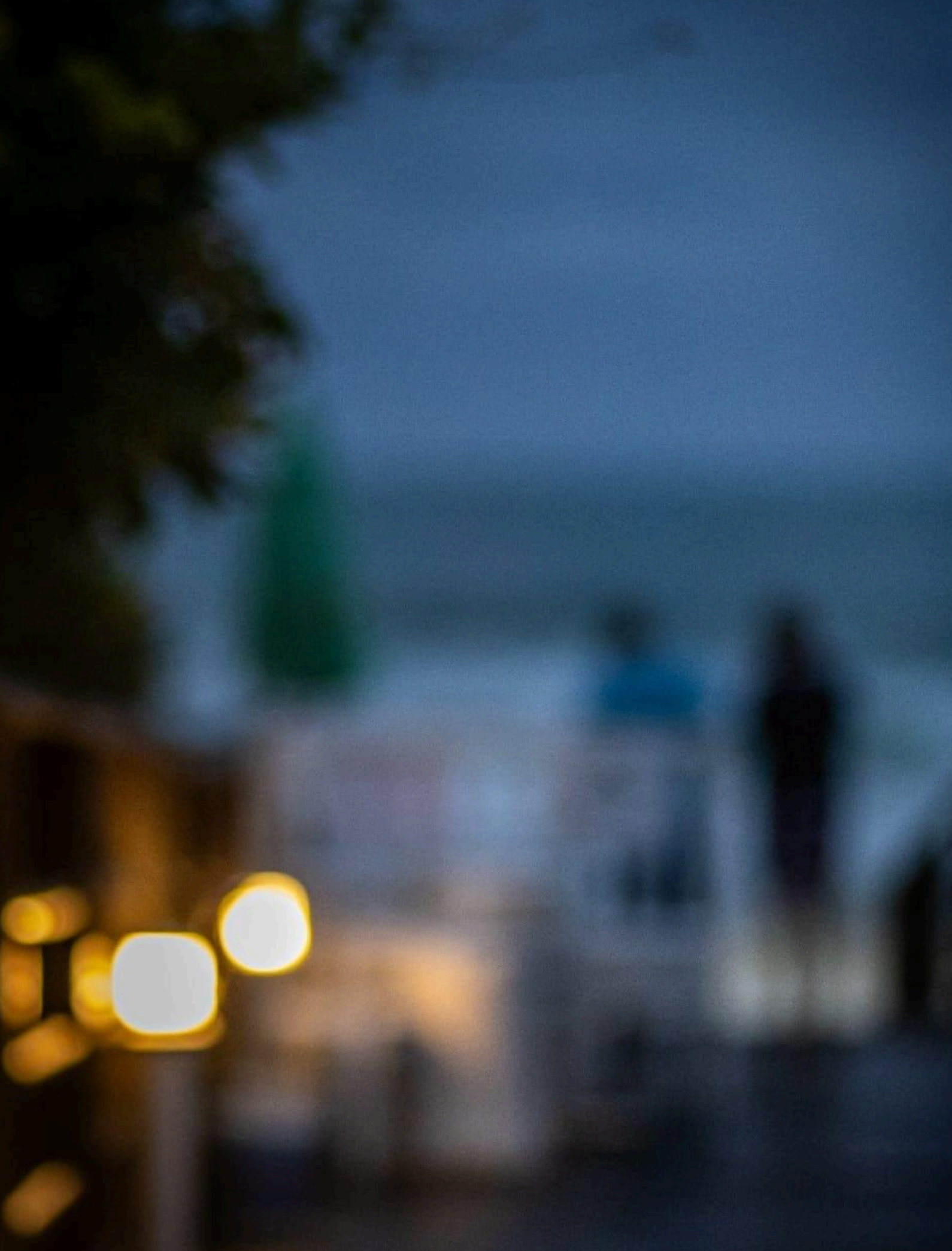
Foi em uma noite quente de outono que Gisela começou a ouvir um canto que vinha da varanda – tinha nele alguma doçura, mas doía aos ouvidos. Não queria abrir a porta. O cheiro de mijo que subia da rua a enojava, mas não resistiu.

Onde antes tinha um vaso com flores havia um ninho de passarinhos. Dentro do ninho uma pássara comia seus filhotes enquanto cantava. Seu bico estava coberto de sangue e os pequenos depenados lutavam para permanecer vivos perante àquela besta. Gisela não conseguia parar de olhar. Pensou em arremessar o ninho para baixo com uma vassoura, se livraria dos bichos e ainda tinha a chance de acertar alguém lá embaixo. Mas seus braços pesavam mais do que o corpo todo e não alcançou nada com as mãos. Os olhos da velha ficaram fundos com o que via. Naquele momento, decidiu que gostaria de ter filhos.



---

<sup>1\*</sup> Thaís Artigas dos Santos é mestranda em Literatura no PPGLit/ UFSC e licencianda em Letras Portugêses na mesma instituição.





# PRESENTE NO PRESENTE

JULIA SOTTILI <sup>1\*</sup>



Sons de pássaros agitados e movimentações nos arbustos próximos fizeram com que eu me levantasse. O sol estava brilhando com o clima perfeito. Olhei ao redor: me encontrava deitada na grama úmida, na parte de trás do restaurante universitário da minha faculdade. Eu sabia onde estava porque era um atalho conhecido, o mesmo que pegava todo santo dia até a aula, mas algo na vegetação havia mudado... e cadê o arame farpado? E os tijolos delimitando onde pisar? Estranho.

Levantei e caminhei, caminhei e caminhei. Não havia restaurante universitário coisa nenhuma, não havia blocos, centros e nem mesmo espaços de socialização. Só um vasto mato rente ao solo. Mais para frente, sim, havia prédios e outros tipos de construções, só que não entendi muito bem a escolha arquitetônica: não eram de tijolos, não estavam revestidos com nada que eu costumava reconhecer. Na verdade, era algum tipo de material pedregoso, muito bem esculpido, do chão até quase o teto, delicado e muito bem cuidado. As cores também eram lindas, quase uma maquete divertida e divina feita por uma criança disposta a ganhar uma nota perfeita ou um estudante sem medo de inovar em um projeto.

Nas ruas havia muitas mulheres rindo, conversando, debatendo e criticando. Eu podia fazer quase uma leitura da situação de uma dupla: “nunca que eu falaria isso, estão mentindo!”. Era engraçado como parecia ser óbvio e, por isso, as escolhi para pedir informação. Chegando até elas, perguntei onde estava. Recebi só uma troca de olhares, risadinhas e palavras que não compreendi - que língua era aquela? Não identifiquei como espanhol, muito menos inglês, não era francês, e nem latim. Parecia uma língua tonal, seria mandarim ou vietnamita ou algo do tipo? As outras mulheres que passaram também não me entendiam. E as outras também não. Nem a morena, nem a loira, nem a mais velha e nem a mais nova. Não tinha uma que falasse português ou qualquer outro idioma que eu conseguisse minimamente entender.

Já estava começando a escurecer e fui me abrigar em uma das construções mais bonitas daquela região. Havia uma escrita na frente - incompreensível - que supus ser algo relacionado com medicina, não sei porquê. Era, na verdade, um laboratório, aqueles de testes, estudos práticos e tal, coisas mais “mão na massa” do que só teoria. Caminhei pelos longos corredores revestidos por pedras grossas e milimetricamente lixadas, pintadas em um azul bebê reconfortante. Entrei em uma, duas, seis, doze salas, e, mesmo assim, ninguém me entendia.

Finalmente, sem esperar, uma moça pequena, com um olhar cuidadoso, pegou em minha mão e me encaminhou até um dos laboratórios. Não houve comunicação, mas ela, pelo visto, havia sido acionada por outras mulheres que estavam frustradas em não conseguir me ajudar durante a passagem de salas. Essa moça me colocou sentada numa cadeira, - ou um banco ou uma poltrona ou um puff duro ou um penico chique com almofadas não fofas, não sei exatamente o que era aquilo, entretanto, se me sentei, o objeto cumpriu sua função - em seguida abriu um livro grosso. Era um livro infantil e cheio de ilustrações. Ele era, obviamente, sobre fases, mas o alfabeto usado não era o que eu conhecia, então poderia ser qualquer coisa com desenhos aleatórios. Acreditei na intuição e folheei as páginas: uma menina recém nascida com um poncho, uma menina capinando um espaço de terra, uma menina lavando frutas, uma menina com uns quinze livros enfileirados atrás dela, uma menina tocando seus joelhos e fazendo careta, várias meninas brincando de fazer cosquinhas umas nas outras, e por aí vai. Era muito bonitinho, parecia um livro sobre amadurecimento e experiências femininas, as próximas páginas tinham meninas com corpos mais volumosos, olhares mais joviais e decididos, menos inocentes. Sorri para a moça quando terminei e ela colocou um segundo livro em minha frente: esse livro também tinha um alfabeto que eu não reconhecia e até mesmo diferente do outro que recém havia visto. Só tinha símbolos - ou palavras - e não entendi o contexto dele. O terceiro livro era sobre anatomia humana, as ilustrações eram simples, explicativas e parecia óbvia a mensagem que queria passar. O quarto e o quinto livro só tinham palavras que eu não entendia e o sexto era claramente uma enciclopédia, pesada e, para quem conhece minimamente um “a” dessa escrita, muito informativo. Abaixei a cabeça e pedi desculpa várias vezes por não ter compreendido. A moça, como se fosse um ato universal até mesmo ali, me abraçou e consolou com palavras gentis porém sem significados concretos. Sabia que não estava em casa.

Naquela noite, dormi na casa da moça dos laboratórios. Era um apartamento simples, com uma decoração interessante e simples, com fotografias em grupo e quadros com pinturas infantis penduradas. O material da coberta, da cama, do travesseiro, do pijama era tão diferente e mesmo assim tão útil como qualquer outro que já usei.

---

<sup>1\*</sup> Graduanda no curso de Letras Língua Portuguesa, bolsista na Revista Katálysis. E-mail: juliasottili33894@gmail.com

Ao acordar, comecei a caminhar pela cidade com a moça - que à essa altura, apontava para si e dizia algo como “Duzia”. E eu apontava para mim em seguida, dizendo “Ma - lu”, bem devagar e claro, que foi reproduzido mais tarde como “Mà - lu”.

As ruas eram bem cuidadas, com um paisagismo moderno. Eram sinalizadas e as construções brilhavam de tão geniais. As roupas das transeuntes eram esquisitas, pareciam ponches, algumas com vestidos de mangas longas anos oitenta e outras com longas calças flares com cores neutras. Também via micro saias, mas como não era confortável e prático, era só estiloso mesmo. Não vi um jeans sequer. Apesar de estarem parecidas, como se uma moda realmente fosse ditada, havia individualidade em cada uma, fosse na maneira como se portavam ou na maquiagem e acessórios que usavam. As conversas entre elas eram bem normais, sendo sincera. Não compreendia uma palavra, mas que havia um diálogo amistoso, havia.

Refleti por um momento: só tem mulheres aqui. Não há um homem sequer. Nem nos livros apresentados naquele dia, nem nas ruas. O que significa isso? É bem relevante, como não percebi antes?



Como não tinha muita opção, aceitei viver naquele lugar, dia após dia, tentando me encaixar. Acordava, ia para a parte agrícola - que provavelmente era um bairro afastado da cidade que fui apenas uma vez antes - e passava o dia plantando e colhendo. À noite, sentava com Duzia, eu revisava todos os livros básicos de ensino e aprendia um pouco mais da língua.

A ocupação e o cotidiano me inseriram naquela sociedade e em menos de três meses já entendia a base daquele mundo: em momento algum da história existiram homens. Simplesmente não havia um homem em lugar nenhum, isso nem sequer era um conceito. Ser mulher também não era bem um conceito, é simplesmente o que é. As civilizações emergiram de algo que, chutei ser Pangeia, se dividiu, colonizou países e instituiu normas linguísticas e sociais. Essas mulheres falam “Fômpho” - essa é a pronúncia, pelo menos - e vivemos em Wàn Po - que significa “Única Linha” - no repartimento de Wàn Mò, chamado de país de algo como repartimento ou corte de terra.

Não entendia a relação de nada com nada, muito menos a língua que originou essa, quem foram os colonizadores, quando se tornou independente. Sei que existe algum tipo de líder, a Phila Fabin, que governa de longe, em outra região, mas de modo geral, chuto que seja um regime democrático. Muitas repartições estão em “guerra fria” por tensões políticas devido a distribuição desigual de territórios há uns duzentos anos atrás. No geral, isso não afeta as mulheres de Wàn Po, entretanto todas estão sempre em alerta. A disseminação midiática é bem esquisita também, não existem celulares e nem redes sociais, o foco tecnológico era em materiais de apoio para a medicina e controle de dados; as informações chegam até nós pela “rádio”, folhetins ou reuniões diárias presenciais num enorme salão de teatro, que chamam de Informativo Central, ou algo do tipo.

Mas... e a reprodução? Supostamente, aqui as coisas são justas. O corpo da mulher, quando demonstra preparo e responsabilidade, gera um bebê. Simples assim. E esse preparo não é apenas físico, é psicológico também, ou seja, algumas mulheres nunca engravidam aqui. Parece patético, até idealizado, mas é simples. Ou você está pronta e gera um bebê ou não e segue sua vida.

O sexo não é pudorizado aqui, e assim como em qualquer lugar, existem pessoas que precisam mais do que outras. Mulheres amam, gostam, ficam com mulheres. O casamento não é exatamente o que conheço com a construção “casamento”, mas um compromisso romântico, com celebração e tudo. Existem vários tipos de amor, a poligamia e monogamia é um espectro mas, novamente, vai de mulher para mulher e a maneira de lidar consigo mesma.

Áreas como educação, saúde e segurança se inserem no dia a dia de todas, sendo acessível a qualquer uma.

Esse mundo é impressionante.



A inserção forçada a esse ambiente me obrigou a sair da zona de conforto. No outro mundo, eu costumava ser bem animada, faladeira até. Era mestranda na área da fonoaudiologia, trabalhava com mídias sociais e passava todo o tempo livre com meus amigos - e às vezes isso me cansava, tanta pressão em ser amistosa, ser boa amiga, boa filha, boa namorada, boa pessoa, boa estudante, boa profissional, boa de cama, boa de papo, boa de aparência, quando nada era sobre ser realmente boa, e sim, sobre agradar o suficiente para ser considerada boa.

Aqui, apesar das mulheres serem gentis e acolhedoras, a individualidade e a solidão são a opção certa. Esses momentos sozinha, estudando a cultura, caminhando por lugares diversos, entrando e saindo de situações desagradáveis ou incomuns, me fizeram confiar mais em mim mesma. Agora eu tinha algum tipo de poder sobre o presente e o que fazer com ele. Eu sabia dizer não e eu podia fazer isso - e quando foi que não pude? O que exatamente mudou além da minha linha de raciocínio e localização?

Quando compreendi melhor o espaço e a minha personalidade, tudo junto, fiz amizades. Algumas médicas, algumas professoras, algumas políticas. Todas com algo a ensinar e cativadas em aprender. As conversas, emoladas por tanta variação linguística, não precisavam de uma tradução cem por cento literal: de comidas até planos futuros de vida. Meio que os sorrisos e os olhares respondiam minhas dúvidas.

Cerca de dez meses depois de chegar, saí da parte agrícola e comecei a estudar sobre produção e manuseamento de remédios, trabalhando em um laboratório de manhã e visitando fábricas de noite. Nunca pensei que gostaria tanto de mudar de profissão, mas era exatamente isso que eu deveria ter feito muito antes.

Todos os processos que me fizeram mudar como pessoa também me tornaram alguém melhor. Os pensamentos eram mais organizados, as relações eram tranquilas, as decisões eram justas e benéficas. Se sentir pertencente pela primeira vez quando jamais havia se sentido rejeitada é estranho, do tipo, quem exatamente eu era e o que era imposto a ser eu?



Contudo, a saudade de casa era agonizante. Minha mãe estava bem? Minha melhor amiga? Meu pai? Meus amigos da faculdade? Minha tartaruga? Minha tese de mestrado? Eu não tinha a menor ideia.

E por quê os homens simplesmente não existem? Eu amo meu pai, amo meus amigos, gosto dos caras que fico, sinto empatia por vários rapazes e não acho que odeie algum sem motivo. Eles são legais e prestativos, são bons.

Esse período pareceu sabático, porém, esse mundo utópico de paz, tinha que chegar ao fim, certo? Tudo o que construí em Wàn Po em um ano e meio não poderia ter o mesmo peso de tudo que foi construído durante vinte e quatro anos no meu local de origem. Isso é injusto, cadê tudo aquilo para o qual sempre me dediquei, sofri e amei por tanto tempo?

Fiquei inquieta. Comecei a questionar todas, deixando claro que a verdade precisava aparecer - eu parecia maluca, ninguém jamais esconderia nada de mim propositalmente.

Até que um dia, aleatoriamente, quando uma jovem conhecida na região, funcionária do jornal central e ativista dos "Direitos da Comunicação Justa em Wàn Po", veio até mim e disse: "Para entender onde está, precisa voltar para onde veio". Foi quase um conselho e eu nunca mais vi ela.

O que se passou na minha cabeça foi o óbvio, voltar para o local que acordei há um ano e meio atrás e resolver tudo de alguma forma. E fui. E nada. Nada aconteceu.

Passei a ir lá todos os dias, depois de me ocupar com meus afazeres diários, vivendo ainda no meu mundo adaptado, tentando aproveitar cada mínimo detalhe antes de finalmente partir.

Os meses se passaram e a rotina era ir até o atalho, sem respostas e sem saber o que exatamente esperar.

Até que um dia, em um horário específico, oito e dezesseis, momento exato em que passava pelo atalho em dias de atraso extremo, eu me vi em terceira pessoa diante de horas antes de acordar nesse mundo novo.

Eu me vi, na escuridão, caminhando com minha mochila meio aberta, comendo um sanduíche ou algo do tipo, no silêncio profundo daquele atalho vazio. Com vários homens atrás de mim. Senti um aperto no peito e comecei a sussurrar para mim mesma e depois gritar. Não consegui me avisar, eu só era uma telespectadora.

Eram seis homens, já era premeditado. A outra nem viu de onde veio, mas ela foi acertada com força na cabeça por um dos tijolos que delimitavam esteticamente o atalho. Esperneava enquanto era levada até os arbustos e árvores mais estreitas, um dos homens cobria a boca dela com um pedaço de pano velho. O único som da cena eram risadas e respiradas fortes como se fossem gemidos, ela não participou nem mesmo da trilha sonora da agressão. Foi espancada e estuprada tantas vezes e de tantas formas que, enquanto assistia, eu vomitava continuamente. A outra não, ela se mexia muito e mesmo assim não se desvencilhou nem por um segundo. O chutes e a força usada era tanta que outro som começou a aparecer, algo como "crec".

Durou cerca de doze minutos. Eles saíram correndo e eu me rastejei até ela, mas nem se eu estivesse no mesmo mundo que ela, poderia fazer algo. As pernas estavam moles, os ossos do pulso esquerdo aparente, roupas rasgadas, muita sujeira, objetos fincados na pele, a mandíbula quebrada e sangue escorrendo por todo o corpo. Era nauseante, inacreditável e era... eu.

Senti, como se uma voz ditasse em meu ouvido, que havia dois caminhos: eu não estava morta, alguém em breve passaria e me tiraria dali, eu iria me recuperar fisicamente, minha vida não havia chegado ao fim. Jamais curada psicologicamente, fadada com a chance de viver novamente algo do gênero e ver isso acontecendo com outras mulheres, repetidas vezes. Ou, eu poderia rejeitar toda essa vida, vinte e quatro anos de mim mesma, de Malu, de Maria Lúcia, e ser a Mãe - Lu do outro mundo. Fui impulsiva e não pensei duas vezes, escolhi ser a Mãe - Lu.



Não narro essas histórias, elas são como um diário flutuante de memórias da minha vida. Voltei para Wàn Po e foi como se tivesse vivido todo esse tempo lá, crescido e desenvolvido toda minha personalidade diante daquele universo, sem memória alguma do acontecido ou qualquer coisa fora daquele mundo. Da mesma forma que todas as mulheres daquele local também tiveram uma escolha, até mesmo as bebês recém nascidas, de um jeito ou de outro, após situações singulares de abuso, escolheram ficar no mesmo lugar que eu. E ninguém sabe disso. Esse mundo refugia quem deseja ao máximo recomeçar e então me lembrei que Wàn Po significa “Única Linha”: nós pudemos escolher para onde seguir, não era a única opção para viver, mas era a única chance de viver.





# SILVIANO SANTIAGO E O PÓS-ESTRUTURALISMO: UM OLHAR PARA O EFEITO DO SUPERASTRO NAS SUBJETIVIDADES CONTEMPORÂNEAS

Andressa Medeiros Avi\*

No presente trabalho, a partir de uma leitura do que expõe Silviano Santiago em seu ensaio “Caetano Veloso enquanto superastro”, no livro *Uma literatura nos trópicos* (1978), busca-se compreender quais são os principais pontos responsáveis por despertar o interesse de Santiago acerca do tropicalismo e, mais especificamente, de Caetano Veloso e de sua construção enquanto superastro. Nesse sentido, isso também será relacionado à vertente teórica da qual Silviano Santiago faz parte, o pós-estruturalismo, a fim de proporcionar uma reflexão e um entendimento de maior profundidade.

De início, Silviano contextualiza a situação do superastro no cenário norte-americano, em que havia, muito clara, uma separação entre o personagem, a face pública, o papel representado e o ator, a face privada, o intérprete. Dessa forma, os paparazzis, a mídia, de maneira geral, agiam na intenção de tornar visível essa diferença, essa ruptura: flagrava-se o ator de Hollywood em um momento íntimo, que por destoar do que o público estava acostumado a vê-lo representar, gerava escândalo, choque, frenesi e, portanto, cliques, repercussão, capital. Se, em tela, no artifício, o que se exibia era um homem polido, romântico, o típico galã, na vida real, poderia ser exposto como um fanfarrão, mulhengo, um alcoólatra desgarrado... Contudo, como Silviano irá apontar, chega um momento em que essa diferenciação é obscurecida. Em seus termos, o superastro é o mesmo na tela e na vida real, porque nunca é sincero, “sempre representando, sempre deliciosamente e naturalmente artificial, sempre espantosamente ator, sempre se escapando das leis de comportamentos ditadas para os outros cidadãos (e obedecidas com receio)” (SANTIAGO, 2019, p. 17).

Pensando no recorte brasileiro, Silviano aponta os artistas tropicalistas e, em especial, Caetano Veloso como precursores deste movimento de quebra com o jogo da diferença, no qual as linhas entre o que seria, de um lado, o ator, o sério, a responsabilidade e de outro o homem, a fantasia, o humano, são borradas. O público, estranhando o fim súbito do que se praticava, protesta, denuncia o seu desconforto, o que reverbera nas críticas

da imprensa. Caetano, o superastro por excelência, com sua característica irreverência, retruca: “sem essa, bicho, a época é a do desbunde” (SANTIAGO, 2019, p. 174).

O desbunde, para Silviano, pode ser visto como o ato de romper com estas fronteiras, antes bem delimitadas. Trata-se de “representar no palco a realidade da vida. Representar na vida a realidade do palco” (SANTIAGO, 2019, p. 174). O superastro emergiria, então, como um elemento catalisador, como o significante que indica, ao se aproximar de seu público, que é a hora do show, arrancando as pessoas da vida diária e instalando um clima de pura representação: “como em uma colagem surrealista, ao vê-lo se abrem no peito as cortinas e se acendem os *spot-lights*” (SANTIAGO, 2019, p. 175). O desafio, provoca Silviano, passa a ser justamente encontrar uma definição para um significante tão complexo e multifacetado quanto o superastro: sobre Caetano, são feitas afirmações tão plásticas quanto a sua própria performance de si: “é deus, é artista, é pessoa: é superior, é diferente, e semelhante. Tudo ao mesmo tempo” (SANTIAGO, 2019, p. 175).

Pegando Caetano Veloso como exemplo, Silviano irá desmembrar os componentes necessários para o êxito do superastro: um deles, a boa gerência, saber aproveitar as oportunidades e utilizar a estética a seu favor. Guilherme de Araújo, o empresário de Caetano, era chamado de “maquiavélico criador de mitos” (SANTIAGO, 2019, p. 176). Como ele mesmo revela em entrevista, frente à Revolução de Maio na França, e o regime ditatorial no Brasil, teria sugerido a Caetano que fizesse uma música com a frase “*É proibido proibir.*” Nesse ponto, vê-se exemplificado, em Caetano, o que Silviano anuncia em sua primeira formulação sobre o superastro: a capacidade de transgredir as leis de comportamento impostas a todos, diferenciando-se, de um jeito que é audacioso e, em simultâneo, irresistivelmente sedutor. Com as roupas a serem usadas, as imagens nas revistas, o mesmo cuidado, a mesma espontaneidade estratégica: é preciso que a vida cotidiana seja espetacularizada da mesma forma que a performance no palco. Caetano, com seus cabelos longos e bagunçados, a sua magreza plástica, os seus trajes coloridos e inovadores e a postura que mescla provocação e elegância, é, em si mesmo, uma ampliação de seu projeto musical, uma elaboração estética, personificação do artifício.

Quando questionado, ao participar do programa de televisão *Vox Populi*, em 1978, sobre a sua prisão em 1968, a qual se sugeriu que Caetano creditava mais aos críticos, do que aos próprios militares, o superastro

\* Bacharelado em Letras: Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

respondeu: “A sua pergunta é como se dissesse assim pra mim: “você tá brigando com os críticos, mas não tá brigando com os generais...”, entendeu? Claro, eu não tenho tanques, faço músicas. Ele escreve, eu escrevo também, eu falo... é outro lance.” O superastro torna explícito o implícito e, por meio de seu domínio sobre o discurso, de sua ironia divertida e inteligente, desmonta-o, torna-o ridículo. O artista, músico, escritor, a palavra, em uma esfera. O general, o ditador, o homem-máquina, a força, em outra. Um combate direto impossível.

Sobre a questão monetária que envolve o superastro, os seus gastos e o seu lugar na sociedade de consumo, é uma tomada de posição clara que Silviano Santiago cite as palavras de João Vicente, nas quais aponta que Caetano está além de uma simples definição como objeto de consumo, que isso seria amesquinhar a questão de maneira grosseira (SANTIAGO, 2019, p. 180). Ainda nesse sentido, irá citar o exemplo de Chico Buarque, para mostrar que o superastro, na verdade, não sabe lidar com a sociedade de consumo: sobre as suas músicas que ganham versões outras após divulgadas, declara: “um mês depois de composto meu samba já não é meu. É mercadoria exposta ao consumo, desgaste, ridículo e rejeite” (SANTIAGO, 2019, p. 181). Silviano Santiago mostra o superastro não apenas na posição de quem lucra com a sociedade de consumo, mas de quem também sofre e é apequenado por ela.

Tendo se evidenciado algumas considerações de Silviano Santiago a respeito da figura do superastro, é importante refletir acerca do porquê de seu interesse especial por Caetano Veloso, dentro da Tropicália. Como aponta, desde 1967, em meio ao Tropicalismo, Caetano já estava preocupado com a personalidade que apresentaria à televisão e ao disco. Elege-se, para ele, uma sagaz ambiguidade, capaz de cativar diferentes públicos: a sua construção através da figura de Chacrinha, como canta Gilberto Gil em *Aquele abraço*, Chacrinha “velho **guerreiro**” e “velho **palhaço**”. Vimos acima que o superastro que cantava que era *proibido proibir* era o mesmo que respondia, em um programa de TV, com seu sorriso irônico e seu olhar afiado à câmera, “eu não tenho tanques, faço músicas”. O sério e o cômico, o revolucionário e o artista. Como elucida Silviano, a imagem de Chacrinha e a descoberta da TV estão intrinsecamente ligadas ao surgimento do Tropicalismo, pois servem como ponto de partida para um movimento de valorização do Brasil, “Brazil inzoneiro” (SANTIAGO, 2019, p. 183). Nesse sentido, trata-se de um momento em que

descentralizou-se a cultura brasileira da cultura institucionalizada, da cultura aceita e aplaudida pelos intelectuais e pelas universidades, pelas academias de letras e pelos suplementos literários. Transferiu-se o interesse para o humilde e o marginalizado pela cultura

sofisticada dos grandes centros (SANTIAGO, 2019, p. 183).

Os elementos que antes caracterizavam vergonha passam a ser postos em cena sob outro prisma: o Brasil **tropical** e pitoresco, do folclore e dos cartões postais. Os artistas tropicalistas equilibrariam em suas produções, então, em termos de conteúdo, alguns elementos nacionais que são o que havia de mais arcaico e de forma, o que havia de mais moderno. Não buscam escolher entre isto e aquilo e se apresentam uma dicotomia de opostos, não é para chegar a uma solução.

Um dos méritos de Caetano, para Silviano, é o de ter percebido o caráter contraditório e sintético que vinha se anunciando na cena artística e desejado que o seu próprio corpo pudesse servir como escultura, na vida ordinária e no palco, e se metamorfoseasse, assumisse a contradição. Fazendo isso, tornou-se a mensagem viva de sua mensagem artística, unindo o “cafona” a artefatos dos mais avançados industrialmente, como as guitarras elétricas e as roupas de plástico. Para cristalizar o paradoxo, Silviano aponta que serve bem a frase: “Não posso negar o que já li, nem esquecer onde vivo” (SANTIAGO, 2019, p. 185).

Caetano é um marco porque percebe que “o corpo é tão importante quanto a voz; a roupa é tão importante quanto a letra; o movimento é tão importante quanto a música” (SANTIAGO, 2019, p. 185). Criador e criatura se tornam uma coisa só, o corpo se torna um canal de mensagem. O caetanismo de 1972, nos termos de Silviano, acusado por alguns de não ser suficientemente político, alienado, têm a força de conseguir

desviar uma geração para o gozo e o deleite, para o som e a ausência, e talvez estabelecer uma ligação maior, além de fronteiras e de credos, em uma utopia da não presença, do espírito, onde “legal”, “curtir”, “grilo”, “desbunde”, são os pilares da língua franca (SANTIAGO, 2019, p. 190).

Tudo no superastro, todos os seus acessórios compõem linguagem e, mais do que isso, uma linguagem que dialoga com os jovens que, consumindo-o, “passam a receber, no ritual e na festa, seus fluidos de encanto e de inebriante vida” (SANTIAGO, 2019, p. 190). E, em meio a um sistema político ditatorial, opressivo, e a uma cidade cinzenta, em crescimento desenfreado, sob o avanço tecnológico e repleta de engravatados, Silviano Santiago vê beleza no que provoca Caetano Veloso sobre um coletivo que, graças a ele, em cores e em ânimo se opõe ao institucionalizado.

Ao pensarmos a exposição de Silviano Santiago pela ótica pós-estruturalista, vertente teórica a qual se alinha, podemos esclarecer alguns pontos centrais à sua argumentação: primeiro, o interesse e o reconhecimento

de Silviano pelo que faz Caetano com o corpo, transformando-o, também, em um elemento artístico, uma extensão de seu projeto musical, estético, um símbolo, um canal de comunicação direta e simplificada com o seu público. Silviano reconhece que tudo é linguagem, em consonância com Jacques Derrida em “A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas” (2002, p. 232), que tudo é discurso, e que o que está no centro da cena é o jogo da significação. Todos os elementos que compõem a figura de Caetano, os acessórios, as roupas, o cabelo, a postura, as expressões faciais para a câmera, dialogam com o seu público e produzem significados, sentidos, efeitos, não somente as suas músicas. Com o pós-estruturalismo, sai-se da supervalorização do pensamento, da razão e se abre a possibilidade de olhar, também, para o corpo como elemento interventivo e para estruturas mais amplas, considerando aquilo que é da ordem do histórico e do cultural. Sendo assim, me parece muito oportuno considerarmos o que propõe Peter Pál Pelbart, professor e pesquisador brasileiro-húngaro pós-estruturalista, em seu ensaio *Da claustrofobia contemporânea* (2000), sobre a formação das nossas subjetividades no contexto contemporâneo e sobre a relevância do trabalho imaterial. Primeiro, a respeito da subjetividade, define que “não é algo abstrato, trata-se da vida, mais precisamente, das formas de vida, das maneiras de sentir, de amar, de perceber, de imaginar, de sonhar, de fazer, mas também de habitar, de vestir-se, de se embelezar, de fruir, etc” (PELBART, 2000, p. 37). Sobre o trabalho imaterial, no qual podemos encaixar o superastro, Caetano, aponta:

(...) esses setores produzem imagens, informação, conhecimento, serviços. É trabalho imaterial na medida em que incide sobre algo imaterial, que é a subjetividade humana. Consumimos hoje sobretudo fluxos, de imagem, de informação, de conhecimento, de serviços. Esses fluxos formam nossa subjetividade, revolvendo nossa inteligência e conhecimentos, nossas condutas, gostos, opiniões, sonhos e desejos, em suma, nossos afetos. **Consumimos cada vez mais** maneiras de ver e de sentir, de pensar e de perceber, de morar e de vestir, ou seja, **formas de vida**. (PELBART, 2000, p. 36, grifo meu).

Silviano Santiago parece enxergar algo no tropicalismo e, depois, no caetanismo de 1972, que a despeito de suas contradições, de uma suposta falta/falha política - como diriam haver críticos como Roberto

Schwarz -, é capaz de provocar, por meio da alegoria, da “curtição”, do equilíbrio entre o cafona e o moderno, um novo sopro de vida à juventude brasileira, sufocada pelas estruturas opressivas do regime militar. O que estes artistas estão oferecendo é, de certa forma, uma outra forma de vida, que não a que impera. E se consideramos que o que consumimos é o que molda as nossas subjetividades, é mesmo, muito significativo, o que realiza Caetano Veloso: a juventude brasileira não só sai às ruas vestida como Caetano, ela passa a olhar, apreender e sentir o mundo por uma nova perspectiva, possibilitada pela performance discursiva do superastro, que mobiliza todos os seus artifícios para ampliar o seu alcance: palavra, imagem, performance.

DERRIDA, Jacques. A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas. In: DERRIDA, Jacques. A escritura e a diferença. 2. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002. p. 1-252.

PELBART, Peter Pál. Da claustrofobia contemporânea. In: PELBART, Peter Pál. A vertigem por um fio: políticas da subjetividade contemporânea. São Paulo: Editora Iluminuras Ltda, 2000. p. 1-222.

SANTIAGO, Silviano. Caetano Veloso enquanto superastro. In: SANTIAGO, Silviano. Uma literatura nos trópicos. Recife, PE. CEPE, 2019 [1978]. p. 171-190.

TV CULTURA. Vox Populi - Caetano Veloso. 2012. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=P\\_eJM8LiqU0&t=148s](https://www.youtube.com/watch?v=P_eJM8LiqU0&t=148s). Acesso em: 23 out. 2024.





# “CULTURA DO CANCELAMENTO”: ENTRE JUSTIÇA SOCIAL E LINCHAMENTO VIRTUAL

DANIELY DE LA VEGA<sup>1\*</sup>

## 2 ENTRE RESPONSABILIZAÇÃO E ESPETÁCULO PUNITIVO

A expressão “cultura do cancelamento” se popularizou na década de 2010, principalmente na plataforma X (antigo Twitter), sendo inicialmente vinculada a movimentos de resistência e denúncia protagonizados por grupos historicamente marginalizados, como mulheres, pessoas negras e LGBTQIA+. Tais mobilizações tinham como objetivo principal chamar atenção para comportamentos preconceituosos, atitudes opressoras e falas discriminatórias, buscando responsabilizar socialmente aqueles que, em posição de destaque ou influência, reproduziam violências muitas vezes naturalizadas. Como observam Giunti e Inocêncio (2022), o cancelamento funciona, nesse contexto, como um gesto de rejeição, um mecanismo de censura social a práticas e discursos considerados moralmente inaceitáveis.

Entretanto, o que em um primeiro momento se configura como crítica pode rapidamente se transformar em um espetáculo punitivo. Sem mediações institucionais ou critérios, o cancelamento opera por meio de julgamentos sumários, geralmente baseados em trechos descontextualizados, interpretações equivocadas ou expectativas idealizadas de conduta. Guidolini e Specimille (2020) apontam que, apesar de distanciar-se da violência física dos linchamentos públicos da Antiguidade, o cancelamento contemporâneo reproduz sua lógica: humilhação, exposição, condenação e supressão da subjetividade do indivíduo cancelado. As consequências, ainda que simbólicas, são profundas: perda de contratos, reputações feridas, isolamento social e impactos psicológicos.

Essa dinâmica se agrava na medida em que a lógica algorítmica das plataformas favorece conteúdos sensacionalistas e polarizados. A viralização se torna, nesse cenário, não um subproduto, mas um motor do cancelamento: quanto mais compartilhamentos, comentários e indignação, maior o alcance da condenação. A responsabilização se torna, assim, uma punição pública onde a perfeição moral é exigida e a possibilidade de erro é negada. A ausência de escuta, a negação do direito à retratação e a irreversibilidade da punição contribuem para instaurar um clima de vigilância e medo, no qual qualquer indivíduo – famoso ou anônimo – pode tornar-se alvo de exclusão. O cancelamento, nesse sentido, deixa de ser instrumento de justiça e passa a funcionar como dispositivo disciplinador, que atua na normatização dos discursos e comportamentos no espaço digital.

## 1 INTRODUÇÃO

O crescimento das redes sociais como palco de disputas discursivas, morais e políticas proporcionou o surgimento de práticas que, embora não sejam novas em essência, tomaram formas diferentes no ambiente digital. Entre essas práticas, o “cancelamento” ocupa um lugar de destaque no debate público, recebendo tanto defesas quanto críticas. Esse fenômeno assume diferentes sentidos conforme o contexto em que se apresenta: ou aparece como um instrumento de justiça social e responsabilização, ou como prática silenciadora e de perseguição.

O termo “cancelamento” é frequentemente associado a ações coletivas que visam deslegitimar, isolar ou boicotar figuras públicas e instituições envolvidas em comportamentos considerados ofensivos, discriminatórios ou que ferem determinadas pautas sociais. Contudo, ao mesmo tempo que pode ser compreendido como uma forma legítima de mobilização política e denúncia de opressões, o cancelamento também levanta questões éticas e políticas profundas. O fenômeno se encontra em uma área de tensão entre justiça e punitivismo, crítica e linchamento moral.

Diante disso, este texto busca discutir as complexidades envolvidas nesse fenômeno, com base em textos acadêmicos que o problematizam sob diferentes perspectivas.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

### 3 A POLÍTICA E A MORALIDADE NA CULTURA DO CANCELAMENTO

O fenômeno do cancelamento possui uma natureza ambivalente também em sua dimensão política. Como observam Orlandini e Cassiano (2021), ele pode agir tanto como veículo de politização quanto como agente de despolitização. Por um lado, a prática atua como forma de pressão social capaz de pautar discussões urgentes, questionar comportamentos abusivos ou negligentes e responsabilizar publicamente figuras de influência. Ao mobilizar coletivamente a indignação, o cancelamento transforma pautas invisibilizadas – como direitos humanos, questões de gênero, saúde pública e representatividade – em temas de circulação ampla na esfera digital. Assim, em seu aspecto politizante, pode contribuir para a ampliação do debate democrático e o pressionamento nas estruturas de poder.

No entanto, a mesma força que permite visibilizar pautas importantes pode, por vezes, ser mobilizada de forma desproporcional, convertendo o espaço do diálogo em um palco de punição. O caso de Karol Conká no Big Brother Brasil 21 ilustra bem essa dinâmica. Após atitudes consideradas abusivas dentro do *reality show*, a artista passou a ser alvo de rejeição massiva nas redes, recebendo ofensas e campanhas de boicote.

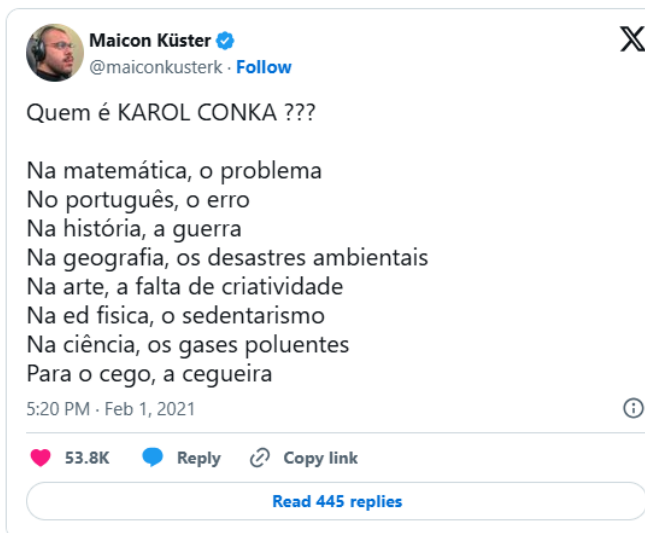


Imagem 1: postagem de um usuário do X.  
Fonte: Küster (2021).

A publicação apresentada viralizou ao listar Karol Conká como algo negativo em todas as disciplinas escolares. A postagem, embora revestida de humor, ilustra como a figura da artista foi reduzida a uma caricatura do mal, em um processo que mobiliza o riso para naturalizar a punição.

Embora seja necessário reconhecer a legitimidade das críticas diante dos comportamentos da participante dentro do programa, a hostilidade exagerada revelou uma disposição voltada mais à humilhação pública do que à reflexão. Transformar o cancelamento em um

espetáculo – alimentado por algoritmos – tende a obscurecer as possibilidades de reconstrução pública da imagem.

Nessa situação, os chamados “tribunais da internet” funcionam com uma lógica disciplinadora que ultrapassa a simples responsabilização e se aproxima de formas de controle social. Como analisa Foucault (1988, apud Giunti; Inocêncio, 2022), o poder contemporâneo não está concentrado apenas nas instituições formais, mas se manifesta de forma difusa, em práticas cotidianas de vigilância e correção moral. O cancelamento, quando movido por essas lógicas, tende a substituir a deliberação por silenciamento e a crítica por exclusão.

### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender o fenômeno do cancelamento exige ir além dos conflitos simplistas entre “liberdade de expressão” e “censura identitária”. Trata-se de pôr em xeque os modos como construímos os parâmetros de convivência em uma sociedade hiperconectada e em constante tensão. O cancelamento pode ser um importante instrumento de denúncia e visibilização de pautas negligenciadas – sobretudo quando o Estado e a mídia tradicional falham –, mas seu uso desmedido pode gerar injustiças e silenciar vozes ao invés de promovê-las.

É preciso, portanto, distinguir o cancelamento que promove críticas construtivas daquele que se transforma em espetáculo de punição e exclusão. A crítica é essencial à democracia; o desafio é construí-la em bases éticas, dialógicas e conscientes. Em vez de um tribunal virtual, talvez devamos almejar um espaço digital onde o debate possa desenvolver-se sem medo e com responsabilidade.

### 5 REFERÊNCIAS

BARBOSA, Otavio Luis; SPECIMILLE, Patricia. A internet nunca esquece: consequências da “cultura do cancelamento” no debate público. **Revista do PET-Economia UFES**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 13-17, dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/peteconomia/article/view/33803>. Acesso em: 9 maio 2025.

GIUNTI, Débora; INOCÊNCIO, Luana. Cultura do cancelamento: entre ativismo digital, memes e discurso de ódio. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 15., 2022, Poço de Caldas. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom, 2022. p. 1-6. Disponível em: [https://www.academia.edu/98651676/Cultura\\_do\\_Cancelamento\\_entre\\_ativismo\\_digital\\_memes\\_e\\_discurso\\_de\\_%C3%B3dio](https://www.academia.edu/98651676/Cultura_do_Cancelamento_entre_ativismo_digital_memes_e_discurso_de_%C3%B3dio). Acesso em: 9 maio 2025.

KÜSTER, Maicon. **Quem é Karol Conká?** 1 fev. 2021. X: @maiconkusterk. Disponível em: <https://x.com/maiconkusterk/status/1356336526360248321>. Acesso em: 10 maio 2025.

ORLANDINI, Maiara Garcia; CASSIANO, Fernanda Garcia.  
Central do cancelamento: potencialidades e esvaziamentos  
políticos discursivos da cultura do cancelamento.  
**Comunicologia**: Revista de Comunicação da Universidade  
Católica de Brasília, Brasília, v. 14, n. 2, p. 1-16, jul./dez.  
2021. Disponível em:  
[https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RCEUCB/article  
/view/13568](https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RCEUCB/article/view/13568). Acesso em: 9 maio 2025.

aparência sem uso de cosméticos.  
Para seus lábios, use a verdade.  
Para sua voz, a oração.  
Para seus olhos, a simpatia.  
Para suas atitudes, a retidão.  
Para seu coração, o amor.  
Procure manter um sorriso, todo o tempo.  
Aprenda a obter da vida, alegria, e divida-a  
generosamente com os outros.



PE  
SU

CHRISTIAN DOR

PAR O

# MÁRIO DE ANDRADE E O ÓDIO PELOS OLHOS APÁTICOS DA BURGUESIA, EM PAULICÉIA DESVAIRADA

Heloisa Targino de Lima<sup>1\*</sup> Kaduan Paiva Silva<sup>2</sup> Maria Isabel Isaias<sup>3</sup>

concertos musicais. Claro, diante de uma sociedade estabelecida por intelectuais academicistas habituados aos conceitos que antecederam ao modernismo, as ideias progressistas e inovadoras apresentadas na Semana não foram tão bem recebidas quanto o esperado.

O que mais expôs esse descontentamento com a nova tendência foi o ocorrido na noite do dia 15 de fevereiro, terceiro dia da Semana. De acordo com Nascimento (2015), os escritores que apresentaram suas obras na referida noite recitaram seus poemas sob o som ensurdecedor de vaías, incluindo Mário de Andrade (1893-1945), que, segundo Bosi (2015), não soube como teve coragem de recitar seus versos diante do barulho.

Apesar de tantas controvérsias que antecederam a Semana e as que aconteceram nos espetáculos, Mário de Andrade merece destaque por seu pioneirismo modernista e a forma com que dialogava com a sociedade brasileira da época.

“O roteiro de Mário de Andrade diz bem de um artista de 22 cuja poética oscilou entre as solicitações da biografia emocional e o fascínio pela construção do objeto estético” (Bosi, 2015, p. 277). Este pensamento de Bosi sobre o escritor se constata quando Paulicéia Desvairada (1922), primeira obra verdadeiramente de vanguarda do modernismo brasileiro e porta de entrada para outras produções, rompe com o passado e até mesmo sugere uma nova escola literária: o desvairismo. O livro de poemas conta com o “Prefácio Interessantíssimo” antecedendo a coletânea sobre a provinciana cidade de São Paulo da década de 1920 e sua notável sociedade, mostrando a verdadeira ruptura com as antigas tendências na forma que constrói seus poemas.

Diante disso, analisaremos o poema “Ode ao Burguês”, sob a luz de ideias contidas no Prefácio Interessantíssimo da obra “Paulicéia Desvairada” de Mário de Andrade (1922) e dos críticos literários, Alfredo Bosi (2015) e Evando Nascimento (2015). A resistência da sociedade da época para com novos conceitos e temáticas que instigavam a crítica à burguesia intelectual da época será o ponto de partida desta análise.

A partir daqui, será desenvolvida uma relação entre quatro trechos distintos, fazendo um cotejamento entre os críticos supracitados, o “Prefácio Interessantíssimo” de Paulicéia Desvairada e o poema “Ode ao Burguês”, também contido no livro de Mário de Andrade.

O modernismo brasileiro emerge, no primeiro vintênio do século XX, como um movimento revolucionário na forma de fazer arte no país, refletindo uma transformação não somente estética, como também cultural e política, segundo Abel (1995). Dessa forma, o movimento desafiou as tradições estabelecidas na época, ressignificando os temas abordados nas artes visuais, música e literatura. Bosi (2015) afirma que o modernismo se entende como algo mais que um conjunto de experiências de linguagem, ou seja, foi um agrupamento de reações ao contexto da época.

Com influências trazidas da Europa, a exposição de Anita Malfatti em dezembro de 1917 foi “o fato cultural mais importante antes da Semana e que serviu de barômetro da opinião pública paulista em face das novas tendências” (Bosi, 2015, p. 268). A partir da exposição da artista plástica, os conceitos modernistas foram se espalhando, até a culminância oficial com a Semana de Arte Moderna, que aconteceu entre os dias 13 e 18 de fevereiro de 1922.

Segundo Nascimento (2015), a Semana mesclou exposições de pinturas e espetáculos variados, como conferências, leituras de poemas, danças, recitais e

<sup>1\*</sup> Graduanda do sétimo período do curso de Letras: Língua Portuguesa, do Departamento de Letras Vernáculas (DLV), na Faculdade de Letras e Artes (FALA), pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), e-mail: heloisatarginoifce@alu.uern.br

<sup>2</sup> Graduando do sétimo período do curso de Letras: Língua Portuguesa, do Departamento de Letras Vernáculas (DLV), na Faculdade de Letras e Artes (FALA), pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), e-mail: kaduanpaiva@alu.uern.br

<sup>3</sup> Graduanda do sétimo período do curso de Letras: Língua Portuguesa, do Departamento de Letras Vernáculas (DLV), na Faculdade de Letras e Artes (FALA), pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), e-mail: mariaisaias@alu.uern.br

A seguir estão expostos os trechos mencionados para a análise comparativa:

Trecho 1	Trecho 2
“Mário de Andrade confessa que não sabe como teve coragem para dizer versos diante de uma vaia tão bulhenta que não escutava, no palco, o que Paulo Prado lhe gritava da primeira fila das poltronas”. (Bosi, 2015, p. 271)	“Portanto, a Semana de Arte Moderna de São Paulo foi o marco de ruptura do movimento de intelectuais que desestabilizou o sistema tradicional da cultura brasileira”. (Nascimento, 2015, p. 382-383)
Trecho 3	Trecho 4
Prefácio Interessantíssimo	Ode ao burguês
“Aliás versos não se escrevem para leitura de olhos mudos. Versos cantam-se, urram-se, choram-se. Quem não souber cantar não leia Paisagem n.01. Quem não souber urrar não leia Ode ao Burguês. Quem não souber rezar, não leia Religião.” (Andrade, 1922, p. 76)	“Eu insulto o burguês! O burguês-níquel, [o burguês-burguês!] A digestão bem-feita de São Paulo! O homem-curva! O homem-nádegas! O homem que sendo francês, brasileiro, [italiano,] é sempre um cauteloso pouco-a-pouco! Eu insulto as aristocracias cauteulosas! Os barões lampiões! os condes Joões! os [duques zurros!] que vivem dentro de muros sem pulos; e gemem sangues de alguns mil-réis fracos para dizerem que as filhas da senhora falam o francês e tocam os Printemps com as unhas! [...] Ódio e insulto! Ódio e raiva! Ódio e mais ódio! Morte ao burguês de gíolhos, Cheirando religião e que não crê em Deus! Ódio vermelho! Ódio fecundo! ódio cíclico! Ódio fundamento, sem perdão!  Fora! Fu! Fora o bom burguês!...” (Andrade, 1922, p. 88-89)

Em primeiro lugar, deve-se deixar clara a relação entre os quatro trechos mencionados. O contexto da terceira noite da Semana trazido por Bosi (2015), a transformação gerada na sociedade mencionada por Nascimento (2015), o trecho do Prefácio Interessantíssimo e o poema “Ode ao Burguês” de Andrade (1922), conversam, a partir de alusões históricas e poéticas, em uma só língua.

Quando há a análise da semântica de “burguês” no contexto do modernismo, fica evidente que esse termo representa a figura do passadista, aquele que, preso às amarras de outras escolas literárias, não aceita o moderno. É o indivíduo egocêntrico, é “o homem que sendo francês, brasileiro, italiano, é sempre um cauteloso pouco-a-pouco!” (Andrade, 1922, p. 88-89). Dessa forma, os alvos de Mário de Andrade ao escrever “Ode ao Burguês” não poderiam ser mais claros, e tais alvos ficam frente a frente com o autor na Semana de Arte Moderna de 1922, dispostos a despejar sobre ele todo o desprezo despertado, como menciona Bosi (2015) no trecho 1.

As vaias incessantes da plateia, composta por intelectuais acostumados a versos passadistas, que exprimem justamente o “burguês” trazido no poema, são fruto de uma indócil opinião contrária à revolução apresentada. O modernismo, assim como diz Nascimento (2015) no trecho 2, desestabilizou o sistema tradicional da cultura brasileira. Dessa forma, o poema de Mário de Andrade deixa explícito o que tanto incomodou as figuras emblemáticas da sociedade brasileira paulistana da época: a crítica à essência vil da burguesia.

Seguindo essa lógica, um olhar também deve ser lançado aos últimos versos do poema: “Ódio fundamento, sem perdão! / Fora! Fu! Fora o bom burguês!...” (Andrade, 1922, p. 89). Evidentemente, o texto do poeta se trata de uma afronta à burguesia da época, e mais do que isso, a um burguês específico, como expresso no último verso: “o bom burguês”. Tal burguês seria, portanto, segundo o Prefácio Interessantíssimo de, Paulicéia Desvairada, o burguês que está alheio ao que não o interfere diretamente, ao indivíduo que é apático ao que é novo e o causa estranhamento, como ocorreu na Semana de 1922.

Quando Mário de Andrade insulta o burguês, está, indiretamente, insultando a própria plateia, que, obstinada, renega todos os pejorativos que o autor atribui a ela. Ora, deve ter sido realmente desconfortável para os egos inflados ouvirem de um poeta que eles “vivem dentro de muros sem pulos; e gemem sangues de alguns mil-réis fracos para dizerem que as filhas da senhora falam o francês e tocam os Printemps com as unhas!” (Andrade, 1922, p. 88-89). Todo o descontentamento reproduzido através da barulheira hostil confirma o que Mário de Andrade já havia mencionado em seu Prefácio Interessantíssimo em Paulicéia Desvairada, contido no trecho 4.

Um dos traços mais perspicazes de Andrade na escrita de “Ode ao Burguês” foi a semelhança fonética entre as palavras “Ode” e “Ódio”. Dessa maneira, ao interpretar o poema em voz alta — característica das Odes —, soaria algo como “Ódio ao burguês”.

Nessa perspectiva, Ode ao Burguês pode ser visto como um confronto direto ao que o autor chama, em seu prefácio, de “olhos mudos” da burguesia, que se recusava a enxergar além das suas falsas moralidades e superficialidades. A sugestão no Prefácio Interessantíssimo de que “Quem não souber urrar não leia Ode ao Burguês” (Andrade, 1922, p. 76) ressalta que os versos que escreve não servem para quem não sabe interpretar. Inclusive, não servem para quem não sabe gritar, já que uma Ode é uma construção lírica para ser cantada ou declamada, segundo Silva (s.d) —, ou seja, de nada valem para quem não está disposto a abrir os olhos para a modernidade emergente e as críticas ligadas a ela.

O escritor deixa explícita a vontade que tem de que quem não sabe ler poesia e compreender o que é dito de maneira coerente, não deve ler seus textos. Supostamente, Andrade previa que a burguesia da época não encararia seus escritos revolucionários com bons olhos, provando, com o ocorrido na Semana, estar completamente certo.

Dessa forma, constata-se que a poesia do escritor confrontou as normas sociais e culturais da burguesia da época, questionando e desdenhando dos aspectos que a compunham. Sendo assim, pode-se interpretar “Ode ao Burguês” como uma manifestação clara dos conceitos modernistas e da hostilidade dos passadistas, esta atestada nos trechos dos críticos aqui analisados.

Em suma, é válido reafirmar a clara relação entre os quatro trechos mencionados, que convergem em um ponto de encontro: o modernismo.

O poema “Ode ao Burguês” de Mário de Andrade, o Prefácio Interessantíssimo e os trechos dos críticos literários mostram a crítica à essência da burguesia, confrontando-a diretamente na Semana de Arte Moderna de 1922. Andrade sugere que quem não souber “urrar” não deve lê-lo, propondo aos olhos apáticos que não mergulhem em sua poesia, e se não tiverem sensibilidade para contemplar a arte do que é novo, não o faça.

A análise da poesia do autor destaca seu embate com as normas sociais e culturais, questionando, sem pudores, a classe dominante, tornando-se uma representação admirável do modernismo. É possível concluir que Mário de Andrade, com Paulicéia Desvairada, transcendeu sua época e manteve sua relevância crítica e estética até os dias atuais. Grandiosamente, Andrade se tornou superior às vaias hostis e aos olhares apáticos daqueles que não souberam, um dia, interpretar a modernidade da sua literatura.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. Prefácio Interessantíssimo. In: **Poesias Completas**: Mário de Andrade; edição crítica de Diléa Zanotto Manfio. São Paulo: Itatiaia, 1987. Disponível em: <[https://iedamagri.wordpress.com/wp-content/uploads/2014/07/mario-de-andrade\\_pauliceia-desvairada.pdf](https://iedamagri.wordpress.com/wp-content/uploads/2014/07/mario-de-andrade_pauliceia-desvairada.pdf)>. Acesso em: 09 de mai. 2024.

\_\_\_\_\_. Paulicéia Desvairada. In: **Poesias Completas**: Mário de Andrade; edição crítica de Diléa Zanotto Manfio. São

Paulo: Itatiaia, 1987. Disponível em: <Pauliceia Desvairada>. Acesso em: 09 de mai. 2024.

ABEL, Carlos Alberto dos Santos. O MOVIMENTO MODERNISTA BRASILEIRO – 1922-1945: CARÁTER LITERÁRIO, ECONÔMICO E POLÍTICO. **Cerrados**, Brasília, v. 04, n. 04, 1995. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/755/650>>. Acesso em: 11 de mai. 2024.

BOSI, Alfredo. Pré-Modernismo e Modernismo. In: **História concisa da literatura brasileira**. 50. ed. São Paulo: Cultrix, 2015.

NASCIMENTO, Evando Batista. A SEMANA DE ARTE MODERNA DE 1922 E O MODERNISMO BRASILEIRO: ATUALIZAÇÃO CULTURAL E “PRIMITIVISMO” ARTÍSTICO. **Gragoatá**, v. 20, n. 39, 29 dez. 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.22409/gragoata.v20i39.33354>>. Acesso em: 09 de mai. 2024.

SILVA, Daniele Cristina Agostinho. Ode. **InfoEscola**: navegando e aprendendo, s.d. Disponível em: <Ode - Literatura - InfoEscola>. Acesso em: 12 de mai. 2024.





# A RECLUSÃO COMO RITUAL DE PASSAGEM EM CONTOS DE MAGIA

Juliana Oliveira\*

Eventuais correspondências entre as narrativas de contos clássicos provenientes de diferentes contextos culturais, encontram respaldo nos postulados junguianos sobre a arquetipicidade. Nesse sentido, Jung assevera que:

[o]utra forma bem conhecida de expressão dos arquétipos é encontrada no mito e nos contos de fada. Aqui também, no entanto, se trata de formas cunhadas de um modo específico e transmitidas através de longos períodos de tempo. O conceito de archetypus só se aplica indiretamente às *représentations collectives*, na medida em que designar apenas aqueles conteúdos psíquicos que ainda não foram submetidos a qualquer elaboração consciente. (Jung, 2016, p. 21)

Vladimir Propp (1997; 2006) repertoriou cem histórias originárias de tradições eslavas para extrair componentes comuns entre elas. Os resultados de suas pesquisas constam em duas obras de sua autoria, a saber: *As raízes históricas do conto maravilhoso* e *Morfologia do conto maravilhoso*. Seus estudos narratológicos evidenciaram uma série de traços que se repetem em todas as estórias, entre os quais a questão da clausura que, antes de constituir elemento de literalidade, pauta-se como processo que alude a questões antropológicas, mais precisamente de natureza arquetípica sob a perspectiva de Jung (2016). Em outros termos, o confinamento constitui processo psicofisiológico que afeta todos os seres humanos em determinadas fases da vida, sobretudo na passagem da infância e adolescência à vida adulta.

O referido processo de crise e transformação instaurado para promover metamorfoses se reflete em uma série de textos literários clássicos, entre os quais se encontram os contos de magia enquanto recurso capaz de ilustrar momentos decisivos no desenvolvimento do arco do protagonista. Nesse contexto, os Irmãos Grimm retratam Rapunzel (1812) isolada no alto de uma torre; Perrault descreve a jovem Cinderela (1697) confinada em uma cozinha, submetida a tarefas domésticas; Gabrielle-Suzanne Barbot de Villeneuve expõe a personagem Bela (1740) como prisioneira da Fera; Collodi destaca na trajetória de Pinóquio (1883) o momento em que o personagem fica aprisionado no ventre da baleia; Lewis Carroll, por sua vez, insere Alice (1865) na caverna do Coelho, e assim por diante. Em todas as situações, os personagens atravessam períodos que os conduzem a momentos de introspecção e, como consequência, experimentam transformações que tipicamente se desenvolvem em claustros destinados ao confinamento. Contudo, nem sempre o isolamento se instala de forma plena, posto que outros personagens, por vezes exercendo papel de guia ou de mentor, surgem para interagir e orientar o protagonista, favorecendo sua evolução nas circunscrições do claustro. Nesse *nunc* e *hic* dedicados à autorreflexão, circunscrito por posicionamentos heurísticos, o personagem será assombrado por imenso rol de responsabilidades que despontam sem cessar.

Essa observação de Jung evidencia um fenômeno que se manifesta em contextos socioculturais diversos; um exemplo disso pode ser observado nos rituais de povos indígenas das Américas, como os Kamayurás do Alto-Xingú, que confirmam a universalidade do confinamento enquanto rito de passagem à vida adulta, indicando que a reclusão, frequentemente presente nas narrativas literárias ocidentais, reflete fenômenos recorrentes. Como destaca Tavares (2000, p. 02), “[...] o que podemos argumentar neste sentido é que a Reclusão Pubertária desempenha um papel importante no universo social e cerimonial nativo, uma vez que age a nível psicológico e físico nos jovens ingressantes nesta fase etária.” Consequentemente, as intervenções de natureza psiquiátrica, psicológica e psicanalítica, implicadas na constituição da psique humana, são abordadas de formas variadas, por se configurarem como operação psicofisiológica fundamental e incontornável.

Segundo Propp (1997; 2006), nos contos clássicos de magia o sobrenatural se integra ao enredo, aludindo a traços arquetípicos que emergem no dito “real” e nos outros lugares possíveis para o real, propostos no âmbito de artes como a literatura, o teatro, o cinema e demais sucedâneos. Como ocorre nas narrativas literárias de modo geral e, por default, nos seus espaços diegéticos, as coerências internas garantem operações de verossimilhança que induzem o leitor a aceitar o

\* É Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: oliveirajuliana64634@gmail.com

extraordinário sem grandes questionamentos, sobretudo por ser atraído e encontrar ecos em elementos basilares, intrínsecos à formação do sujeito psicanalítico interno e externo à obra literária. Os períodos de reclusão, inerente a momentos específicos da vida se refletem nos universos fantásticos, sendo em muitos casos solucionados por meio de passes de magia enquanto metáfora pedagógica, apanágio nesse tipo de abordagem, isto é, de narrativas que tendem à instauração de universos feéricos.

À égide de bases filosóficas que buscam criar novos lugares para o real como forma de garantir sentidos para a vida e – como sugere Barthes em seu discurso professoral, posteriormente publicado com o título *Aula* (2002), diante da necessidade de se deturpar os próprios conceitos de realidade para descansar das recorrências e colocações que se produzem sem cessar – corrobora-se a visão junguiana segundo a qual todo indivíduo estaria imerso em processos arquetípicos, entre os quais se destaca na presente discussão a reclusão como período necessário à catalisação de metamorfoses psicofisiológicas. Em muitos casos, o personagem dialoga com sua consciência como forma de buscar orientações para solucionar seus conflitos interiores. Cinderela, por exemplo, recebe a visita de sua fada madrinha. Com efeito, trata-se da figura de sua findada mãe que continua a zelar por sua filha em seus pensamentos e desejos enquanto órfã. Por sua vez, Pinóquio também conversa com sua consciência, pois precisa demonstrar que possui parte das prerrogativas necessárias para ascender à vida adulta e se tornar “um menino de verdade”.

A fase pubertária constitui um dos instantes mais proeminentes em relação aos processos de desenvolvimento da personalidade, através de diálogos entre: (a) o *eu* e o *inconsciente*; (b) o *eu* e as diferentes *identidades* passíveis de experimentação. Trata-se de período crítico, de passagem à vida adulta. No claustro, por vezes representado por espaços metafóricos, outras vezes por locais físicos, o indivíduo experimentará o confinamento como rito destinado à experimentação de novos estados, tanto de ordem física quanto mental. No espaço-tempo das auras no qual o sujeito se inscreve, seja em contextos factuais ou ficcionais, refletem-se tanto fatos da vida quanto das artes que a representam, interconectando essas esferas e gerando, assim, objetos culturais que se manifestam nas narrativas que compõem os contos.

Segundo Yuste Frías (2010), experimentar transformações que aludam a processos biológicos conduz o indivíduo ao espaço “entre”, ou mais especificamente, às encruzilhadas, para onde convergem e de onde partem veredas plurais, ao longo das quais operam diferentes mutações de cunho psicofisiológico. Em geral, como observam autores como Propp (1997; 2006), Campbell (1995) e Vogler (2006), nas primeiras letras dos contos apresentam-se personagens triviais e singelos, que tranquilamente experimentam as vicissitudes da vida de forma ainda ingênua, sem grandes inquietações, até que forças desconhecidas, de maneira súbita, os convocam à transformação por meio de impulsos de diversas

naturezas. Inicialmente, o protagonista rejeita os convites que lhe são feitos, contudo, após uma série de provocações, os personagens cedem ao chamado à aventura, o que lhes permitirá evidenciar traços de valor e caráter. Como preparação às jornadas que se avizinham, o personagem passará por períodos de reclusão. Nesse isolamento, ocorrerá a purificação de suas emoções e a consequente preparação para que possam ascender a novas etapas, porém, doravante, já imbuídos de novos conhecimentos e discernimento apurado.

Ora, por um lado cabe considerar que *limites* quase sempre separam processos e estados de modo assertivo e estanque. Por outro lado, e diferentemente, *fronteiras* constituem verdadeiros umbrais, isto é, zonas de passagem, de negociação e transformações, destinadas a suavizar fricções entre diferentes planos. O claustro constitui justamente o local no qual o indivíduo permanecerá recluso para que possa refletir e buscar soluções para seus conflitos. Nos contos de magia as restrições são resolvidas de forma heurística, ou seja, de modo ágil, pois os personagens contam com auxiliares que os conduzem a encontrar atalhos para a resolução de seus dilemas.

Como sugere Barthes em sua obra intitulada *O prazer do texto* (1987), as transformações não ocorrem em margens sensatas, tampouco em margens transgressoras, mas nos espaços de fricção no qual se produzem forças dinâmogênicas capazes de gerar novas energias. Por sua vez, as atrições induzirão inflamações, crises, ruptura e consequentes mudanças para o florescimento de novos estados. Sob tal prisma, como já sugerido acima, há muito mais que *um eu-antes* e *um eu-depois*, mas composições novas, resultado de imbricações de processos psiquiátricos, psicológicos e psicanalíticos passíveis de oferecer sustentáculos as identidades.

Um dos traços mais salientes observados por Propp nas suas investigações sobre os contos populares consiste na questão do confinamento enquanto ritual presente, de forma explícita, em quase todas as culturas. Os rituais de reclusão pubertária, tanto como processo intrínseco às fases de amadurecimento dos seres humanos, quanto como ritual culturalmente fixado, se exprimem em diferentes representações artístico-literárias de forma geral e, em específico, nos contos de magia. A concepção de clausura manifesta-se tanto nos campos científicos – como nas investigações de Carl Gustav Jung sobre os processos arquetípicos e as dinâmicas do inconsciente – quanto nas análises das arquiteturas narrativas da ficção, notadamente nas estruturas funcionais delineadas por Vladimir Propp. As metamorfoses próprias da adolescência transcendem o âmbito meramente psicofisiológico, instaurando transformações no plano simbólico, afetivo e psicanalítico. Nesse contexto, delineiam-se zonas de confluência situadas entre a condição humana e as formas estéticas de representação que operam como mediadoras na elaboração das passagens críticas da existência.

Propp, assim como Jung, conduz o leitor a reflexões sobre dilemas que atravessam a existência humana em diferentes estágios da vida, tanto em sua dimensão coletiva quanto em seu anseio por singularidade. O primeiro autor se debruça sobre os fundamentos estruturais da narratividade tradicional, herdados principalmente da oralidade e de hábitos culturais longamente constituídos. O segundo, por sua vez, propõe um percurso rumo à individuação, sem desconsiderar os vestígios de uma matriz universal da qual todo sujeito emerge. Tal processo, ainda que voltado à formação do eu, conserva traços universais, os quais permanecem inscritos na arte como expressão de conflitos e motivações profundas – inclusive de ordem psíquica e biológica –, que se perpetuam por meio de configurações isomórficas. A arte – enquanto manifestação estética que tensiona o real e projeta novas possibilidades de mundo –, mesmo em seus impulsos mais disruptivos, preserva estruturas simbólicas enraizadas no imaginário coletivo, as quais retornam no plano individual como ecos de inquietações essenciais da humanidade.

BARTHES, Roland. *Aula*. Trad. De Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2002.

BARTHES, Roland. *O Prazer do Texto*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.

CAMPBELL, Joseph. *O Herói de Mil Faces*. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1995.

CARROLL, Lewis. *Alice no país das maravilhas*. Trad. de Rosaura Eichenberg. Porto Alegre: L&PM, 1998.

Collodi, Carlo. *As aventuras de Pinóquio: História de um boneco*. Trad. de Ivo Barroso. São Paulo: Cosac Naif, 2ª ed. 2012.

COSTA, Carlos Eduardo. *Política da reclusão: chefia e fabricação de corpos no Alto Xingu*. Revista de Antropologia da UFSCar, v. 12, n. 1, p. 22-35, jan./jun. 2020.

G1. No Xingu, tribo Kamayurá treina mulheres para serem pajés. Disponível em: <https://g1.globo.com/natureza/noticia/2011/01/no-xingu-tribo-kamayura-treina-mulheres-para-serem-pajes.html>. Acesso em: 25 out. 2024.

GALVÃO, Eduardo. *Cultura e Sistema de Parentesco das Tribos do Alto Xingú*. In: Boletim do Museu Nacional, N.S., Antropologia, n. 14, p. 22-35, Rio de Janeiro, 1953.

GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. *Contos de Grimm (Contos de fada)*. Trad. David Jardim Junior. Minas Gerais: Editora Villa Rica, 2013.

JUNG, Carl Gustav. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Trad. de Maria Luiza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

LEPRINCE DE BEAUMONT, Jeanne-Marie; VILLENEUVE, Gabrielle-Suzanne Barbot de. *A Bela e a Fera*. Trad. de André Telles. São Paulo: Zahar, 2016.

LOPES, Aparecida de Lara. *Ehjcreere'Catiji: ritual de iniciação à vida adulta dos Krikati: mudanças e (re)significações (séculos XIX e XX)*. 2020. Tese (Doutorado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2020.

PERREAULT, Charles. *Cinderela: Cendrillon ou La Petite Pantoufle de Verre*. Org. Regina Michelli, Flavio García e Maria Cristina Batalha. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2021.

PROPP, Vladímir. *As raízes históricas do conto maravilhoso*. Trad. de Rosemary Costhek Abílio, Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

PROPP, Vladímir. *Morfologia do conto maravilhoso*. Trad. de Jasna Paravich Sarhan. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

SAMAIN, Etienne. *Moroneta Kamayurá*. Rio de Janeiro: Lidador, 1991.

TAVARES, Sérgio Corrêa. *O Campeão: um protótipo do tipo ideal xinguano*. Conexões: Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 0, n. 4, p. 44-54, jan./jun. 2000.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 2012.

VOGLER, Christopher. *A jornada do escritor: estruturas míticas para escritores*. Trad. de Ana Maria Machado. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

YUSTE FRÍAS, José. Au seuil de la traduction: la paratraduction. In: NAAIJKENS, T. (Org.). *Événement ou incident: du rôle des traductions dans les processus d'échanges culturels*. Bern, Berlin, Bruxelles, Frankfurt am Main, New York, Oxford, Wien: Peter Lang, 2010. p. 287-316. (Genèses de Textes-Textgenesen, v. 3; dir. Françoise Lartillot).



# EL CINE DE TERROR COMO ALÍVIO ESTÉTICO ANTE LOS VÍRUS GRIPALES

Nelly Andrea Guerrero Bautista\* Diego Florez Delgadillo<sup>1</sup> Sara Isabel Pabon Chaves<sup>2</sup>



Imagen 1. Autores, 2025

En una época donde los virus gripales se han convertido en una preocupación constante, el cine de terror ha emergido como un inesperado *placebo* estético-metafísico para enfrentar esta amenaza invisible. Mientras la ciencia y la medicina luchan por encontrar soluciones tangibles, el séptimo arte ofrece un espacio donde los miedos más profundos pueden ser explorados, encarnados y, en cierta medida, dominados. Desde esta premisa, quisimos —aunque sea de forma tentativa— reflexionar sobre por qué el cine de terror nos ha permitido sobrellevar, de mejor manera, ciertas situaciones en las que la salud se vio amenazada. Por supuesto, sabemos que el terror contemporáneo no se limita a reflejar amenazas biológicas; también desestabiliza al espectador al subvertir los arquetipos que sostienen el tejido social. Pensemos, por ejemplo, en una abuela que trata de apoderarse del cuerpo de su nieta (*La abuela*, 2021), en un payaso que busca aterrorizar a un grupo de niños (*It*, 1990), o en un perro guardián que enloquece y ataca brutalmente a la hija de sus cuidadores (*Cuando acecha la maldad*, 2023). Estas narrativas no solo confrontan nuestros temores, sino que fracturan las certezas que nos mantienen anclados a un orden habitual.

Aunque dentro de ese orden habitual habita también *el miedo*, lo común es intentar esquivarlo, protegerse y resguardarse de múltiples amenazas que, muchas veces, no son del todo claras, pero dejan sentir su presencia. Y eso, el cine lo ha sabido aprovechar muy bien. Desde su nacimiento en el siglo XIX, el cine ha funcionado como un vehículo para evocar emociones primarias (Gubern, 1979). Basta pensar en aquellas primeras proyecciones de los Lumière, como la llegada del tren a la estación de la Ciotat que parecía atravesar la pantalla y penetrar en la sala de exhibición, para recordar cómo el asombro y el terror han ido de la mano, demostrando que el medio no solo narra historias, también construye sensaciones a través del artificio técnico.

Entonces, el montaje, el sonido, el vestuario, el maquillaje, los efectos prácticos y digitales, el sonido y la iluminación se convierten en herramientas para alterar la percepción, haciendo que la pantalla se transforme en un espejo de nuestros miedos atávicos. El terror, como emoción vinculada a la supervivencia, encuentra en el cine un aliado perfecto: un espacio controlado donde lo desconocido puede ser experimentado sin riesgo físico, pero con toda la intensidad psicológica. En este sentido,

---

\* Doutoranda (bolsista CAPES) do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), mestra em Linguística (bolsista CNPq) pelo mesmo programa. Possui graduação em Linguística pela Universidade Nacional da Colômbia e graduação em Psicologia e Pedagogia pela Universidade Pedagógica Nacional da Colômbia. Atua como Assessora Pedagógica na empresa de consultoria de espanhol Vaivén Hispano, é professora de espanhol como língua estrangeira, além de tradutora e revisora de textos, atuando em revistas como a Fórum Linguístico e empresas como a Biteca S.A.S soluções em informação.

<sup>1</sup> Graduado do curso de Licenciatura em Filologia e idiomas - Francês, da Universidad Nacional de Colombia, sede Bogotá (2013). Tem experiência na área de educação e de ensino de letras e línguas estrangeiras. Tem trabalhado em pesquisas sobre tradução na interface francês-espanhol. Trabalhou com software especializado para o ensino de línguas estrangeiras e foi assistente editorial em revistas acadêmicas.

<sup>2</sup> Graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

podríamos entender el miedo como componente fundamental del ADN cinematográfico.

Tratando de entender un poco esas herramientas que manipulan nuestra percepción, quisimos traer aquí dos formas principales de miedo que han marcado con más fuerza nuestras experiencias cinematográficas. Por un lado, *el susto efímero* (como el *jumpscare*), que activa reflejos primarios a través de estímulos visuales y auditivos repentinos. Por otro, *el horror narrativo*, que actúa de manera más profunda, al socavar las estructuras de sentido (Altman, 2000).

Creemos que es en este segundo tipo donde el género alcanza su potencia crítica, cuando nos enfrenta a escenarios en los que se quiebran los roles sociales más fundamentales, aquellos donde la abuela entrañable se convierte en asesina o el payaso en torturador... el terror no solo genera pánico, también expone la fragilidad de los pactos que sostienen la vida en común. Estos arquetipos distorsionados encarnan ansiedades colectivas frente al colapso de instituciones familiares, educativas o morales, especialmente en contextos de crisis como las pandemias.

Esta subversión funciona como un espejo deformante: si los virus gripales amenazan el cuerpo, la ruptura de roles desestabiliza el núcleo simbólico de la sociedad. Ambas fuerzas caóticas, desde lugares distintos, revelan lo frágil que puede ser la línea entre orden y caos.

Ahora bien, sabemos que el género del terror ha evolucionado para reflejar ansiedades específicas de cada época. Por eso, muchas producciones antiguas difícilmente logran provocarnos miedo hoy en día, aunque sí pueden despertar otras sensaciones como risa, asombro, curiosidad... *Freaks* (1932), por ejemplo, pone en el centro del horror el cuerpo y la otredad y, aunque se trata de una película filmada hace casi un siglo, que difícilmente nos llegue a producir miedo, sí podemos apreciar sus logros estéticos, al tiempo que podemos tratar de entender los mecanismos empleados para generar miedo en el público que la vio en su estreno. En cambio, películas como *Barbarian* (2022) o *Malignant* (2021) encarnan miedos mucho más contemporáneos como los traumas reprimidos, la pérdida de autonomía corporal, la inseguridad en espacios aparentemente seguros o la monstruosidad nacida del abandono social.

Sin embargo, como ya lo hemos insinuado, el horror no se reduce a alegorías biológicas o comportamentales, vemos que también explora cómo las crisis sanitarias agudizan tensiones sociales. Y es ahí donde aparece nuestra relación más directa con lo que llamamos cine de terror: la experiencia compartida que nos ha ayudado a sobrellevar los virus, en este caso, los gripales. Ver estas películas en grupo, ya sea en salas de cine o en casa, añade una capa de catarsis colectiva. Las risas nerviosas, los comentarios durante la proyección o el simple gesto de cubrirse los ojos al mismo tiempo

transforman el miedo en un pequeño ritual social. Este componente comunitario no solo ha aliviado nuestra ansiedad individual, sino que también nos ha reforzado la idea de que el terror, al igual que las epidemias, es una experiencia que nos conecta desde la vulnerabilidad.

Lo anterior, nos lleva a reflexionar algo que hemos considerado fundamental en nuestras experiencias de ver películas: *los protocolos de visionado*, porque, aunque pueda parecer algo menor, han influido notablemente en nuestra manera de experimentar cada filme, tanto a nivel sensorial como emocional.

Comencemos por identificar un lento desplazamiento semántico. El vocablo *cine*, se ha venido restringiendo al campo académico, a la sala de cine y a lo que ocurre en ella; mientras que, por el contrario, el sustantivo *película* y la acción *ver películas* han ganado preeminencia pues se refieren a una práctica que puede darse en cualquier espacio, la sala de la casa, una estación de bus, un parque, entre otros, y a través de cualquier dispositivo de reproducción: un teléfono, una tableta o la pantalla incrustada en la silla de un avión. Este desplazamiento refleja una transformación en la manera en que nos relacionamos con la forma de arte que alguna vez llamamos simplemente *cine*.

Esta transformación no ocurre en el vacío, reconocemos también la banalización de la imagen, que, posiblemente, sea una razón subyacente a la elaboración de este texto. Con la llegada de las plataformas de *streaming*, el apogeo de los teléfonos y dispositivos móviles permanentemente conectados a internet y la irrupción de las redes sociales, la experiencia material se llenó de pantallas de todos los tamaños y en todos los espacios. Consecuentemente, nuestra realidad se inundó de imágenes, en un volumen creciente y masivo como ninguna otra época pudo haber siquiera cogitado. De este modo, la imagen se banalizó y el cine entró a competir, no solo con las series y otros *shows* herederos de la televisión, sino también con la producción masiva y caníbal de las redes sociales, cuya principal prioridad es ganar unos segundos de la atención del espectador.

En medio de este escenario saturado de imágenes, el cine, arte aglutinante, se ha democratizado con la digitalización y popularizado a gran escala gracias al aparato industrial estadounidense. Desde la especificidad del género terror, dialoga hoy más que nunca con un presente cargado de angustia y ansiedad, un presente que no deja de acumular preocupaciones y miedos hiperconectados e hipercomunicados. El terror cinematográfico explora sin cesar los mecanismos del miedo, y lo hace metaforizando, con mayor o menor sutileza, los terrores de la vigilia. Uno de ellos, quizás de los más persistentes, tiene que ver con la creciente individualización de la existencia, una consecuencia casi inevitable del sistema capitalista. Frente a esa fragmentación de la experiencia cotidiana, nos parece

necesario reivindicar el ejercicio colectivo de reunirnos a ver películas, porque el cine, aunque también pueda vivirse como experiencia individual, sigue siendo, en esencia, una experiencia compartida.



Imagen 2. Autores, 2025

En esa línea, la actividad asociativa del cineclub casero se constituye en una acción que se opone y rebela frente a un mercado que ha sustituido al *público* por *consumidores* y a las *películas* por *contenidos*. Y, aunque los motivos para reunirse a ver cine son innumerables, queremos destacar aquí uno en particular, la experiencia de la enfermedad viral, pues se trata de una situación de vulnerabilidad que pone en juego la importancia de la compañía, la empatía y la asociación como elementos clave en los procesos de recuperación. En este contexto, ver cintas de terror no solo intensifica la catarsis, sino que también contribuye a hacer más llevadero el malestar.

Así, en un mundo donde los virus gripales y la incertidumbre social son amenazas latentes, el cine de terror funciona como un laboratorio metafísico. Al confrontarnos con abuelas asesinas, payasos sádicos o mascotas poseídas, el género no solo nos asusta, también nos obliga a cuestionar los pilares que consideramos inquebrantables. Esta destrucción de arquetipos, sumada a su exploración de pandemias, convierte al terror en un espejo dual: refleja tanto nuestros miedos biológicos como nuestras crisis de fe en las estructuras sociales. Y es precisamente en esa dualidad donde reside su poder catártico, al materializar lo abstracto y fracturar lo familiar, nos permite procesar el caos desde la seguridad y comodidad del sofá.

ALTMAN, Rick. Los géneros cinematográficos, Ed. Paidós, Barcelona. 2000.

GUBERN, R: Las raíces del miedo, Barcelona, Tusquets, 1979.





# PARALELISMOS NARRATIVOS: A JORNADA DO HERÓI E A JORNADA DO LOUCO NO TARÔ

LARA JUSSIM FONSECA MACHADO\*

plenamente com a teoria universal do monomito, a qual grosseiramente consiste em unificar todos os mitos da humanidade, desde a antiguidade, em um só modelo pré-definido, o que, por consequência, despreza as diversidades socioculturais humanas. Portanto, neste artigo, o monomito será entendido como um tipo de esqueleto narrativo capaz de compor diversas narrativas paralelas com características semelhantes, no entanto não somente isso, uma vez que ele não deve ser visto como a única forma possível de narrativa. Ademais, a Jornada do Herói pode ser definida como uma jornada cíclica subdividida em diversas etapas, mas, para fins de simplificação, separei apenas em: a partida; as provações; o triunfo; e o retorno.

A partida é o começo da jornada, em que o herói é chamado para a aventura, como o momento em que, por exemplo, Harry Potter recebe sua carta de convite para Hogwarts, ou quando Lúcia Pevensie encontra e entra no guarda-roupa que leva à terra de Nárnia. As provações são os desafios que o herói encontrará no meio do caminho, os quais deverão por ele ser superados. Para Harry Potter, é vencer Voldemort e todos os problemas que o cerca devido a isso; já para os irmãos Pevensie em “O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa”, é vencer a Feiticeira Branca e restaurar Nárnia para a sua glória depois do Inverno de 100 anos. O triunfo é o momento de vitória sobre a provação, em que todos os desafios são enfrentados e todas as lições primordiais são aprendidas: é o momento exato em que Harry Potter mata Voldemort e marca o fim da Segunda Guerra Bruxa, por exemplo. Por fim, o retorno é o herói após vitorioso sobre os desafios impostos ter que voltar para a rotina de antes, como quando os irmãos Pevensie, após governarem em seu reinado da Idade Dourada de Nárnia, voltam para o mundo real e têm que lidar com as banalidades cotidianas após serem reis e rainhas por 15 anos.

Acerca da Jornada do Louco, recorro à interpretação do tarô proposta por Nichols (2002). Contudo, vale ressaltar que, por se tratar de um sistema simbólico que dialoga diretamente com o olhar subjetivo do intérprete, é natural que minha perspectiva não coincida com a de outros tarólogos. Então, a Jornada do Louco no Tarô é representada pelos Arcanos Maiores ou Trunfos, que, de acordo com Nichols, “[...] representam as forças instintuais que operam de modo autônomo nas profundezas da psique humana e que Jung denominou arquétipos. Tais arquétipos funcionam na psique de maneira muito parecida com a que os instintos funcionam no

O presente artigo tem como objetivo explorar brevemente as questões suscitadas durante parte do período de pesquisa e de estudos no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), sob orientação acadêmica, cujo tema é “Paralelos Arquetípicos: A Jornada do Herói e a Jornada do Louco no Tarô”. Assim, pretendo averiguar as expectativas prévias no início do estudo e os resultados parcialmente obtidos até então, destacando os sucessos e insucessos decorridos.

Logo, o objetivo inicial da pesquisa resume-se em traçar um paralelo entre a jornada do herói, presente em diversas histórias e mitos da humanidade desde a antiguidade, e a jornada do Louco, presente de forma arquetípica no tarô moderno de Rider-Waite-Smith e em tantos outros. De modo a se analisar os signos, símbolos, arquétipos e narrativas as quais podem vir a suscitar um processo de transformação pessoal e/ou espiritual na psique humana. Vale ainda ressaltar que esta pesquisa busca minimamente desmistificar e ampliar os estudos da tarologia dentro do ambiente acadêmico.

Dando sequência, as bases teóricas principais concentram-se nos conceitos de arquétipos e simbologia por Jung (2014, 2023), conhecido como fundador da psicologia analítica, e no conceito da Jornada do Herói, também chamada por monomito, proposto por Campbell. Desde já, estimo esclarecer que não pretendo concordar

---

\* Graduada em Letras Português e Literaturas pelo Instituto de Linguagens da Universidade Federal de Mato Grosso. Possui experiência na área de docência e pesquisa.

corpo.”(2007, p.26), esclarecendo, o conceito de arquétipos:

“indica a existência de determinadas formas na psique, que estão presentes em todo tempo e em todo lugar[...]o arquétipo é um elemento vazio e formal em si[...] (em que lhe são herdadas) não as ideias, mas as formas, as quais sob esse aspecto particular correspondem aos instintos igualmente determinados por sua forma. Provar a essência dos arquétipos em si é uma possibilidade tão remota quanto a de provar a dos instintos, enquanto eles não são postos em ação *in concreto*.” (JUNG, 2014, p.51-52, 87)

Sendo assim, os Arcanos Maiores no Tarô, que formam a Jornada do Louco, são essencialmente arquétipos, que por sua vez são “imagens primordiais” as quais herdamos de nossos antepassados e são peculiares à espécie, e por ser psíquico, por consequência é pré-formado tal como suas funções, especialmente aquelas que derivam do inconsciente (JUNG, 2014, p. 85-86). Ademais, vale destacar que o conceito de arquétipos está ligado diretamente ao do inconsciente coletivo pois:

[...]os conteúdos do inconsciente coletivo nunca estiveram na consciência e, portanto, não foram adquiridos individualmente, mas devem sua existência apenas à hereditariedade. Enquanto o inconsciente pessoal consiste em sua maior parte de *complexos*, o conteúdo do inconsciente coletivo é constituído essencialmente de *arquétipos*. (JUNG, 2014, p. 51)

Assim, partindo desses conceitos base, e seguindo as etapas da Jornada do Herói simplificada anteriormente, os Arcanos Maiores podem ser divididos em: **A partida:** 0 - O Louco, I - O Mago, II - A Sacerdotisa, III - A Imperatriz, IV - O Imperador, V - O Hierofante, VI - Os Enamorados, VII - O Carro, VIII - A Força, IX - O Eremita, X - Roda da Fortuna, XI - A Justiça; **As provações:** XII - O Enforcado, XIII - A Morte, XIV - A Temperança, XV - O Diabo, XVI - A Torre, XVII - A

Estrela, XVIII - A Lua. **O triunfo:** XIX - O Sol, XX - O Julgamento. **O retorno:** XXI - O Mundo.

Figura 1 – Colagem com os Arcanos Maiores do tarô Rider-Waite-Smith.



Fonte: Elaboração própria a partir de *Rider-Waite-Smith Tarot* (1909).

Adequando a Jornada do Louco à Jornada do Herói, aquela seguiria da seguinte forma de acordo com a divisão feita no parágrafo anterior: iniciativa, ação, paciência, nutrição da ideia, concretização da ideia, saber sagrado, decisão, ousadia, domínio sobre os impulsos, introspecção, imprevistos, fazer justiça, estagnação, transformação interna, equilíbrio, conflitos com o ego, transformação externa, esperança, ilusão, realização, redenção e integridade.

A partir daqui, coloco minhas dúvidas em relação às terminologias que apresento acima, pois a primeira divergência que fiz foi usar a ordem das cartas propostas por Rider Waite em vez da que está presente no tarô de Marselha, em que a carta da Justiça e da Força trocam de lugar. Isso afetaria a lógica presente na Jornada do Herói ou a própria jornada se adequaria a ela? Segundamente, os significados das cartas flutuam de acordo com a época de quem as lê, logo isso afetaria também a construção de um paralelo entre as jornadas? Se os arquétipos são uma essência imutável que se adequa à forma que lhes é apresentada, ele poderia se dizer sobre a Jornada do Herói, em que a jornada em si poderia ser considerada um arquétipo, ou seria ela apenas uma forma, um “template” variável? Se o que caracteriza a Jornada do Louco é a carta “0 - O Louco” passar por todas as outras e então recomeçar o ciclo, pode-se dizer que um significado da carta alterar

devido à sua época significa que as jornadas podem ser alteradas pelo inconsciente coletivo de acordo com a necessidade vigente de uma sociedade? Se há sim um certo paralelo entre as duas jornadas, isso ocorreria pela presença de diversos arquétipos em ambas?

Em suma, obtive mais perguntas do que respostas ao decorrer dessa pesquisa, seja no que diz respeito ao funcionamento das jornadas, seja ao funcionamento da significação das cartas em si. Talvez por as jornadas serem cíclicas, as respostas para suas perguntas também sejam um indicativo da necessidade de novos olhares, investigações e experiências que permitam explorar mais a fundo essa complexa teia simbólica.

BANZHAF, Hajo. *O tarô e a jornada do herói: a chave mitológica para compreender a estrutura simbólica oculta nos arcanos maiores*. 2. ed. São Paulo, SP: Editora Pensamento, 2023.

CAMPBELL, Joseph. *O Herói de Mil Faces*. 1. ed. São Paulo: Palas Athena Editora, 2023.

JUNG, Carl Gustav. *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

JUNG, Carl Gustav. *O Homem e seus Símbolos*. 3. ed. Rio de Janeiro, RJ: Harper Collins Brasil, 2023.

NICHOLS, Sallie. *Jung e o Tarô: Uma Jornada Arquetípica*. São Paulo: Cultrix, 2007.

SILVEIRA, Nise da. *Jung: Vida e Obra*. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

TARÔ DE MARSELHA. *Baralho tradicional de origem europeia, com iconografia padronizada datada do século XVII*. [S.l.]: Diversas editoras, [s.d.]. Baralho.

WAITE, Arthur Edward; SMITH, Pamela Colman (il.). *Rider-Waite-Smith Tarot*. Londres: William Rider & Son, 1909. Baralho.



# DOS CAMINHOS DA CRÍTICA CULTURAL: UMA BREVE ABORDAGEM

VITÓRIA RODRIGUES PORTO\*

A pesquisa acadêmica incentivada pela ditadura militar por meio da Reforma Universitária de 1968, como continuidade de iniciativas da década de 1950 com a criação da CAPES e do CNPq, por exemplo, foi parte de um processo de modernização que buscava atender às exigências de um país em expansão industrial. A necessidade de formação de profissionais especializados levou à institucionalização dos cursos de pós-graduação e ao fortalecimento da articulação entre ensino e pesquisa. Nesse contexto, a área de Letras foi significativamente impactada: a ascensão da disciplina de Teoria Literária e Literatura Comparada, introduzida em 1961 por iniciativa de Antonio Candido – na época assistente de Sociologia –, encontrou terreno fértil com a flexibilização curricular e com a ampliação das ofertas de disciplinas e vagas. O primeiro curso de pós-graduação em Letras, credenciado conforme as novas diretrizes, foi o da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 1970. A reforma também promoveu a desagregação das antigas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, rompendo com o modelo universitário humboldtiano que privilegiava a convivência enciclopédica entre as áreas do saber, e estabelecendo novos contornos para o ensino das humanidades no país (Neves, 2017).

A tensão entre a aceitação da condição periférica e subdesenvolvida do Brasil e a resistência que move a busca por afirmação cultural diante de tradições consideradas hegemônicas levanta uma pergunta que atravessa o pensamento intelectual latino-americano: por que a dependência cultural ainda persiste como questão central? O debate em torno dessa dependência, atravessado por diferentes concepções e abordagens teóricas, apresenta certo descompasso que merece atenção, sobretudo quando se observa o percurso da crítica literária brasileira e sua inserção institucional. A consolidação dos Estudos Culturais e literários no Brasil, especialmente a partir da Reforma Universitária de 1968, reflete não apenas um esforço de modernização acadêmica, mas também as disputas em torno da legitimidade dos saberes produzidos em contextos periféricos. É nesse cenário que se destacam duas perspectivas notáveis, embora distintas, sobre a relação entre literatura, cultura e subdesenvolvimento: a de Antonio Candido e a de Silviano Santiago, cujas formulações permitem pensar os impasses e avanços do pensamento crítico brasileiro frente às heranças coloniais e às exigências de uma cultura globalizada.

Quando pensada a Literatura Comparada atualmente, deve ser levado em conta a experiência interdisciplinar e humanista das Faculdades de Filosofia e Letras, uma vez que o espaço de difusão de conhecimento dessas áreas acontecia no mesmo prédio. Candido afirmara no 1º Congresso da Abralic em Porto Alegre que “estudar literatura brasileira é estudar Literatura Comparada”, reforçando a existência de uma tradição comparativista espontânea e informal, de mesma extensão à atividade crítica no Brasil, levando-se em conta a necessidade de se pensar nacionalmente a literatura pelo viés do olhar estrangeiro. Levar isso em consideração é importante para valorizar essas primeiras reflexões sobre o estudo brasileiro de Literatura Comparada para ter noção da dimensão do avanço atingido atualmente.

A partir dos anos de 1970 houve uma mudança nos estudos literários contemporâneos em decorrência dos novos paradigmas teóricos e das mudanças em relação ao lugar e à função do literário, especialmente no tocante

---

\* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina (2026). Bacharela e Licenciada em Letras - Língua Portuguesa e Literaturas também pela UFSC (2025), formada com mérito acadêmico. Tem experiência em pesquisa como bolsista de iniciação científica em Sintaxe e Ensino e em Linguística e Ensino. Desenvolveu voluntariamente uma pesquisa na área de Teoria Literária relacionando o Literatura e a Ditadura Militar de 1964 a partir da análise do livro *A Festa*, de Ivan Ângelo, que culminou em seu Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado "Montar a festa, jogar com a palavra: *A Festa*, de Ivan Ângelo". É membro da Antropofagia Brasileira de Lutas XXI e do Grupo de Estudos em Literatura e Modernidade (GELMo). Tem interesse em Literatura, Teoria Literária, Literatura Brasileira e Educação Básica.

ao tratamento dado a ele nas instituições universitárias. No entanto, não se trata de discutir as alternâncias do lugar da literatura na vida social, mas sim do que há na literatura enquanto saber institucionalizado, enquanto discurso sobre a literatura. Tais mudanças dizem respeito ao enfraquecimento das fronteiras das disciplinas e consequente aumento da circulação de trocas disciplinares, e do questionamento dos lugares produtores do saber. A essa abertura teórica ainda se acrescenta a modificação do próprio lugar da literatura nos estudos literários, que, segundo Camargo (2003, p. 102), “deixa de ter um caráter auto-suficiente, substancialista, e um valor naturalizado, em benefício tanto de sua contextualização quanto do alargamento de seu campo de abrangência”.

Nesta altura, há a expansão da relação entre literaturas nacionais e estrangeiras, com o intuito de compreender mais profundamente o processo interdisciplinar que orientava os currículos acadêmicos das ciências humanas. Sustentado por um instrumental mais sistematizado e pela vivência durante essa década (a separação das áreas, a divisão de domínios e a criação de fronteiras e portas entre as disciplinas) retoma-se, aos poucos, a prática da interdisciplinaridade. “A abertura do campo disciplinário autorizou o questionamento e a desconstrução do saber moderno, pautado por classificações hierárquicas, por seleções excludentes dos saberes considerados “menores”, além da desconfiança diante de rótulos disciplinares, dotados de rigor e estabilidade conceitual” (Souza, 2007, p. 150). Assim, embora a formação acadêmica tenha sido pautada por um longo período por tendências de cunho mais teórico e reflexivo, a perspectiva de análise da Literatura Comparada tem o mérito de ampliar essa visão. Ao trazer para o campo de discussão a pergunta sobre o lugar que ocupa na tradição da cultura nacional, que tem em si ideias e importações estrangeiras, a crítica comparativista procura se prover da heterogeneidade desse tecido cultural, e o espaço ocupado pela divulgação desses objetos importados no sistema institucional torna-se mais inteligível, graças à transitividade e à diluição dos objetos nativos. Com isso, estudar literatura passou a ter um panorama mais abrangente e cultural, sendo fruto, principalmente, da abertura política iniciada no final dos anos de 1970 (como o fim do AI-5 e o retorno de um número considerável de professores que se especializavam nas universidades norte-americanas e europeias, trazendo questões sobre o multiculturalismo em gênese), com interesse pela pesquisa de temas ligados às minorias, assim como o retorno de questões voltadas para a dependência cultural. A Literatura Comparada, então, foi se mesclando aos princípios e objetivos da Crítica Cultural, desde o momento em que se processa o seu revigoramento no Brasil, considerando-se o diálogo iniciado por pesquisadores nacionais com as pesquisas em desenvolvimento nos Estados Unidos.

À Crítica Cultural, a princípio, foi atribuída uma dimensão política na crítica literária; depois, a literatura

deixa de ser considerada um discurso único. Com a abordagem interdisciplinar, a literatura entra na lista das outras disciplinas e é analisada como um discurso entre outros, ainda que conserve sua especificidade. Mas é interessante notar que a linguagem do crítico literário atualmente se assemelha à do historiador, do antropólogo e do sociólogo, justamente por causa da utilização de um vocabulário teórico parecido. E tudo isso porque há o elo comum: a cultura (Souza, 2012).

No entanto, a insistência dos Estudos Culturais na defesa de uma especificidade na literatura no meio de outras manifestações culturais desencadeou certa desconfiança na crítica tradicional frente à prática interdisciplinar. Diante da desconstrução da hegemonia dos discursos causada pela relativização dos paradigmas teóricos, esta acusa aquela por uma suposta

neutralização valorativa do texto e pelo nivelamento da recepção, defendendo que os critérios de qualidade estariam sendo esquecidos em favor do consumo fácil do texto literário e da sujeição da obra ao gosto mediano do leitor, o que resultaria na posição igualmente condescendente da crítica cultural [...] (Souza, 2007, p. 78).

No entanto, a polêmica precisa de conhecimento teórico, principalmente aqueles que não aceitam o fato de os estudos literários estarem sujeitos a interpretações caleidoscópicas, em detrimento da análise dos princípios condutores da literatura. Iniciada de forma mais consistente com o estruturalismo, o recurso metodológico para o exercício interdisciplinar possibilitou à Teoria da Literatura a convivência com um instrumental analítico que tanto destacava o aspecto teórico das disciplinas quanto a potência narrativa e imagética de suas proposições.

Jacques Derrida, filósofo francês reconhecido como um dos mais influentes na tradição estruturalista e pós-estruturalista da filosofia ocidental contemporânea, deixou lições caras aos estudos literários com seu livro *A escritura e a diferença* (1967). Tendo desatado os nós que limitavam os campos disciplinares e tendo estabelecido a cooperação entre as esferas da arte, da literatura e da teoria, chegando à conclusão que nessa relação o processo não implica o fim da teoria ou da arte, mas a sua revitalização mútua, mostrou que as questões de cada campo do saber deveriam ser consideradas de modo dinâmico e em permanente movimento (ideia que desenvolve usando a imagem da bricolagem e do jogo), por estarem justamente os conceitos sem uma definição fixa e lugar teórico estabelecido. Assim, Derrida propõe a

desconstrução das verdades preestabelecidas e da noção de centro, a fim de relativizar os valores. Em vista disso, considerar que a função crítica da literatura é a de não constituir um lugar especificamente literário, mas deslocar todos os lugares teóricos e literários, é uma das maiores descobertas do filósofo. A desconstrução da verdade não deve ser vista nem com a literatura em geral, nem com uma forma de literatura ou algum acontecimento dentro da história da literatura, porque o deslocamento nunca ocupou um lugar numa escrita particular. Desse modo, como aponta Souza (2007, a relativização dos valores permitiu à Derrida criar uma esfera teórica relacional por excelência, o *entre*, em que os conceitos são utilizados *em relação*, sem vínculo com entidades substanciais.

Na crítica brasileira, Silviano Santiago irá produzir o conceito de *entre-lugar* da literatura latino-americana no ensaio intitulado “O entre-lugar do discurso latino-americano” (1971), reunido junto a outros escritos no seu famoso livro *Uma literatura nos trópicos* (1979), nos mesmos moldes teóricos de Derrida, com o intuito de refletir sobre o caráter paradoxal desse discurso, interpretando-o igualmente em termos relacionais e sem a marca de categorias identitárias limitantes. A lição de Jacques Derrida permitiu a Santiago alastrar o conceito relativo às relações interdisciplinares para o debate sobre as questões de dependência cultural, nas quais os textos das culturas hegemônicas não estariam representando valores totalizantes e autoritários, mas participando do diálogo crítico começado pela literatura dos países periféricos.

A discussão a respeito do problema da dependência cultural diante os países hegemônicos teve, na década de 1950, um tratamento mais sistematizado por parte dos intelectuais brasileiros, embora tenham sido mantidos alguns princípios defendidos em décadas anteriores. O estreito laço entre modernização e transculturação – que discute as relações existentes entre academia e identidade nacional, modernização e projeto político de homogeneização social, assim como a constituição de discursos contraculturais em sociedades neocoloniais, dependentes e marginalizadas –, “conduz a diferentes pontos de vista quanto ao tema da dependência, levando-se em conta ora o descompasso entre as ideias importadas e a sua atualização dos países periféricos, ora a aceitação do atraso como ardil para a aquisição dos empréstimos culturais” (Souza, 2007, p. 45).

Para Santiago, é a partir da perspectiva histórico-antropológica, ou seja, perspectiva econômica, social e política (também cultural), que se pode compreender a necessidade de um confronto do intelectual latino-americano com certas disciplinas do saber oriundas do pensamento europeu. Tais disciplinas, no entanto, guardam uma violenta taxa de etnocentrismo, que invalida, *a priori*, o rigor no raciocínio, a exigência na análise e a maestria na interpretação. O crítico acredita que a perspectiva correta para se estudar as literaturas

nacionais latino-americanas, sem dúvida, é a da Literatura Comparada. No entanto, caso ela se restrinja a uma apreciação da literatura com a europeia, tomando como base os princípios etnocêntricos, por exemplo, de fonte e influência da Literatura Comparada, apenas será insistido no lado dependente da literatura, nos aspectos repetitivos e redundantes. Nessa mesma linha, Silviano Santiago afirma que o pensamento que se quer dependente não surge só como uma reflexão sobre dados empíricos de uma nação, pois é e sempre foi também “uma ficção sob (e não sobre) a cultura ocupante. É sempre já uma apropriação elogiosa do produto da cultura dominante, produto este que hierarquiza, restringe e acaba sendo responsável pela visão etnocêntrica do criador ou historiador” (Santiago, 1982, p. 21).

Antonio Candido, mesmo que não tenha participado dos Estudos Culturais, é outra figura emblemática para pensar a questão das relações entre a cultura brasileira e a estrangeira, partindo-se do problema do subdesenvolvimento frente às forças capitalistas internacionais. Para Candido, a pouca consciência de atraso, no momento em que a noção de país novo prevalecia, chega ao fim com a Segunda Guerra Mundial, sendo substituída pela consciência do subdesenvolvimento, frente ao esforço de modernização do Brasil. Para que o país pudesse, então, participar do processo desenvolvimentista comandado pelo capitalismo internacional, era necessário pular etapas e se tornar integrante da cultura considerada mais forte.

Em relação a isso, Candido escreve o ensaio “Literatura e subdesenvolvimento” (1969) para um projeto da Unesco que tinha por objetivo fazer um mapeamento da produção latino-americana como uma tentativa de captação de sua especificidade diante do quadro de dependência política e cultural do continente (Cury, 2017). O ensaio discursa sobre a produção literária na América Latina, fazendo a correspondência entre essa produção, o atraso cultural e o subdesenvolvimento. Além disso, procura pensar a literatura em termos continentais, a partir do espaço latino-americano, o que teve uma importância política muito significativa. O crítico chama a atenção, no plano cultural e literário, para a unidade na diversidade como chave para a compreensão do continente latino-americano, caracterizando a literatura a partir da realidade do subdesenvolvimento e aborda as diferentes fases das literaturas da América Latina, ressaltando a problemática da dependência cultural como resultado do subdesenvolvimento. Como forma de superação da dependência e da consciência de ser uma nação subdesenvolvida, Candido confere regalia ao regionalismo do romance latino-americano, na sua vertente mais crítica e mais universalizante depois da década de 1930, tornando possível também uma postura mais independente em relação à influência da cultura europeia (Cury, 2017).



Antonio Candido aparenta estar dividido entre uma tradição europeia e a realidade brasileira reconhecida como “nação inferior”. Ele enxergava “[...] a produção literária brasileira como galho secundário da portuguesa, que, por sua vez, é arbusto de segunda ordem no jardim das Musas. [...]. Comparada às grandes, a nossa literatura é pobre e fraca. Mas é ela, não outra que nos exprime.” (Candido, 1989, p. 37 *apud* Souza, 2007, p. 48). Por outro lado, Silviano Santiago, ao adotar a noção de entre-lugar, subverteu antigas hierarquias e pôs a cultura brasileira em relação às demais, sem o assujeitamento a que estava relegada.

Apesar dos avanços institucionais e teóricos na consolidação dos Estudos Culturais e da Literatura Comparada no Brasil, o debate em torno da dependência cultural continua marcado por tensões não resolvidas. As posições de Candido e de Santiago evidenciam caminhos distintos: enquanto o primeiro reconhece o atraso como um dado a ser superado pela crítica e pelo regionalismo literário, o segundo propõe uma ruptura com as hierarquias consolidadas, enfatizando a potência crítica do entre-lugar e da mestiçagem cultural. Essas abordagens, embora díspares, convergem ao revelar os dilemas de uma produção intelectual que se constrói sob o peso das assimetrias globais. Nesse sentido, o impasse talvez ilumine algo mais profundo: não seria a dependência cultural, mas o desejo mal disfarçado de reconhecimento vindo do próprio centro, o verdadeiro desafio a ser enfrentado?

CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite & outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1989. p. 140-162: Literatura e subdesenvolvimento.

CURY, Maria Zilda. Antonio Candido: três textos decisivos. Belo Horizonte: **O Eixo e a Roda**, v. 26, n. 1, p. 9-22, 2017.

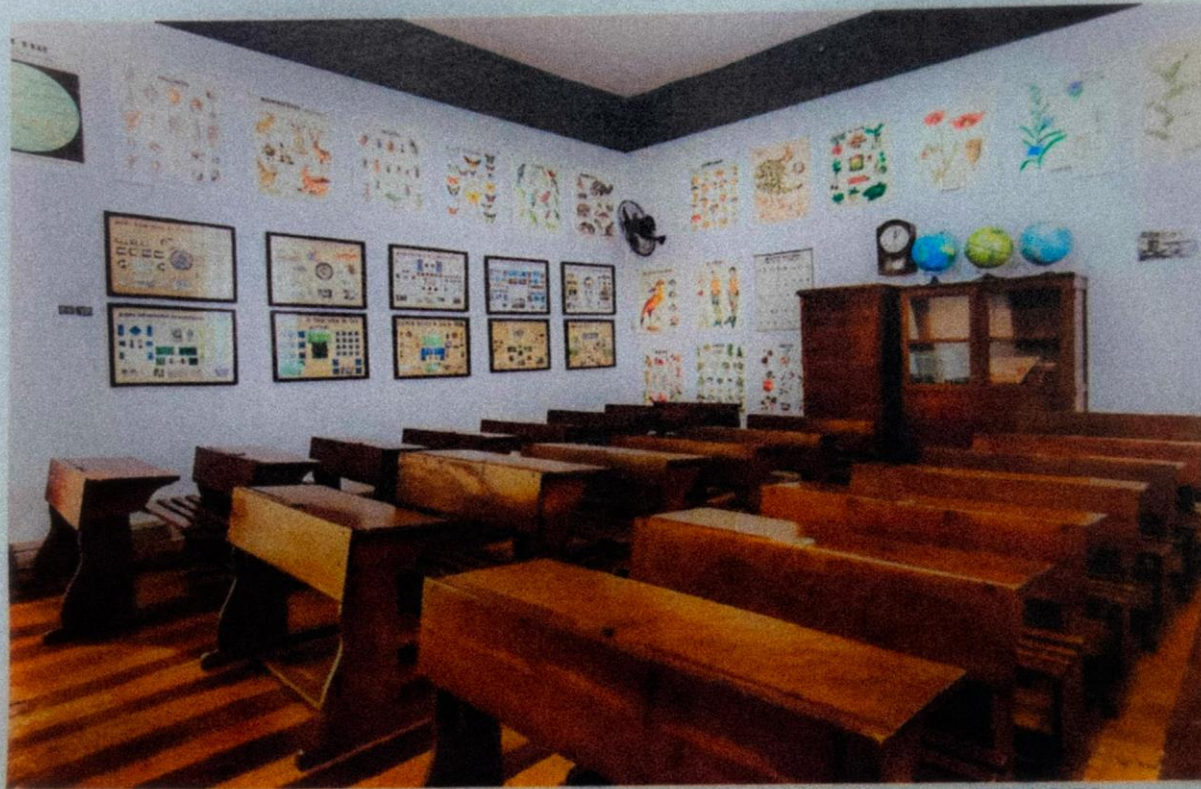
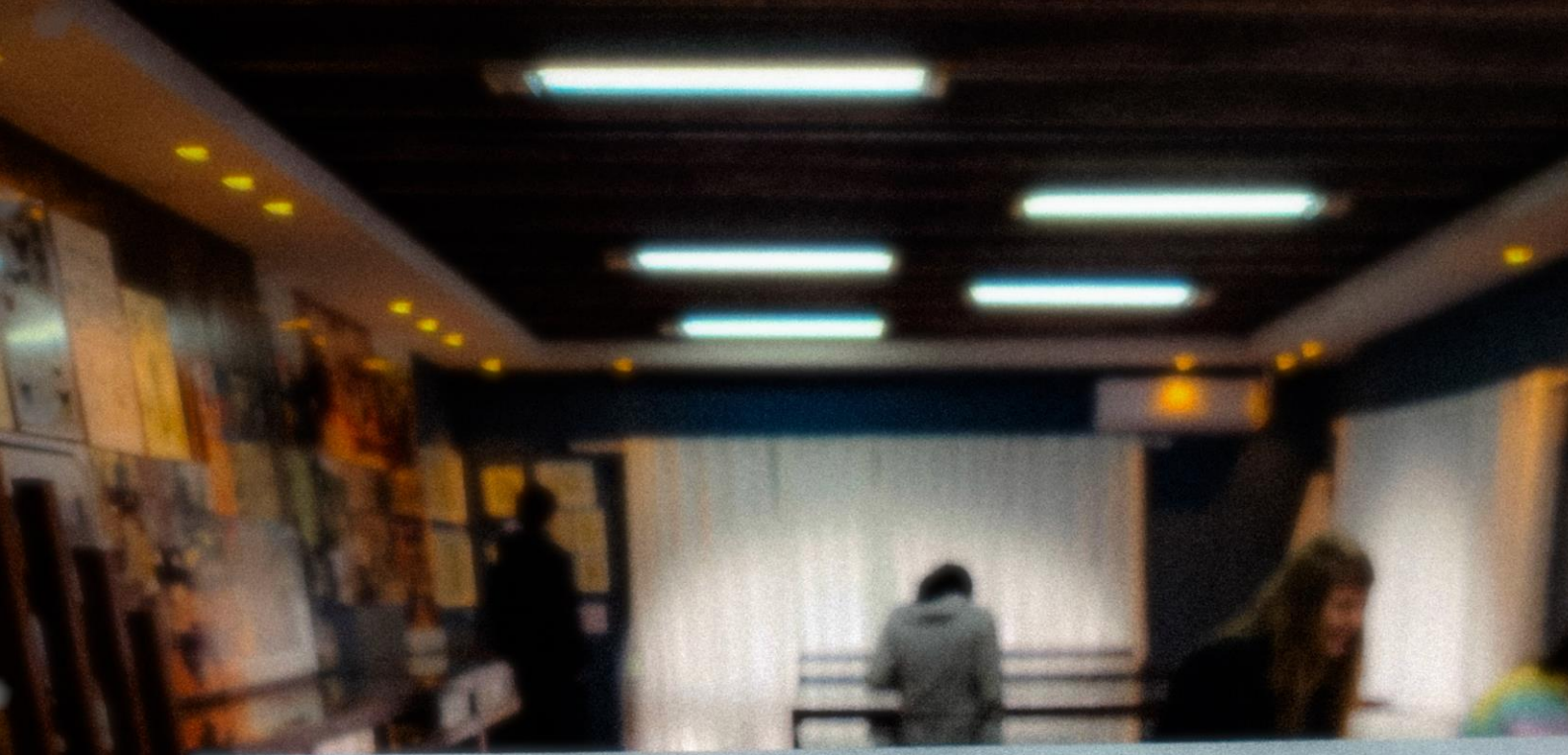
DERRIDA, Jacques. **A escritura e a diferença**. São Paulo: Perspectiva, 1967.

NEVES, Jefferson Expedito Santos. **A crítica em devir**: uma análise da trajetória intelectual de Eneida Maria de Souza. Dissertação. Salvador: 2017.

SANTIAGO, Silviano. **Vale quanto pesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

SOUZA, Eneida Maria de. **Crítica cult**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2019.

SOUZA, Eneida Maria de. **Tempo de pós-crítica**. São Paulo: Veredas e Cenários, 2007.



Museu da Escola Catarinense - UDESC, BRASIL.

# ADOLESCÊNCIA: A CONSTRUÇÃO DA MASCULINIDADE NO DISCURSO INCEL

TAÍSA MACHADO<sup>1\*</sup>

Como pontuado em Machado, 2024, os *incel* são uma das comunidades macho-centradas organizadas dentro da *machosfera*, que, por sua vez, se caracteriza como um dispositivo de poder primordialmente digital e heterogêneo, com funcionamento de rede, que engloba uma série de discursos de masculinidade e se projeta como ambiente de troca de experiências, majoritariamente sentimentais, masculinas

A nova série no estilo *coming-of-age* da Netflix, *Adolescência*, vem movimentando discussões dentro e fora das redes sociais acerca do desenvolvimento da masculinidade na adolescência, levando em consideração problemáticas das gerações atuais como o livre acesso à internet, o bullying, um ambiente escolar com dinâmicas destrutivas e, principalmente, o que aqui mais nos interessa: os discursos que transitam pelo interior dos corpos desses adolescentes nesses meios sociais.

Na série, filmada completamente em estratégia de plano sequência, o garoto Jamie, de treze anos, é acusado de assassinar uma garota, de idade semelhante. Após a acusação, a série acompanha o processo de prisão preventiva de Jamie até seu julgamento, mostrando suas interações com a psicóloga e o advogado designados para o seu caso e com o pai, membro da família que o garoto designa como seu responsável legal durante esse processo. Nessas interações e acompanhando também o trabalho investigativo da polícia sobre o caso, durante os interrogatórios e a visita à escola de Jamie, somos levados a perceber que o problema ali, inicialmente visto como uma possível situação de reação ao bullying, tem camadas mais profundas na construção daquele sujeito e de sua masculinidade. Jamie, aparentemente, é um membro de fóruns *incel* online.

[...] mobilizando e retificando narrativas de sofrimento pessoal para construir um consenso afetivo sobre uma supostamente coletiva, generificada, experiência, nomeadamente a posição dos homens na hierarquia social, resultante do feminismo. (Ging, 2017, p. 16, tradução própria).

Assim, principalmente a partir da interação do personagem principal com sua psicóloga, é possível destrinchar, por meio do discurso, as práticas e o discurso de masculinidade e feminilidade que o garoto produz/aderiu e, compreendendo um pouco da dinâmica de seus relacionamentos até aquele momento, compreende-se também que o perfil de Jamie se encaixa com facilidade naquele projetado pelos discursos da *machosfera*: homens, majoritariamente brancos, jovens, com algum histórico de frustração amorosa/sexual em relação ao gênero feminino. Esses sujeitos caminham, então, de forma não exatamente orgânica, mas discursiva e algorítmica, em direção a essas comunidades, que os encontram, os abraçam e os inserem num meio no qual sua masculinidade será não apenas reconhecida, mas submetida a um discurso de superioridade e de razão.

Vale lembrar que, conforme Foucault, “o sexo não é um dado, mas um efeito de discursos e estratégias de poder” (Foucault, 1988, p. 145), e, aqui, é como se o desejo, o sexo e o fracasso, em certa agentividade como discurso e experiência coletiva, reunissem na característica comum

<sup>1</sup>Bacharela em Letras - Língua Portuguesa e Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina, 2024; Mestranda em Linguística pela UFSC e pesquisadora na área dos Estudos Discursivos; revisora textual, consultora de redação e escritora.

da frustração desses sujeitos um espaço volátil para a produção discursiva da exclusão, levando-os a essa marginalização de si mesmos. Ao que se vê, portanto, a masculinidade *incel* é não apenas um discurso, mas uma tecnologia de poder, que disciplina corpos e vivências, marginaliza esses jovens e determina as vozes que deverão ser ouvidas ou silenciadas nesse regime de verdade que se forma sobre o que é ser homem, ou melhor, sobre o que é ser *macho* – evocando, com este termo, uma ligação com a hipermasculinidade, além de ser uma estratégia discursiva e semântica de retomada de justificativas de aspecto biológico do comportamento masculino (Machado, 2024).

Também conforme visto em Machado, 2024, essas comunidades buscam justificar seus discursos, trazendo a eles algum pseudo-embasamento, seja (pseudo) científico, religioso ou empírico, trazendo percentuais que soam como estatísticos – como a “regra dos 80/20”, mencionada na série – ou outras informações que ocupam esse lugar discursivo de “fato” e/ou “dado”, produzindo um regime de verdade. Na pseudo teoria Red Pill, por exemplo, é comum perceber-se a fundamentação do discurso em pseudociências eugenistas e determinismo biológico, o que também ocorre, de forma semelhante, na comunidade *incel*, apesar das divergências discursivas que atravessam esses grupos macho-centrados.

No fim, o que podemos apontar é que Jamie está inserido numa comunidade que surge como um ideal de discurso disruptivo, de resistência, assim como um espaço de acolhimento e reafirmação, mas que acaba por também normalizar esses sujeitos, mantendo-os como parte de um dispositivo de sexualidade com dinâmicas de poder nas quais eles próprios acabam por se colocar e se fixar à margem, visto que, como propõe Foucault “a norma é o instrumento técnico essencial do poder disciplinar” (Foucault, 1987, p. 207).

A série *Adolescência*, por fim, nos oferece um panorama prático do funcionamento do dispositivo da *machosfera*, demonstrando como pode se dar esse desvio na formação das masculinidades, a partir da interseção dessas experiências de vulnerabilidade e frustração com os atravessamentos discursivos que produzem esses sujeitos *machos*, frutos de uma masculinidade regida por um regime de verdade de violência, fracasso social/sexual e auto-exclusão.

**ADOLESCÊNCIA.** Philip Barantini. Netflix, Reino Unido, 2025

MACHADO, Taísa. **Calvo do Campari: o discurso Red Pill da machosfera na produção da masculinidade do “macho”.** /orientador: Atilio Butturi Junior. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2024, 84 p.

GING, D. **Alphas, Betas, and Incels: Theorizing the Masculinities of the Manosphere.** *Sage Journals, Men and Masculinities*, v. 22, 2019, p. 638-657.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão.** Petrópolis, Vozes, 1987



## ELLAS NO SON COMPETENCIA

Maria Cecília Arrarte-Arzola \*

A pesar de todos los cambios, las grandes decisiones siguen siendo tomadas por otros protagonistas. Los espacios reservados aún siguen vigentes, los lugares ya están ocupados y las carreras perdidas antes de comenzar. Hoy se invirtieron los roles, ahora éstas son las prácticas ocultas y solo unas pocas las logran sortear. Ellas siguen cuidando y otros son los que proveen. ¿Por cuánto tiempo esto seguirá sucediendo?

Ellas son muchas y quieren ser más. Se necesitan más acciones positivas y nuevos impulsos porque la inercia muestra que pasarán al menos otros cien años antes de que la igualdad sea una realidad. Porque a pesar de todos los logros obtenidos, aún hoy ellas no son competencia.

Durante cientos de años la historia las ignoró, las relegó, les quitó los logros y no fueron tapa. Ellas eran anónimas en los registros. Por mucho tiempo tuvieron prohibida la opinión, la decisión y la educación, estos espacios ya estaban reservados y aun así no se detuvieron. Se atrevieron a reclamar una habitación propia y financiamiento y a camuflarse en las clases como uno más de ellos.

Con mucho coraje y vidas sacrificadas fueron dejando de tener miedo y de pedir permiso. Lograron voces, participación y se ganaron sus derechos. Los cuales nunca dejan de defender y reivindicar como si pudieran perderlos en cualquier momento. ¿Por cuánto tiempo esto seguirá sucediendo?

Hoy tienen historia, son hijas, nietas, madres, hermanas, primas, sobrinas, amigas, vecinas. Cargan con la culpa de dividir su amor y su pasión, la casa o el trabajo, y su tiempo nunca es suficiente. Y la sociedad se los cobra. Muchas se cuestionan, se sienten impostoras y cuántas seguirán aún hoy abandonando la carrera antes de empezar. ¿Por cuánto tiempo esto seguirá sucediendo?

Hoy quieren respuestas, buscan explicar el pasado desde otra mirada para rescatar la historia de aquellas que no fueron registradas. Entender el presente mostrando aquello que no es posible ver a simple vista para proyectar un futuro mejor. Sus análisis, sus prioridades y sus respuestas son necesarias para un mundo más justo. Más aún sus preguntas, porque sus dudas son otras.

### REFERÊNCIAS

Virginia Woolf (1929)

---

\* Doutoranda em Ciências da Administração pela Universidad Nacional de La Plata (Argentina) e Professora Adjunta da Universidad de la República (Uruguai).



## UMA (NÃO) RESENHA, ALÊ MOTTA E SEU “VELHOS”

Maysa da Silva Monteiro \*

O contato com a literatura de Alê Motta foi um presente. Em todos os sentidos. Me deparar com essa escrita cortante, crua, real foi — e é — uma experiência fantástica. Fico encantada que, na vida, trabalhamos principalmente com ela: a linguagem. Algo que nunca se esgota e que nunca cessa de dizer. O que já foi dito, repete. O que não foi dito, ressoa. Mas de que forma? Aí está o segredo e a beleza de escrever o dito, o não dito, os silêncios e os gritos. E assim, Alê gritou em seu livro. Um grito que ecoa, ressoa, reverbera, espanta, choca, comove e, enfim, transforma.

Em seus 30 contos presentes no livro “Velhos”, Motta escancara as dores e alegrias deles, os velhos. A começar pelo título, a própria autora explica. E mais: explicou na Universidade Federal de Santa Catarina. No dia 24 de agosto de 2024, Alê Motta esteve no palco do Espaço Físico Integrado (EFI), decorrente da parceria entre a Pós-Graduação em Literatura e o Colégio de Aplicação, sendo que o ensino médio esteve presente na conversa e, justamente, porque o livro da carioca Alê foi cobrado nos vestibulares de Santa Catarina UFSC e UDESC nos anos de 2023 e 2024.

Na ocasião, os curiosos e críticos estudantes questionaram — com muita sabedoria — a escritora que estava diante dos olhos deles. Desde o questionamento de quem seria o Espetáculo a quem ela dedica a obra, até se o livro ajudará a própria escritora a enfrentar sua velhice quando chegar. Tivemos uma manhã com arte, literatura e uma aula de bom humor. Eu, claro, garanti minha foto e o autógrafo no meu livro. Nas palavras de Alê: “*Espero que goste do meu Velhos. Com carinho, Alê*” Gostei tanto que fiz

uma entrevista com ela para a Revista Mafuá, intitulada “*O transbordar da escrita de Alê Motta: a literatura viva-potente-necessária*”. Nesse diálogo, perguntei à autora sobre as palavras de Itamar Vieira Junior — presentes na aba de “Velhos” — que diz:

Em *Velhos*, sua nova coletânea que tem como tema a senilidade, as personagens não estão mergulhadas em reminiscências de uma vida passada, como quase sempre vemos na literatura. Antes de tudo, elas fazem de seu declínio atual matéria para nos contar boas histórias em textos que carregam em sua brevidade a marca humana (Junior, 2023).

Fechando aspas para a fala do autor, questionei: “Como você percebe essa temática e qual a importância de discutir esse assunto na sociedade atual?” Alê sabiamente respondeu: “Certos assuntos, que são repetidamente ignorados, precisam ser discutidos. A finitude da vida, o menosprezo aos mais velhos. Essa mania de invisibilizar quem não é jovem, e de evitar falar da morte ou das limitações é algo terrível. São temas inevitáveis, e refletir sobre eles pode ser transformador.” A partir de então, tem-se a compreensão de como seus contos foram feitos, sobretudo, para transformar. Assim, partindo principalmente do retrato da vida como ela é, sem saudosismo por tempos passados, sem meias palavras. De forma contrária, o que aparece nas micronarrativas são temas como a morte, os relacionamentos, o lazer, o choque de gerações, a violência, a sexualidade e a debilitação física.

Dessa forma, analiso, como exemplo, o conto “Felicidade”, que diz:

O velho voltou muito feliz da feira, com a sacola cheia de mangas. Colocou pedaços enormes na boca e um deles entalou na garganta. Fazia tempo que estava com o nariz entupido e a falta de ar trouxe desespero. Começou a se debater, com a esperança da manga desentalar pescoço adentro. No mexe-e-remexe, esbarrou na cadeira que virou e prendeu a ponta no frontispício da pequena bancada da cozinha. Perdeu o equilíbrio e caiu no chão. Morreu do engasgo, não do tombo. Seu neto distribuiu as mangas restantes com os vizinhos. Ninguém se engasgou (Motta, 2020, p. 73).

Nesse conto, têm-se elementos que expressam bem a escrita e a temática da autora. A escrita é cortante e cortada. A temática é, por sua vez, também cortante e cortada. Ela começa o conto já com a expressão “velhos”,

---

\* Acadêmica em Letras - Língua Portuguesa e Literaturas na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), bolsista PET-Letras, voluntária no Grupo de Estudos e Formação Docente Interdisciplinar (GEFORDIN) e professora no Projeto RedaPET - Mais que gêneros textuais. E-mail: maysa01monteiro@gmail.



posteriormente, observa-se a presença de hífens em palavras que, segundo a gramática tradicional, não teriam (mexe-e-remexe). Ademais, pensando no título “felicidade” e na história trágica, nota-se certa ironia. Felicidade? De quem? Do que? Felicidade do “velho” que voltou muito feliz da feira? Felicidade dos vizinhos que não se engasgaram com as mangas? Felicidade nossa que aproveitamos esse pouco tempo na Terra enquanto a imprevisibilidade da morte reina? Pois, para mim, esse conto é muito sobre isso: a imprevisibilidade da morte. Popularmente, ouvimos a seguinte frase “a única certeza da vida é a morte”. Mas quando? Ela pode chegar por um acidente, uma doença, uma fatalidade ou, então, por um pedaço de manga. Essa imprevisibilidade está muito presente no conto de Alê Motta e na vida. A ironia, colocada pela autora no final, também. E dessa forma, utilizando mangas, filhos, netos, dilemas (...) a autora retrata ela: a vida. E sobretudo, a vida deles, dos velhos.

#### REFERÊNCIAS

MONTEIRO, Maysa. O transbordar da escrita de Alê Motta: a literatura viva-potente-necessária. Mafuá, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, n. 39, 2023. ISSN: 1806-2555. Disponível em: <https://mafua.ufsc.br/2023/o-transbordar-da-escrita-de-ale-motta-a-literatura-viva-potente-necessaria/>

MOTTA, Alê. Velhos. São Paulo: Reformatório, 2020.



## ABDIAS DO NASCIMENTO E PRICE-MARS : ETNOLOGIA COMO FERRAMENTA DE VALORIZAÇÃO CULTURAL

Clarens Chery \*

Essa resenha, pretende abordar os termos da Antropologia e da Etnologia entre os imaginários afro-diaspóricos brasileiro e haitiano. Também beneficiará ao disseminação do conhecimento científico sobre o teatro e a dramaturgia, além de oferecer auxílio didático-pedagógico ao debate atual sobre a comparação da obra: “Dramas para negros e prólogo para brancos” uma antologia do teatro negro brasileiro, organizada por Abdias Nascimento e publicada no Rio de Janeiro, em (1961), pelo Teatro Experimental do Negro (TEN); da obra de Jean Price-Mars: “Ainsi parla l’oncle” (Assim falou o tio), publicado em (1928), do antropólogo, professor, diplomata e político haitiano, cujo trabalho antropológico examinou sobretudo a cultura e a religião populares haitianas, suas origens africanas e europeias, e sua relação com o colonialismo e a escravidão. Para o ambiente das pesquisas etnográficas as questões, os contextos políticos e sociais que permitem situar o surgimento de espetáculos folclóricos no cenário cultural de Porto Príncipe no período da Ocupação Americana.

Contendo fundamentação teórica, metodológica, discussão e comparação que atravessa a obra do dramaturgo/poeta/político Abdias Nascimento (14 de março de 1914, Franca, São Paulo - 23 de maio de 2011, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro) e Jean Price-Mars (15 de outubro de 1876, Grande-Rivière-du-Nord, Haiti - 2 de março de 1969, Pétienville, Haiti) em seus contextos da vida real para compreender como pensam, sentem, vêem e atribuem significados simbólicos para a realidade, corporeidade e relações interpessoais. Como e por que homens e mulheres fazem coisas, por quais motivações profundas algumas pessoas são levadas a agir. O que eles pensam quando realizam ou passam por certas práticas.

Nesse sentido, a etnografia também se apresenta como uma experiência de troca e de semelhança. A pesquisa etnográfica é algo que se aprende fazendo, não basta estudá-la nos manuais. Em vez disso, é desejável que o olhar antropológico da avaliação esteja disposto a mostrar a construção do negro na América. Não é por acaso que se diz que quando não se vai em busca de informações na fonte principal, outras narrativas repentinas podem ocorrer. Aqui, neste sentido, o saber etnográfico desses dois ativistas suscita a abertura da pesquisa no cenário atual.

Durante as décadas de 1930 e 1940, o Haiti tornou-se uma encruzilhada e um terreno de investigações para etnólogos haitianos, americanos e franceses. O Indigenismo Haitiano ou Movimento Indigenista (1915-1945), e a antropologia cultural daquela época certamente foram cruciais para essa valorização do folclore, os contos e as simbologias que fazia parte das relações de poder que então percorriam a sociedade haitiana. O Haiti foi a Cuba do século XIX: sofreu um bloqueio econômico das potências e não tinha nem dinheiro nem tecnologia para continuar produzindo o açúcar, o café e outros produtos agrícolas que exportava até sua independência. E coincidência destacada pelos cubanos em número especial da revista Casa de las Américas (2003) dedicado ao Haiti: ambas as revoluções têm como data festiva o primeiro de janeiro, com uma diferença de 155 anos. Com efeito, a independência haitiana foi proclamada em 1804 e o novo governo cubano assumiu em 1959.

Há uma real dificuldade de se criar um imaginário haitiano quando tudo o que faz parte de seu cotidiano, de suas expressões emocionais, de suas experiências vividas, é recalcado. A literatura procurou então exprimir a alma nacional através dos discursos que se impunham, o discurso da raça e a rememoração da revolução de 1804. Contudo, a tendência essencialista do culturalismo reforçou esta imagem de culto como sendo o atributo natural de uma população camponesa e trabalhador marginalizado. A inclusão do vodu num quadro nacionalista, da qual ecoou a reconfiguração da

---

\* Clarens Chery é pesquisador vinculado à Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com atuação nas áreas de antropologia, literatura e pensamento caribenho. Desenvolve pesquisas críticas sobre colonialidade, negritude, panafricanismo e epistemologias afro-diaspóricas.

historiografia haitiana, é concomitante à sua estetização no campo das letras e das artes. O culto foi apreendido pelos seus promotores intelectuais, indigenistas e negristas, como vetor de valor agregado, tanto estético como político, o que fazia parte da afirmação de uma consciência popular negra. Feridos pela Ocupação Americana (1915-1935), muitos intelectuais haitianos se engajaram na resistência, ao menos moral, por meio de obras de tom patriótico, passíveis de despertar a consciência nacional.

Assim Falou o Tio/Ainsi parla l'oncle (1928) de Jean Price-Mars é um ensaio científico e didático (etnográfico, sociológico, antropológico...) que marcou a época, pois concilia todos os componentes da realidade haitiana, inclusive os mais contraditórios, e promove para cada haitiano uma melhor aceitação do seu "eu". Jean Price-Mars contribuiu para a cultura da "mistura". As relações da nação com o território, a raça, a cultura, a vontade, para destacar somente alguns aspectos, têm que ver com a discussão acerca do que é, como se formou o ser nacional, e elucidar em que consistem e quais têm sido os seus papéis. Ao enfrentar esses desafios que provocam uma disputa interminável entre os intelectuais, Jean Price-Mars atuou com astúcia e cautela. Sua experiência profissional e acadêmica, unida à crise provocada pela intervenção militar estadunidense conformaram as lentes com as quais o intelectual haitiano pensou a questão nacional. Nesta pesquisa se discute como Price-Mars abordou o tema da nação durante os primeiros anos da ocupação e como ele se comprometeu em reconstruir um novo nacionalismo haitiano capaz de tornar possível o restabelecimento moral do povo e a restauração da independência haitiana, fazendo um apelo especial às elites do país que haviam perdido sua vocação como organizadoras e dirigentes do coletivo social.

A "Drama para negros e prólogo para brancos" além de trazer textos teatrais completos de diversos autores, questiona qual seria o lugar do negro na construção da história do teatro brasileiro junto ao engajamento do grupo Teatro Experimental do Negro não só como grupo artístico, mas também um expoente de militância antirracista dentro do movimento negro entre as décadas de 1940 a 1960. O espetáculo contava a história de um escravo negro que havia cometido um assassinato e fugira para uma das ilhas das Antilhas. Posteriormente, o personagem se deixava seduzir pelo poder econômico e, por ascendendo socialmente, acabava escravizando outros negros. A peça apresentada em Lima teria chamado a atenção de Abdias Nascimento por ser estrelada por um ator branco pintado de tinta preta, prática hoje conhecida pelo termo 'blackface'. Tal situação provocou não apenas sua indignação, mas também a percepção da realidade teatral brasileira. Ao escrever Dramas para negros e prólogo para brancos, Abdias Nascimento não tinha apenas a intenção de construir uma antologia do teatro negro brasileiro, reunindo obras com essa temática, mas também a de valorizar as ações e contribuições realizadas

pelo Teatro Experimental do Negro na cena teatral. Assim, o livro reúne nove textos teatrais que foram escritos e encenados pelo TEN entre 1947 e 1949. Nele, estão presentes os textos "O filho pródigo", de Lúcio Cardoso; "O castigo de Oxalá", de Romeu Crusoé; "Auto da noiva", de Rosário Fusco; "Sortilégio", de Abdias Nascimento; "Além do Rio", de Agostinho Olavo; "Filhos de santo", de José de Moraes Pinho; "Aruanda", de Joaquim Ribeiro; "Anjo negro", de Nelson Rodrigues; e "O emparedado", de Tasso da Silveira. Além dos textos teatrais presentes, o que mais nos interessa nesse momento é o prólogo escrito por Nascimento sobre a história do teatro brasileiro e sua relação com o teatro africano e a história dos negros no país. Percebemos, portanto, que, nesse período e dentro do TEN, a cultura negra era tida como uma cultura tipicamente brasileira, que visava ao fortalecimento da integração dos negros na sociedade brasileira, que se daria por meio da elevação de um nível cultural, alcançada também através da arte.

A problematização inicial para esta pesquisa veio através de uma pesquisa anterior sobre o estudo literário sobre a obra Governadores do Orvalho (1954), que promovia o movimento indigenista haitiano do realismo ao maravilhoso, obra Apresenta-se um breve panorama da literatura haitiana nos séculos XIX e XX para entender como se dá a resistência do povo haitiano através da análise das narrativas literárias indigenistas. O folclore haitiano é frequentemente transmitido na forma oral. Cabe relatar que, na consciência haitiana, os marcos culturais são apresentados na forma de crenças, de símbolos, de ritos e danças. Poderíamos dizer, em termos técnicos, que essa cosmovisão mostra o momento em que tanto Abdias como Price engendram elementos da teoria e da metalinguagem da música. Com efeito, o canto tem um papel qualitativo, distinto da simples capacidade de repetir feitiços melódicos, característica das suas artes.

### **Contos e folclore no Haiti**

Para chegar ao ouvinte, Price devia ter uma clara consciência dos parâmetros musicais e suas propriedades expressivas. Os contos no Haiti geralmente são relacionados com animais com o intuito de passar uma lição qualquer da vida terrestre. Embora tragam ensinamentos morais e de sobrevivência. Nelas, os animais falam e cada espécie tem virtudes e defeitos humanos, como ganância, ciúme e solidão. Na verdade, os personagens podem ser animais, humanos ou uma combinação dos dois. Os contos folclóricos no Haiti são fonte de inspiração para muitos escritores, especialmente mulheres, cujas obras são voltadas para crianças na pré-escola, primária e até mesmo no ensino médio. Inspirados nessa herança crioula, mistura das culturas francesa e africana na América, esses autores tecem uma teia de gestos patrimoniais, formados a partir da fibra dos dialetos regionais, dispostos em uma tela de imaginação mágica. Eles contribuem de forma original e diversificada para o

desenvolvimento de uma Francofonia nova, dinâmica e inclusiva. Os contos populares têm um papel importante na preservação de culturas e variantes dos mundos africano.

Desde 1915, houve em 1825 o retorno do Haiti à dobra cultural e até mesmo à órbita política e econômica da França, e que então 1915 pode ser considerado como a conclusão deste movimento de retorno. Ano da ocupação militar do Haiti pelos fuzileiros navais dos Estados Unidos da América, 1915 marca de certa forma o ponto terminal de um movimento circular equivalente ao apagamento do gesto de 1804. A partir de 1836, formou-se o grupo Cénacle, com os poetas Ignace Nau (1808-1845) e Coriolan Ardouin (1812-1838). Mais tarde Oswald Durand (1840-1906), Massillon Coicou (1867-1908) pretendem este movimento. A produção teatral também é rica e importante, paralelamente ao surgimento de melodrama na França. Todos os gêneros estão representados: drama em prosa, tragédia, comédia e as obras refletem os acontecimentos atuais e a evolução dos costumes.

### **Idealismo do Teatro Experimental Negro (TEN)**

Percebemos, portanto, que, nesse período e dentro do TEN, a cultura negra era tida como uma cultura tipicamente brasileira, que visava ao fortalecimento da integração dos negros na sociedade brasileira, que se daria por meio da elevação de um nível cultural, alcançada também através da arte. Para Muller, as tentativas de um “novo fazer teatral” do TEN estariam vinculadas inevitavelmente a padrões retóricos de um teatro “tradicional e clássico”, confirmado pelo uso do palco italiano, na ênfase ao diálogo e o contato com os ideais que buscavam a modernidade teatral nesse contexto. Assim, as reminiscências africanas se restringiram a apenas algumas montagens devido às dificuldades de transposição, para esse modelo de teatro, dos recursos próprios, e se tornaram apenas visuais e ambientais.

O Teatro Experimental do Negro não é nem uma sociedade política, nem simplesmente uma associação artística, mas um experimento psicossociológico, tendo em vista adestrar gradativamente a gente negra nos estilos de comportamento de classe média e superior da sociedade brasileira (ABDIAS.1999).

O departamento a que se refere Abdias Nascimento foi criado em 1950, chamado de Conselho Nacional das Mulheres, e tinha como foco integrar a mulher negra na sociedade, abordando seus problemas e perspectivas de melhores condições para si e seus filhos. Liderado por Maria Lurdes Nascimento, na época esposa de Nascimento, o departamento contava também com o auxílio de Guiomar Teixeira Matos, Guerreiro Ramos, Mercedes Batista e Milka Cruz. Além de abarcar as demandas das empregadas domésticas, o projeto ministrava aulas de teatro e ballet para crianças. Os

objetivos do departamento criado dentro do TEN são abordados na matéria realizada pelo jornal Quilombo em 09 de maio de 1950, onde fica clara, mais uma vez, a consonância com os propostos desde a criação do TEN: “lutar pela integração da mulher negra na vida social, pelo seu levantamento educacional, cultural e econômico.

Diante do exposto, Abdias e Price estão cientes de que não falam apenas por si mesmos, o afro-brasileiro e o afro-caribenho se transformam em porta-voz do povo negro. Para eles, o ato de escrever e atuar não é um ato individual, pensavam também na coletividade. Esta noção de intertextualidade apela para a análise porque já tem uma história entrelaçada entre os ativistas, de modo que pode-se observar que definição ou representação das africanidades se referem aqueles que a valorizam.

### **Por que a necessidade de resgate histórico por Abdias de Nascimento?**

Para iniciar este tópico, embora as principais referências que se coloquem para as reflexões sobre representação sejam Abdias de Nascimento (1961) e Price Mars (1928) como base de análise. Neste contexto de resgate histórico, vale lembrar que a história da África e da Diáspora somente começou a ser escrita por historiadores africanos e afro-brasileiro só a partir de meados do século XX. As narrativas anteriores se situavam na tradição eurocêntrica e se diluíram na dimensão culturalista dos “estudos africanos” tanto na Europa quanto nas Américas. A teoria social negro-africana continua invisibilizada nos debates acadêmicos, especialmente no Brasil, país racializado desde os primórdios da economia-mundo, isto é, a partir do século XVI.

A história é uma ciência humana que anda à procura de um certo grau de certeza chamada moral ou de probabilidade que lhe permita reconstituir e explicar o passado do homem. [...] Mas aqueles que pretendem ser cientistas e que olham para a história como um líquido incolor, inodoro e sem sabor, de laboratório em vez de reconhecerem como um rio vivo, aqueles que, porque alinham alguns silogismos baseados em certas descobertas esparsas, falam sobranceiramente de ciência, ou são ingênuos ou medíocres. Imaginam abraçar a musa Clio, quando apenas manipulam uma musa desencarnada (KI-ZERBO.1972).

Em seu livro de poesia, *Argila da Memória*, publicado em 1962, o poeta brasileiro Clóvis Moura faz essa imersão no tempo e na memória, passando pela infância, pelas vozes coletivas de sua experiência. Já em *História do negro brasileiro*, de 1989, Moura, conforme atesta Fábio Oliveira (2011, p. 55), vale-se do conceito de quilombagem para explicar que o quilombo atuava “como unidade básica do processo de resistência do negro, articulava-se a outras formas de luta, como as insurreições

urbanas da Bahia, durante o século XIX, e a revolta dos malês, em 1835 (...)”. Para o escritor, o quilombo era um movimento de rebeldia e resistência organizado pelos próprios escravos. Dessa maneira, Moura propôs uma revisão crítica sobre o pensamento de Gilberto Freyre, em que este afirmava a passividade do negro no Brasil.

A toda essa falange arrogante que proclama que o homem negro está destinado a servir de estribo ao poder do homem branco, a essa antropologia mentirosa, eu terei o direito de dizer: Não, não é uma ciência! [...] O egoísmo e a imoralidade da raça branca será ainda para ela, em sua posteridade, motivo de vergonha e arrependimento (Firmin, 1885, p. 59).

No entanto, ao desconsiderar as múltiplas identidades que têm lugar no continente africano, e até mesmo as muitas culturas que se constituíram ao longo dos anos nesse território, procurando engessar a origem e a identidade sob a égide biológica de seu conceito de raça, o historiador dificultou a aplicação de sua análise. A própria escolha do Egito como civilização negra por excelência atingia muito mais a academia europeia do que as populações africanas, com identificações regionais muito mais fortes. Não se deve negar o mérito, inclusive político, que suas teorias possuem, mas suas buscas por uma adequação das identidades de África e do africano em categorias estanques e empiricamente verificáveis são e devem ser alvos de críticas necessárias (BRESCIA. 2010).

O racismo foi o responsável pelo que Anta Diop chamou de moderna falsificação da história. O século XIX foi o século de consolidação do domínio europeu sobre os povos africanos. Para este domínio, que se iniciou no século XV, ser concretizado não bastava armas. Foi preciso uma ideologia que justificasse toda a violência e brutalidade da colonização (BENEDICTO, 2010 p. 4).

Abdias Nascimento já foi descrito como o mais completo intelectual e homem de cultura do mundo africano no século XX. À frente do TEN, Abdias mantinha contato com os movimentos de libertação africanos e com o movimento pelos direitos civis nos Estados Unidos. Ele e os artistas e intelectuais associados ao TEN eram os principais, talvez os únicos, partidários no Brasil do movimento da Negritude liderado por Léopold Senghor, Aimé Césaire e Léon Damas. Entretanto, eles foram excluídos da delegação oficial brasileira ao 1o Festival Mundial das Artes Negras (FESMAN), realizado no Senegal como afirmação internacional do Presidente Senhor do valor da cultura africana e da Negritude. A Carta Aberta a Dacar, escrita por Abdias Nascimento, denunciava o processo que levou a essa exclusão e foi publicada na prestigiosa revista "Présence Africaine". Trata-se do primeiro protesto de um intelectual afro-brasileiro a ser

ouvido por um público africano mundial contra a discriminação racial no Brasil.

Abdias vai às origens deste Negritude, da Antiga Civilização Negra Egípcia, e chega à produção dramática brasileira do século XX, sem deixar de lado a estrutura e formação do melodrama brasileira. Para analisar a presença do negro no contexto teatral brasileiro, ele usa como exemplos autores como Gonçalves de Magalhães, Gonçalves Dias, Martins Pena entre outros. Porém a sua projeção de teatro negro se enquadra melhor a um teatro que tenha a presença de atores negros, caracterizado pela participação de um diretoria negra (IPEAFRO.2004).

No mercado de trabalho da área teatral, para o qual voltamos nosso interesse, há pouca probabilidade de ascensão social para o negro. Quando ele aparece, raramente tem o papel de protagonista. Como bem explica a atriz Ruth de Souza, o teatro com atores negros é marginalizado: “O ator negro quase não está no palco e, quando está, tem papel subalterno. Ora, quem quer fazer um teatro com atores negros é logo classificado de alternativo. Eu sei, porque já tentei realizá-lo, e as pessoas me diziam que só patrocinavam o teatro convencional. E por quê? O negro é uma coisa alternativa? Sem produção, como montar um espetáculo? O negro, sempre presente nos espetáculos teatrais durante o período colonial, foi excluído dos palcos brasileiros somente a partir da metade do século XIX.

Quando o teatro deixou de ser sinônimo de marginalidade, os atores negros foram substituídos por atores brancos devidamente pintados de negro. Sem espaço nos palcos tradicionais e na sociedade pós-abolicionista, o negro teve que se organizar para poder aparecer tanto como ator de teatro quanto como ator social e político. A existência da Companhia Negra de Revistas, fundada em 1927, no Rio de Janeiro, pelo maestro Pixinguinha e por Osvaldo Viana, apesar de ter revelado Grande Otelo, não possibilitou o aparecimento de outros atores negros, já que a companhia não sobreviveu. Grande Otelo, além de ter sido sempre enquadrado em papéis cômicos, ficou como um caso isolado de ator negro no teatro e no cinema da época. Na própria dramaturgia brasileira, era difícil encontrar uma personagem negra que não fosse cômica ou ridícula. Há de se admitir que os excluídos de um modo geral não eram tema da dramaturgia brasileira do século XIX e do início do XX, o que se pode entender, pelo fato da mesma encontrar-se ainda num estágio incipiente àquela época. Porém, os atores negros estavam presentes como escravos ou empregados, no pano de fundo das peças, para conferir veracidade ao quadro geral das tramas. Contudo, dificilmente eram protagonistas e, quando o eram, assumiram papéis abjetos (AFRO-ÁSIA, 2001 p 313-363).



Na foto: Helba Nogueira, Heloisa Hertz, Matilde Gomes, Léa Garcia e Abdias Nascimento

### **Resumo das peças, por Leda Maria Martins**

O filho pródigo, de Lúcio Cardoso, abre a antologia. De tons intimista e dicção mais literária do que teatral, a peça pode ser lida como uma alegoria poética, por meio da qual o drama do estigma da cor e da raça pulsa todos os embates e dilemas de uma família negra de referências arquetípicas bíblicas, em uma atmosfera sombria, composta por uma trama que se localiza em um espaço-temporal mítico e místico, quase como uma fábula ou parábola metafísica. [...]

Já em O castigo de Oxalá, de Romeu Crusoé, o protagonista Raimundo, um jovem negro, tenta resolver suas questões identitárias e de afirmação como negro, voltando-se contra a religião do candomblé e se tornando, com determinação e resiliência, um próspero comerciante. [...] Envolvido pela trama da antiga namorada negra, Rita, e de Ernesto, antigo cafetão de sua mulher branca, Raimundo é vítima das diabólicas ações de seus desafetos, perde seus bens, incendiados por seus inimigos, e, tal qual Otelo, consumido por suspeitas infundadas e ciúmes, assassina a esposa que diz amar. [...]

Em Auto da noiva, de Rosário Fusco, a comicidade da trama ligeira, como farsa, torna risível e ridiculariza os ideais de embranquecimento, tornando-o um mote caricato, continuamente desacreditado pelas falas, versos e cantos irônicos do coro e da Filha, risíveis, que, pela repetição farsesca, o ridicularizam, deslegitimam e desconstroem como máxima. O ritmo frenético das ações, a tessitura simplificada da linguagem, as falas e situações paródicas, os personagens-tipo, quase circenses, sem nome e sem profundidade psicológica, produzem uma comicidade de picadeiro, de humor satírico. [...]

Em Sortilégio, mistério negro, Abdias Nascimento recria o trio amoroso exemplar: o homem negro que despreza a mulher negra, elegendo como esposa a mulher branca. Advogado, Emanuel observa que seu título pouco vale para defender Efigênia, sua jovem namorada negra, vítima dos abusos e estupro do homem branco. Seu posterior desprezo, desdém e repúdio de Efigênia, que passa a se prostituir, vem na mesma medida de sua reflexão sobre a esposa branca, Margarida. Seus ciúmes e desconfiças de uma suposta traição, nunca confirmada (à la Otelo), terminam com o assassinato da esposa, uma outra vítima imolada no altar dos efeitos das

práticas do racismo e da misoginia ali refletidas e determinantes nos desfechos das personagens. [...]

Como em Sortilégio, acompanhamos em Além do rio (Medea) [de Agostinho Olavo] a autoconscientização da persona negra, o abandono da máscara branca e a eleição da postura revolucionária, que vão guiar suas novas atitudes e ações insurgentes. Uma recriação dramática preciosa do mito de Medeia e da tragédia de Eurípedes. Filhos de santo, de José de Moraes Pinho, nos apresenta personagens negros e brancos submetidos aos tensionamentos raciais e de gênero que se enovelam em conflitos intransponíveis e fracasso das relações romanescas. A complexidade das relações raciais se postula no enredo de tensionamentos no âmbito de uma família negra. [...]



Emílio Paroli, Aparecida Bitencourt (sentada no chão), Marina Gonçalves (na cadeira), Abdias Nascimento, Noêmia Santos e Ruth de Souza em ensaio da peça Auto da noiva, de Rosário Fusco. Direção: Abdias Nascimento. Cenário: Tomás Santa Rosa. Teatro Pêrix, Rio de Janeiro, 1947. Arquivo Abdias Nascimento / IPEAFRO. © José Medeiros

Aruanda, de Joaquim Ribeiro, apresenta o cômico e o dramático no tratamento da negrura, destacando uma caricatura ou construção exagerada do negro, através do candomblé, evidenciando um tipo de exótica teatralidade baseada no fomento do estereótipo e da subcultura. Anjo negro, de Nelson Rodrigues, configura um modo surrealista e crítico da perspectiva racista e de gênero. O protagonismo negro e feminino emerge como uma revisão crítica e deformadora das tradições e ideologias do patriarcado, no que se refere à sexualidade e à negrura, expostas nas relações amorosas e sociais com uma dramatização do negro e feminino, que extrapola a moralidade e o moralismo social. [...] O emparedado, de Tasso da Silveira, homenageia o poeta Cruz e Sousa, tendo como foco o tema da frustração e da alienação do protagonista negro, em uma narrativa que entrelaça elementos realistas e simbólicos, e que expõe o tema da negrura e da marginalização em sua representação dramática e estética.



### **Folclore; oralidade e etnográfica tradicional de Price**

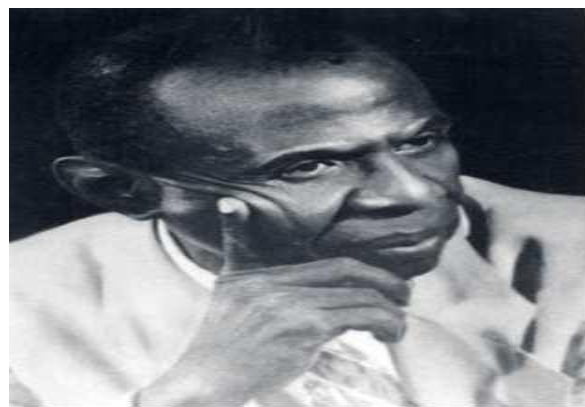
O lugar do “Lakou” no Haiti ocupava essa mesma função de convivência e de resistência. Quanto ao lakou como unidade de reprodução, este se estrutura enquanto uma variedade de arranjos familiares que vão além de uma ideia de família nuclear. São particulares às relações familiares que configuram o lakou: o cuidado com os filhos, a transmissão da moral, a participação em ciclos de dádiva e troca, a observância de certas responsabilidades para com os familiares mais velhos, os vizinhos, os mortos e os espíritos da família (lwa e jany/ orixás e guias) e a atenção a certos princípios de herança. Cabe ressaltar que o parentesco é cognático e egocentrado e a memória geracional avança, normalmente, até duas gerações acima de ego. A noção de um compartilhamento de substâncias dos pais para a criança é baseada na ideia de “sangue” (san) em que o sangue mais forte é o que leva a criança a se parecer mais com um dos pais, como me relataram em campo, resumido na expressão “nou se menm san” (nós somos do mesmo sangue). Nisso, o que está em jogo não é o sangue enquanto uma metáfora biológica do parentesco expressando uma proximidade relacional, mas o san é antes uma totalidade compartilhada que constitui os corpos de pessoas em comum (BULAMAH. 2013).

O vodu entra na linha de uma cultura popular. Esta última comporta uma consistência própria. É produto de resistência a uma série de agressão cultural e de desapropriação das forças simbólicas. Por exemplo, a língua crioula, a música, dança popular, cerimoniais religiosos em casa, literatura oral (folclórico), contos, lendas, provérbios, pinturas e outros. Nesta parte, a reflexão volta-se às características fundamentais do pensamento religioso na expressão cultural afro-haitiana. Trata-se de apresentar os elementos que contribuíram na construção das ideias, dos conceitos e das noções da cultura afro-haitiana. Esses elementos podem assumir postura ou mentalidade de povos primitivos ou povos civilizados. Por povos primitivos entendem-se os grupos sociais que “tanto para a aquisição de seus alimentos, como para os demais meios de vida se utilizam de recursos apenas rudimentares e possuem um conhecimento muito superficial dos processos naturais” (CHARLES.2023). Há uma visão cosmocêntrica e uma visão antropocêntrica tanto sobre as doenças como também sobre a morte. Sucintamente se apresentarão essas duas visões. Num primeiro momento, a investigação averiguar a visão cosmocêntrica tendo em vista três elementos, que são comuns na realidade afro-haitiana: classificação, experiência e agir. Na cultura afro-haitiana, o ser humano é entendido como uma forma de energia particular condensada, extraída do grande cosmos e do ser universal cósmico. Assim, a função primária do ser humano é manter uma sinergia harmoniosa com a energia universal, enquanto que no plano antropocêntrico o ser humano está no centro do universo imperfeito que deve compreender, controlar, transformar e explorar. Na concepção afro-haitiana, no plano cosmocêntrico, a pessoa possui quatro dimensões.

Estas são: o corpo, a sombra, bom anjo maior ou alma maior, bom anjo menor ou alma menor (gro bonanje ak ti bonanj). Enquanto que no plano antropocêntrico a pessoa possui duas dimensões: corpo e espírito. Esses termos serão tratados com mais propriedade quando abordada a expressão da morte na cultura afro-haitiana. Podemos, portanto, realmente falar de uma estética política do vodu, na medida em que a imagem que o recebeu serviu a interesses políticos. No entanto, a matéria-prima de esses entretenimentos eram extraídos da sociedade rural, mas os camponeses não eram os destinatários dos desdobramentos econômicos gerados por essa estética política do vodu. Além disso, essas tropas eram lideradas por membros da elite haitiana e os artistas que encenaram canções e danças inspiradas no vodu foram elevados à categoria de embaixadores da cultura haitiana. Essa tarefa não poderia camponeses ou para “oungan e manbo / sacerdotes do vodu” de origem social modesta, como o sonho retardar as palavras do diretor de uma escola de dança onde alguns dos alunos se apresentam residentes no exterior.

A encenação do folclore fazia, portanto, parte das hierarquias sociais haitianas. Um bom número de escritores opta por uma língua francesa cada vez mais moldada pela respiração, pelo ritmo e pelas imagens da oralidade crioula. A identificação do escritor com o seu herói ficcional popular é mais perceptível: um texto mais emocional que às vezes pode dar origem a bons sucessos. A ditadura de François Duvalier de 1965, ainda que não tenha esgotado a inspiração dos escritores, reduziu a nada sua liberdade de expressão. Foi assim que muitos deles se exilaram parcial ou totalmente no Canadá (possivelmente nos Estados Unidos), na França ou na Bélgica. O exílio e a expatriação contribuem para modificar os dados da criação literária haitiana, que tende a se diversificar cada vez mais. A partir de 1980 domina a liberdade de criação. Escritores haitianos, de acordo com sua relação com o crioulo, de acordo com os lugares onde escolheram viver, de acordo com sua relação com seu meio social ou com sua terra natal, individualizam sua jornada como criadores, dando origem a estilos cada vez mais variados.

#### **Assim falou o tio por Behique Dunama**





Winston James descreve Price-Mars como um médico, diretor de escola, professor universitário e reitor, deputado, senador, diplomata, candidato presidencial, ministro de gabinete e autor prolífico que ajudou a estabelecer o Haiti como o precursor no Caribe para reconsiderar as contribuições africanas para a cultura da região (James 453). Além disso, James também coloca o trabalho de Mars em um contexto mais amplo, onde a ocupação dos EUA desencadeou um movimento etnológico (indigenista, noirista) entre a intelectualidade haitiana negra e de cor.

Price-Mars, um descendente de Jean-Baptiste Belley, de acordo com Laurent Dubois, também era descendente de uma longa família de outros haitianos ilustres. Sua obra-prima, *Ainsi parla l'oncle*, publicada em 1928, usou antropologia, história, linguística, musicologia, sociologia e crítica literária para trazer à luz o que ele chamou de cultura negra "indígena" do Haiti, analisou o folclore haitiano e examinou o crioulo como uma língua totalmente formada e elogiou a dívida cultural haitiana com as raízes ancestrais africanas e considerou as ligações haitianas com a África contemporânea. James prossegue afirmando a influência de Jean Price-Mars em futuros intelectuais e escritores haitianos, incluindo Jacques Roumain, Carles Brouard, Francois Duvalier e a totalidade dos movimentos de negritude e nacionalistas negros do Caribe e da África.

Danton também elogia Jean Price-Mars, que desafiou as noções de que as populações negras nas Américas careciam de profundidade/cultura histórica por causa das forças destrutivas da escravidão, bem como ampliou o escopo da pesquisa histórica para incluir as massas rurais haitianas antes que os historiadores marxistas ocidentais começassem a incluí-la em suas narrativas (Danton 166). Segundo Danton, ele também foi o primeiro a estabelecer o estudo do Vodou como uma religião por direito próprio, com base em sua própria teologia, ordena o tempo e o espaço e possui sua própria ética. Assim, essas leituras preventivas fazem parecer que este importante texto é um estudo brilhante dos africanismos na cultura haitiana, o Vodou, um exemplo de estudos subalternos e um trabalho interdisciplinar de investigação religiosa, antropológica e histórica, que foi necessário para validar a maioria haitiana e a raça negra, pressagiando o pensamento noirista, em meio a uma força de ocupação americana racista e brutal.

Com palavras tão elevadas de Winston James, vejamos como minha perspectiva sobre *Ainsi parla l'oncle* pode diferir. Minha interpretação se baseia em uma tradução de Magdaline W. Shannon, publicada pela Three Continents Press. A introdução se esforça para estabelecer o autor como uma refutação das teorias raciais de *Le Bon* histórica, etnológica e biologicamente, enfatizando o passado africano e sua contribuição para a estrutura social haitiana contemporânea, e o vodou como um fenômeno do Novo Mundo e não uma sobrevivência africana. O capítulo

inicial se concentra no folclore e sua importância no conhecimento das massas, bem como suas influências francesas e africanas que compõem *Ti-Malice*, *Ti-Bouqui* e outros personagens em contos populares haitianos. Pode-se ver evidências da defesa do autor da língua crioula/kreyol também, e ele cita uma expressão kreyol da Revolução Haitiana que sobrevive até hoje, um canto na batalha de Vertieres:

Ele também se refere a Romaine, a Profetisa, bem como a "Choucounè" e Oswald Durand, para estabelecer as credenciais literárias, a história e o poder do crioulo para a maioria do povo haitiano. No segundo capítulo, sobre a crença popular, Price-Mars define o Vodou como uma religião com base nos seguintes fatores:

- Todos os seus adeptos acreditam na existência de seres espirituais que vivem em qualquer lugar do universo em estreita intimidade com os humanos cuja atividade eles dominam;
- Esses seres invisíveis constituem um panteão no qual o maior entre eles ostenta o título de Papa ou Grão-Mestre;
- O culto pertencente a seus deuses requer um corpo sacerdotal hierárquico, uma sociedade de fiéis, templos, altares, cerimônias e tradição oral que transmitiu os elementos essenciais da adoração;
- Teologia, um sistema de representação graças ao qual nossos ancestrais africanos explicam os fenômenos naturais.

Também aborda a questão da feitiçaria, bruxaria e magia e discute a presença do catolicismo entre os escravos africanos como algo embutido no *Code Noir*, mas nunca realmente imposto (o proselitismo entre os escravizados parece ter estado na base das prioridades do regime escravocrata), embora tecnicamente o catolicismo fosse a única religião permitida na colônia. Ele cita Moreau de St. Mery para ilustrar que a maioria dos negros na colônia da costa do Congo e Angola, retirados de uma área entre o Cabo Lopez e o Cabo Negro. Essas informações são usadas para estabelecer um pano de fundo sobre a cultura popular haitiana do período da escravidão até o século XX, onde as origens africanas específicas do povo haitiano são necessárias para entender, bem como seu impacto na cultura, religião e resistência escravagistas, que não são separáveis da Revolução Haitiana e do curso da história haitiana. Sua defesa do Vodou como religião também é valiosa, uma vez que a legislação, as missões da Igreja Católica e os olhos internacionais até hoje percebem o Vodou apenas como magia negra, bruxaria, zumbis e superstição selvagem.

REFERÊNCIAS:

**FONTES PRIMÁRIAS**

Price-Mars, J [1928] *Ainsi parla l'oncle suivi de Revisiter l'Oncle. Montre'al : Me*  
*moire d'encrier* (2009).

NASCIMENTO, Abdias: *Dramas para negros e prólogo para brancos*. Rio de Janeiro, em (1961), pelo Teatro Experimental do Negro (TEN).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APPIAH, Kwame Anthony. *Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

APARECIDA DE SOUZA GUILHERME, Juliana. Centro Universitário Claretiano. Historiadora, Professora de História na rede pública e Especialista em História e Cultura Afro-brasileira e Africana. (2018).

ASANTE, Molefi Kete. *Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar*. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). *Sankofa 4 Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo: Selo Negro, 2009.

BASTIDE Roger 1996 [1967] *Les Amériques Noires. Les civilisations africaines dans le nouveau monde*. Paris: L'Harmattan: 3e éd.

BARBOSA, Muryatan. *A África por ela mesma: a perspectiva africana na História Geral da África (UNESCO)*. São Paulo: USP/Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2012 [Tese de Doutorado em História].

Béchacq, Dimitri, « La construction d'un vodou haïtien savant. Courants de pensée, réseaux d'acteurs et productions littéraires », dans Jacques Hainard, Philippe Mathez et Olivier Schinz (dir.), *Vodou, Musée d'ethnographie de Genève*, 2008, p. 27-69.

BELLEGARDE-SMITH Patrick et Claudine MICHEL 2006 *Haitian Vodou. Spirit, Myth and Reality*. Bloomington: Indiana University Press.

BENEDICTO, Ricardo Matheus. *As origens africanas da Filosofia*. [S.l.: s.n.], 2010, 12 p. BRESCIA DOS REIS, Raissa: *Reivindicações pela origem: A apropriação do Egito Antigo pelo discurso pan-africano: Cespuc/Belo Horizonte - n. 20 - 2010*.

BULAMAH Rodrigo Charafeddine: *O LAKOU HAITIANO E SUAS PRÁTICAS: ENTRE*

*MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS* (2013)-  
<https://doi.org/10.20396/tematicas.v21i42.11035> /  
Doutorando em antropologia social, PPGAS-Unicamp.

DIOP, Cheikh Anta. *A origem dos antigos egípcios*. IN: MOKHTAR, G. (Org). *História Geral da África: A África antiga*. São Paulo: Ática/ UNESCO, 1983. Cap. I, 39-70.

DOUXAMI, Christine : *Afro-Ásia*:  
<https://www.redalyc.org/pdf/770/77002609.pdf>

CAVALLEIRO, Eliane (org). *Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola*. São Paulo: Summus, 2001.

CASTOR, S. *L'occupation américaine d'Haïti*. CRESFED, 1987.

CHARLES, Wilner: *INCULTURAÇÃO DA FÉ: PERSPECTIVAS HISTÓRICAS, CULTURAIS*

*E RELIGIOSAS DOS AFRO-HAITIANOS/ de Pós-Graduação em Teologia da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul* (2023).

DU BOIS, W.E.B. *The Negro*. University of Pennsylvania Press, 1915. DUNAMA, Behique: "Variações sobre um tema" 15/07/2023.

IPEAFRO. Revista: *Bibliografia do Abdias Nascimento*. Disponível em:  
<https://ipeafro.org.br/personalidades/abdias-nascimento/> Acesso em: 31/08/2024.

FANON, Frantz. *Os Condenados da Terra*. Juiz de Fora: UFJF, 2006.

FIRMIN, Anténor. (1885), *De l'égalité des races humaines*, Lib. Cotillon, Paris.

FLORES, Elio Chaves. 2019: *JOSEPH KI-ZERBO E CLÓVIS MOURA: TRAJETÓRIAS E HISTORIOGRAFIAS ATLÂNTICAS*.

FLORES, Elio Chaves. *A nação amada, a nação fustigada: percursos, racionalidades e variações da história comparada*. In: *Revista de História Comparada*, v.9, n. 2, dez, 2015, p. 82-110.

GELEDÉS. (2019) : *Memória - Entrevista com Clóvis Moura* (1981). Disponível em:  
<https://www.geledes.org.br/nacao-afro-brasileira-entrevista-com-clovis-moura/> Acesso em: 30/08/2024.

HAMPATÉ BÂ, A. *A tradição viva*. In: ZI-ZERBO, Joseph (Coord.). *História Geral da África*, vol. 1. Brasília: UNESCO, 2010. pp. 387-401.

JANVIER, Louis-Joseph (1883), *La République d'Haïti et ses visiteurs (1804-1882)*, Paris, Marpon et Flammarion.

KI-ZERBO, Joseph. *História da África Negra*. 2 Vols. [1972]. Lisboa: Europa-América, 1999.

KI-ZERBO, J. *História da África Negra*. vol. 1. Portugal: Edições Colibri, 1976 Laurière, Christine, Paul Rivet, le savant et le politique, Paris, Publications scientifiques du Muséum national d'histoire naturelle, coll. « Archives », (2008).

MBEMBE, Achille. *As formas africanas de auto-inscrição*. In: *Revista Estudos Afro Asiáticos*, Ano 23, no 1, 2001, p.171-209. Crítica da razão negra. Antígona: Portugal, 2014.

M'BOKOLO, Elikia. África Negra: História e civilizações. Tomo I (Até o século XVIII). Salvador: EDUFBA; São Paulo: Casa das Áfricas, 2009.

MÉTRAUX, A. Croyances et pratiques magiques dans la vallée de Marbial, Haiti. Journal de la Société des Americanistes. Tomo 42, 1953.

MEAD, Margaret, Sex and temperament in three primitive societies, New York, William Morrow and c. 1935 (Trad. Brasil. Rosa R. Krausz. São Paulo, Perspectiva, 2000)

MOURA, Clóvis. Sociologia do Negro Brasileiro. São Paulo: Ática, 1988.

MULLER, Ricardo G. Teatro, política e educação: a experiência histórica do Teatro Experimental do Negro (TEN) - 1945-1968. In: Congresso Luso-Brasileiro Portugal-Brasil: Memórias e Imaginário. Lisboa, 1999.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. Sankofa: educação e identidade afrodescendente. In: Price-Mars, Jean (1953) : La République d'Haïti et la République Dominicaine, 2 vols. Port-au-Prince: Collection du Tri Cinquantenaire de l'Indépendance d'Haïti.

OLIVEIRA, Fábio Nogueira. Clóvis Moura e a sociologia da práxis negra. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Direito da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

REIS, Raissa Brescia dos. África imaginada: história intelectual, pan-africanismo, nação e unidade africana na Présence Africaine (1947-1966). Belo Horizonte: 2018. 515 f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais; École Doctorale de l'Université de Bordeaux-Montaigne.

## FILMOGRAFIA

O Povo Brasileiro - Darcy Ribeiro (Filme Completo). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lDs2f52cbwE> Acessado em 01/09/2024.

Documentário resgata trajetória de Abdias do Nascimento (01/04/2014). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sYLzhTyqt2U> Acessado em 01/09/2024.

EXPOSIÇÃO DRAMAS PARA NEGROS E PRÓLOGO PARA BRANCOS NO INSTITUTO INHOTIM| Arte 1 em Movimento (15/06/2022). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PoEakj0Q2Hg&t=93s> Acessado em 01/09/2024.

Interview historique de Jean Price Mars vs Jean Léopold Dominique (Radio Haïti Inter 1965). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=eewZH0291\\_s](https://www.youtube.com/watch?v=eewZH0291_s) Acessado em 01/09/2024.



Victor Meireles  
A Morte  
Sem data  
Óleo sobre seda

# PARA QUE NINGUÉM A QUISESSE: UMA BREVE ANÁLISE DO DESEJO PATRIARCAL NO CONTO DE MARINA COLASANTI

Laryssa Ferreira da Silva\*

ninguém a desejava mais - nem ele mesmo, já que foi, pouco a pouco, perdendo o interesse por ela, pela mulher que um dia viveu naquele corpo:

Agora podia viver descansado. Ninguém a olhava duas vezes, homem nenhum se interessava por ela. Esquiva como um gato, não mais atravessava praças. E evitava sair. Tão esquiva se fez, que ele foi deixando de ocupar-se dela, permitindo que fluísse em silêncio pelos cômodos, mimetizada com os móveis e as sombras. (Colasanti, 1986)

É um tanto quanto difícil, para não dizer impossível, não se sentir tocada(o) pela leitura do conto “Para que ninguém a quisesse”, de Marina Colasanti. Um miniconto, para ser mais exata. Um escrito pequeno em estrutura, mas gigante em significados, os quais são moldados à medida em que lemos e percebemos o infeliz retrato de uma sociedade machista e patriarcal. Mas antes de tecer comentários sobre o referido texto, vou começar do começo.

*Contos de amor rasgados* é o título da coletânea de contos escrita pela autora ítalo-brasileira Marina Colasanti e publicada pela primeira vez no ano de 1986. São pouco mais de duzentas páginas recheadas com escritos densos, delicados, singulares e, sobretudo, metafóricos, nos quais Colasanti versa sobre o universo das relações amorosas, desmascarando suas diversas faces e evidenciando suas fragilidades, principalmente no que diz respeito às tensões entre os gêneros.

No referido conto citado no início deste escrito, a autora narra, em poucas linhas, situações vividas por uma mulher que está presa num relacionamento abusivo, no qual seu parceiro extremamente ciumento e possessivo destrói gradativamente sua imagem e personalidade. Primeiro, ele começa a mexer no vestuário dela, exigindo-lhe que use vestidos cada vez mais longos, deixe de lado os sapatos de salto alto, abandone o uso de maquiagens e acessórios, não use mais nenhuma peça de seda, e nem mesmo mantenha mais cabelos longos - os quais ele fez questão de cortar com as próprias mãos.

Todas essas atitudes repugnantes foram tomadas por ele com o intuito de impedir que qualquer outro homem olhasse para a sua esposa, considerando que a beleza dela chamava a atenção e atraía muitos olhares. E ele conseguiu o que queria: ninguém mais a olhava,

E sim, refiro-me ao passado, pois, além da destruição física que ele a causou, a pior consequência foi a destruição interior daquela mulher que, acostumada a viver naquela nova imagem desconfigurada, perdeu o interesse em si mesma. Sua vaidade já não existe mais, pois aquela era a sua nova versão e realidade, conforme o seguinte trecho evidencia:

Mas ela tinha desaprendido a gostar dessas coisas, nem pensava mais em lhe agradar. Largou o tecido numa gaveta, esqueceu o batom. E continuou andando pela casa de vestido de chita, enquanto a rosa desbotava sobre a cômoda. (Colasanti, 1986)

O sentimento de posse do personagem masculino em relação à personagem feminina é o reflexo de um sujeito-homem que se vale da violência psicológica para coagir e dominar a sua parceira. Segundo Giordani (2006, p. 73 apud Paulino e Kauss, 2015, p. 3), “O binômio domínio/submissão prevaleceu muito tempo, sendo, o primeiro, prerrogativa do homem e, o segundo, destinado inteiramente à mulher”. Embora o verbo esteja conjugado no passado, sabemos que, infelizmente, essa relação dicotômica ainda resiste na atualidade da mesma maneira, carregando a mesma carga simbólica que tanto subalterniza a mulher e a coloca na condição de ser sempre o Outro, como bem aponta e discute Simone de Beauvoir no primeiro volume de *O segundo sexo*.

Um outro aspecto muito relevante abordado por Colasanti nessa história é a saudade que o homem sente do desejo que ele sentia por sua esposa. Ao notar o estado crítico em que ela se encontrava, tanto na aparência quanto no estado emocional/psicológico, ele percebe que já não sente (assim como mais ninguém, conforme o seu próprio desejo) mais atração por ela. Para tentar

---

\* Graduada em Letras Vernáculas pela UESB. E-mail: contatolaryssaferreira@gmail.com

“reverter” esse quadro, ele passa a presentear-a com cortes de tecido, enfeites para o cabelo e até mesmo um novo batom, na tentativa de fazer renascer (ao menos por fora) a mulher por quem ele se sentia atraído:

Uma fina saudade, porém, começou a alinhavar-se em seus dias. Não saudade da mulher. Mas do desejo inflamado que tivera por ela. Então lhe trouxe um batom. No outro dia um corte de seda. À noite tirou do bolso uma rosa de cetim para enfeitar-lhe o que restava dos cabelos. (Colasanti, 1986)

Tal atitude tomada pelo personagem masculino nessa parte da narrativa vai ao encontro daquilo que Miller (1999 apud Pereira; Camargo e Aoyama, 2018, p. 4) afirma sobre relacionamentos abusivos, os quais transmitem, nada mais nada menos, do que uma necessidade em controlar o outro, de tal modo que o controle só tem fim em si mesmo, ou seja, é um círculo vicioso e totalmente egoísta. O abusador do conto em questão deseja controlar a vida de sua esposa, a fim de que as suas próprias vontades sejam sempre satisfeitas, ora quando ele não quer que nenhum outro homem olhe para ela, ora quando ele quer voltar sentir desejo por ela como antigamente. É sempre sobre e por ele.

À personagem feminina resta, então, a conformidade em viver passivamente, sem perspectiva, sem vaidade, no “modo automático”, esperando, talvez, o próximo comando do controlador de marionete. Claro que isso não ocorre por sua própria vontade, embora esse achismo persista até os dias de hoje. Como bem aponta Chauí (1984 apud Tavares e Nery, 2012, p. 14), as mulheres são “cúmplices” e “contribuem” para a reprodução de sua própria dependência em relação aos homens, porque estão historicamente inseridas na parte inferior das relações de poder, ou seja, é involuntário e até mesmo inconsciente.

Por mais que a leitura do conto seja dura e cause bastante incômodo (e eu acredite que essa era a intenção da autora), compreendo que Colasanti faz uma espécie de denúncia ao retratar um tipo de relacionamento assim. É muito difícil que nenhuma/nenhum de nós não conheça uma história semelhante à da narrativa na vida real. É muito difícil que nenhuma de nós não corra o risco de viver algo parecido, afinal, vivemos sobre as raízes de uma mentalidade patriarcal propositalmente articulada para inferiorizar o gênero feminino em qualquer que seja a instância da vida social.

Falar publicamente sobre as formas de violência e/ou abusos sofridos por mulheres ainda é visto como algo radical e tabu. Denunciar as formas de opressão do patriarcado é visto como rebeldia, subversão, apelação, ou qualquer outro termo que tente minimizar e inferiorizar a luta por igualdade e equidade entre os gêneros. Por isso, não colocar toda essa sujeira debaixo do tapete é tão necessário, seja através da Literatura, como fez Colasanti,

ou de qualquer outra manifestação que permita que o visível seja cada vez mais visto, debatido, analisado, repensado e, principalmente, combatido. Que sejamos, então, cada vez mais rebeldes, subversivos e apelativos, como pede a receita.

## REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: fatos e mitos*. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro. Disponível em: <https://materialfeminista.milharal.org/files/2012/08/O-Segundo-Sexo-vol1-Fatos-e-Mitos-Simone-de-Beauvoir1.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2025

COLASANTI, Marina. Para que ninguém a quisesse. In: *Contos de amor rasgados*. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

PAULINO, Simone Campos; KAUSS, Vera Lúcia Teixeira. Representação da violência de gênero no conto “Para que ninguém a quisesse” de Marina Colasanti. Disponível em: [https://www.academia.edu/33280188/REPRESENTA%C3%87%C3%83O\\_DA\\_VIOL%C3%8ANCIA\\_DE\\_G%C3%8A\\_NERO\\_NO\\_CONTO\\_PARA\\_QUE\\_NINGU%C3%89M\\_A\\_QUISESSE\\_DE\\_MARINA\\_COLASANTI](https://www.academia.edu/33280188/REPRESENTA%C3%87%C3%83O_DA_VIOL%C3%8ANCIA_DE_G%C3%8A_NERO_NO_CONTO_PARA_QUE_NINGU%C3%89M_A_QUISESSE_DE_MARINA_COLASANTI). Acesso em: 26 fev. 2025.

PEREIRA, Daniely Cristina de Souza; CAMARGO, Vanessa Silva; AOYAMA, Patrícia Cristina Novaki. Análise funcional da permanência das mulheres nos relacionamentos abusivos: Um estudo prático. Disponível em: <https://rbtcc.com.br/RBTCC/article/view/1026/588>. Acesso em: 26 fev. 2025.

TAVARES, Ana Carolina Cerveira; NERY, Inez Sampaio. Violência doméstica conjugal contra as mulheres: uma reflexão acerca da dimensão simbólica proposta por Pierre Bourdieu. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/index.php/17redor/17redor/paper/view/125/60>. Acesso em: 26 fev. 2025.



## LOS VIAJES REALES E IMAGINÁRIOS DE COLÓN, SEGÚN GERMÁN ARCINIEGAS, EN EL CAPÍTULO *RELATO DE CRISTÓBAL EL DESVENTURADO*, DE SU “BIOGRAFIA DEL CARIBE.”

Claudia Garcia Rivera\*

servidumbre. Luego regresa a Europa llevando aves, indios, y todo tipo de cosas, con lo cual recibe títulos y glorias.

Al regresar al Nuevo Mundo, ahora con diecisiete naves, y como una figura importante de España, pasa por situaciones que empiezan a alertarlo, como si fueran de mal augurio, al fin y al cabo, casi siempre los marineros son supersticiosos. Al llegar, se encuentra con cadáveres de los colegas que había dejado en tierra, y el recibimiento de los indios es a puras flechas. En su segundo viaje no encuentra oro, sino enfermedades y tensiones entre los nativos y los colonos, y no regresa a España con riquezas, sino con miedo hasta de ser colgado. Pasa por naufragios y ve morir muchas personas, naves destrozadas y una constante desesperación por la supervivencia. Así y todo, él continúa empedernido en encontrar un camino hacia la India.

La figura de Cristóbal Colón y sus hazañas, en esta obra, se nos presenta un tanto diferente de lo que se espera que sea dicho sobre un “gran conquistador”. Leemos sus rasgos de humanidad, sus intentos fallidos, sus logros, sus inseguridades y delirios, es como si el autor viera a través de la experiencia de Colón y se encantara nuevamente por todo lo que brilló a sus ojos, al “descubrir” el nuevo continente. Es un texto muy inspirado, que se acerca a lo poético, como en la parte en que Arciniegas describe con pasión el diario de Colón diciendo que es el primer canto a América, en el cual recoge el acento de voces nunca antes oídas - por europeos - y describe las islas por primera vez, creando así la primera obra de la literatura hispanoamericana.

En la primera parte, el autor describe las carabelas, habla de sus nombres y sus apodos, y casi les das características humanas, dando a entender la relación próxima que tienen los marineros con sus naves. En este momento del texto el tiempo parece que se para, habla de un olor dulce en el aire, y de cómo los marineros huelen la cercanía de la tierra. Y por primera vez, desde La Pinta, se da el grito de “tierra”. Así empiezan las peripecias de Colón, que describe islas de Amazonas, mujeres guerreras, y monstruos de colas grandes y hocicos de perro. Su diario es una mezcla de ficción y realidad fascinante, se encanta con los pájaros, los peces, tantos colores y cosas fantásticas. Al mismo tiempo va indicando su interés por el oro y también reconoce que los habitantes de estas nuevas tierras lo tienen por Dios, por lo que será fácil colocarlos como

En el tercer viaje, aunque los reyes aún lo apoyan, ya no hay tantas personas convencidas por los cuentos de Colón, por lo que se ve obligado a formar su tripulación con criminales. En este momento el almirante ya está más cansado, ya no es la figura profética y encantada por las bellezas, sino un amargado y trágico, sin amigos, y empieza a perder la cordura, refugiándose en un gran fanatismo a Dios, que ni la propia reina Isabel tenía. Es en este viaje cuando Colón pasa de las Antillas y descubre la parte continental de lo que sería después América, que es para él “el paraíso terrenal”. Aquí tuvo sus momentos de dictador e inquisidor, y junto a sus hermanos decidieron ahorcar a todo aquel que no hiciera lo que ellos querían. Lo van a buscar y regresa a España preso al final de este tercer viaje.

En su último viaje, que es un desastre total, Colón escribe cartas con desesperación y las envía a los reyes, a modo de denuncia, de cierta forma, quejándose de no tener bienes, ni dinero, aunque ha dado décadas de su vida para la expansión y riqueza de España, muy poco de todo esto vuelve hacia él. Este hombre ha dado su vida por el reino y lo tratan como un loco, o peor, lo ignoran, lo dejan a su propia suerte. Y así realiza su quinto viaje, como dice Arciniegas, o sea, su muerte, sin glorias ni lujos ni amigos, apenas algunas personas contadas con los dedos de una mano y una discreta sepultura.

En sentido general, el texto está plasmado con un lujo de detalles envidiable, no obstante, aunque sean muchos, no

---

\* Graduanda em Letras - Espanhol pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Tem interesse na interdisciplinaridade entre diversas linguagens e formas de expressão artística. Atualmente, além do seu envolvimento acadêmico com as letras, desenvolve um trabalho criativo e de performance nas áreas da música e outras artes, atuando como compositora, diretora musical, cantora, pianista, flautista, artista visual e ilustradora. Também atua como educadora nas disciplinas de piano, flauta transversal, improvisação, harmonia e afins.



es un texto que pierde el ritmo en divagaciones, más bien mantiene activo el interés de quien lee. En conclusión vemos que, aunque Colón no era un héroe como frecuentemente se enseña en la escuela, fue una figura muy fuerte, capaz de arrastrar a reyes y reinas, a pueblos enteros en su visión y su pasión. Y fue con esta fuerza que encontró lo que otros europeos no habían encontrado, y con ello inició todo un proceso de mudanza radical y mundial, que es esta que vivimos hoy, este mundo, esta tierra que pisamos hoy, esto que somos, una mezcla de europeo con africano con indígena y tantas otras cosas, empezó con el deseo de este hombre empedernido en su causa. Desde un punto de vista poético y filosófico, es realmente alucinante pensar que la realidad que vivimos hoy es así por las acciones de Colón, para bien o para mal, independiente de todo lo que vino después de su “descubrimiento”, es un marco histórico innegable y muy potente. ¿Qué fuerzas internas habrán movido a este ser para realizar tan osadas hazañas? ¿Qué tuvo que pasar para que este genovés se decidiera a salir por ahí a descubrir cosas nuevas?

No puedo dejar de pensar en la frase que repetían con gran orgullo una y otra vez en mi escuela en La Habana, para referirse al momento exacto en el que Colón pisó Cuba: “Esta es la tierra más hermosa que ojos humanos hayan visto”. En mi cabeza, a esta frase se me junta la imagen de Gérard Depardieu llegando a la playa y arrodillándose en la arena, en “La conquista del paraíso”, con la música épica que escribió Vangelis como tema principal de la película. Por el contexto histórico actual y todos los ideales que uno tiene, por todas las cosas que durante décadas he tratado de cambiar, de ser mejor persona, de no dejarme lavar el cerebro, así y todo no puedo dejar de sentir emoción cuando pienso en esta escena, cuando me coloco en este lugar de un ser humano que, apesar de todas sus polémicas y conflictos internos, llegó más lejos de lo que él mismo sería capaz de entender.

ARCINIEGAS, Germán. **Biografía del Caribe**. Bogotá: Ministerio de Cultura: Biblioteca Nacional de Colombia, 2016. 742 p. Disponível em: [https://kimera.com/data/redlocal/ver\\_demos/RLBVF/VERSION/RECURSOS/REFERENCIA%20ESCOLAR/2%20BIBLIOTECA%20BASICA%20COLOMBIANA/biografia\\_del\\_caribe\\_bbcc\\_libro\\_pdf\\_64.pdf](https://kimera.com/data/redlocal/ver_demos/RLBVF/VERSION/RECURSOS/REFERENCIA%20ESCOLAR/2%20BIBLIOTECA%20BASICA%20COLOMBIANA/biografia_del_caribe_bbcc_libro_pdf_64.pdf). Acesso em: 10 maio 2025.

1492: Conquista del Paraíso. Coordenado por: IMDb. Disponível em: <https://www.imdb.com/es/title/tt0103594/>. Acesso em: 10 maio 2025.



# DE LO FICTICIO Y LO REAL EN LAS CIUDADES LATINOAMERICANAS ENTRE LOS SIGLOS XVI Y XVIII: *LAS CIUDADES HIDALGAS DE INDIAS*, DE JOSÉ LUIS ROMERO.

Claudia Garcia Rivera\*

El estilo de vida en las Indias fue definido por Romero como "ficticio", en el capítulo "*Las ciudades hidalgas de Indias*", de su libro "*Latinoamérica: las ciudades y las ideas*". Pero se puede decir también que fue un estilo de vida un tanto forzado, pues en estas ciudades barrocas, los hidalgos se preocupaban por mantener su estatus de privilegios y superioridad y crear, a propósito, un abismo gigante entre ellos: la gente que ostentaba con arrogancia su alto nivel, y los otros, los que no tenían nada a no ser su profunda miseria e inferioridad. Así, en las Indias, las ciudades se constituyeron por una profunda dualidad, y un tercer elemento oculto en el medio que es justamente ese vacío que ocuparía la burguesía, existente en Europa, pero que en las ciudades hidalgas era algo inconcebible.

Quienes formaban parte de la hidalguía de las Indias, no querían a nadie haciéndoles sombra, pues se consideraban parte de la nobleza, aunque en realidad eran hipócritas, pues su principal objetivo era la riqueza, sin importar si era de forma legal o ilegal, y no interesaba tanto el cultivo de los ideales hidalgos, defendidos por los fundadores. "Es tanta su locura que el que en España fue pobre oficial, en pasando del polo ártico al antártico luego le crecen los pensamientos y le parece que merecen por su linaje juntarse con los mejores de la tierra", así dijo "judío portugués" en el testimonio que nos trae Romero, para ejemplificar, desde la voz de alguien que lo vivió, un fenómeno social que aún se siente en el aire. Este

comportamiento pasó de generación en generación, a los criollos nacidos con herencias y linajes de estos hidalgos fundadores, que, principalmente en las ciudades grandes, ostentaban su superioridad, sin competencia.

En este texto, queda en evidencia la formación de las colonias en las Américas, formación que resuena en las clases sociales actuales, y no es tan diferente en la contemporaneidad. Todo lo que trae Romero es tan actual, que casi podemos leerlo como un relato de nuestro presente. Aunque muchas cosas han cambiado en la práctica, aún el pensamiento de la clase alta presenta delirios de grandeza, y aún existe una pobreza tan profunda, que no se ve en Europa. Muchas veces he escuchado la frase "aquí en Europa eres pobre, pero eres un pobre feliz, tienes una vida digna". Supongo que quienes lo dicen, se refieren a que se creó un sistema de clase media, heredera de la burguesía y que perdura por siglos, bebiendo de la explotación de las riquezas de África y América durante siglos. Siendo así no es tan difícil mantener un estilo de vida razonable para casi todos los europeos. Ya esto no lo podemos ver con nitidez en América Latina, donde el pobre lleva una vida de trabajo obligatorio, casi esclavo, para tener lo básico, y que no hay regalías, diversión o algún otro elemento necesario para la salud del alma o la mente. Quien es realmente pobre en Latinoamérica, no la pasa bien. Por otra parte, la mayoría de los europeos tienen acceso a una gran lista de beneficios sociales y económicos, a los que pocas veces les dan valor, cosas que las dan por banales, como dormir una siesta después de almuerzo, o cogerse vacaciones de verano casi obligatoriamente.

Volviendo a las ciudades, Romero, al describirlas, me trajo recuerdos de Cuba, de los restos de la muralla que protegía La Habana de piratas y corsarios, y, por supuesto, el famoso Morro, la Cabaña, el Faro, que forman un complejo ubicado en el lugar más estratégico a la entrada de la bahía, con sus gigantes muros y ventanitas estrechas de piedra, ocupadas por cañones apuntando al mar. En el otro lado de la bahía, el Castillo de la Real fuerza, con su lago de protección rodeándolo, que antes albergaba cocodrilos y hoy es más bien un criadero de mosquitos. Estas construcciones las levantaron de una manera tan sólida, que difícilmente les pasará algo, ni en 500 años más, ni en

---

\* Graduada em Letras - Espanhol pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Tem interesse na interdisciplinaridade entre diversas linguagens e formas de expressão artística. Atualmente, além do seu envolvimento acadêmico com as letras, desenvolve um trabalho criativo e de performance nas áreas da música e outras artes, atuando como compositora, diretora musical, cantora, pianista, flautista, artista visual e ilustradora. Também atua como educadora nas disciplinas de piano, flauta transversal, improvisação, harmonia e afins.

futuros huracanes. Hoy en día son puntos turísticos, y lo es también la costumbre del cañonazo, que perdura hasta los días de hoy, todas las noches a las 9:00 en punto: un pelotón de una decena de jóvenes que cumplen el servicio militar obligatorio, disfrazados con copias de vestimentas de 1700 y algo, se dirigen en marcha solemne hacia uno de los cañones - que ya no tiran bombas - y simulan un cañonazo, en la fortaleza del Morro, al otro lado de la bahía, desde donde se tiene una vista espectacular de La Habana.

En siglos pasados, el cañonazo era el aviso de que se estaban cerrando los portones de la ciudad, como una ciudad-fuerte, y todo el que se quedara afuera, estaría a su propia suerte, expenso al encuentro de maleantes, piratas y corsarios. Así y todo vivían personas a las afueras de la muralla, personas extremadamente pobres, que no tenían miedo a nada porque tampoco tenían nada que perder. En la actualidad, este ritual sirve para saber que ya son las 9 de la noche sin necesidad de un reloj, pues el estruendo se extiende por una gran parte de La Habana. Cuando era niña me imaginaba el fondo de la bahía lleno de balas de cañón, como las que exponen en el museo del Morro - unas bolas negras macizas - y me preguntaba cómo los barcos podían navegar sin abríseles huecos por las bolas acumuladas en el fondo del mar, durante tantos siglos de cañonazos todo santo día. Hasta que alguien me quitó mi fantasía - saber que papá Noel no existe no fue nada, al lado de esto - cuando me dijo que lo que tiraban, en realidad, era un pedazo de trapo.

EL CAÑONAZO DE LAS NUEVE. 2021. Coordinado por: Portal del ciudadano de La Habana. Disponível em: [https://www.lahabana.gob.cu/post\\_detalles/es/10547/el-cañonazo-de-las-nueve](https://www.lahabana.gob.cu/post_detalles/es/10547/el-cañonazo-de-las-nueve). Acesso em: 10 maio 2025.

ROMERO, José Luis. **Latinoamérica**: las ciudades y las ideas. 3. ed. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2011. 416 p. (Historia y cultura). Disponível em: [http://www.iunma.edu.ar/doc/MB/lic\\_historia\\_mat\\_bibliografico/Historia%20Latinoamericana%20II/Unidad%2004/Romero-Jose-Luis-Latinoamerica-Las-Ciudades-y-Las-Ideas-FINAL.pdf](http://www.iunma.edu.ar/doc/MB/lic_historia_mat_bibliografico/Historia%20Latinoamericana%20II/Unidad%2004/Romero-Jose-Luis-Latinoamerica-Las-Ciudades-y-Las-Ideas-FINAL.pdf). Acesso em: 10 maio 2025.



# “LAS ESPINAS EN LOS PLATOS”, DE MERCEDES BISORDI

Clara Elis Requenha\*

Keyla Patrícia Gomes de Carvalho<sup>1</sup>

una voz íntima, reflexiva y afectiva, que convierte lo cotidiano en literatura.

El libro forma parte de la colección *Algo compartido*, publicada por *Vera Cartonera*, el sello editorial cartonero de la Universidad Nacional del Litoral. Esta colección, dirigida por Ivana Tosti, propone renovar el rito de compartir relatos, comidas, historias y recetas desde una mirada literaria. Se trata de libros que combinan lo culinario con lo narrativo, buscando preservar saberes populares, prácticas culturales y modos de vida ligados a la alimentación. Vera Cartonera, por su parte, nace como una editorial alternativa y universitaria, con un fuerte compromiso con el acceso a la lectura, la circulación del pensamiento y la producción artesanal de libros. Cada ejemplar está hecho a mano, lo que transforma a cada libro en un objeto único y afectivo, coherente con el espíritu del texto que contiene.

“¿Te gustaría escribir un libro sobre el pescado? Sí, obvio, me encantaría, respondo sin pensar.”

Con esa propuesta tan simple, Mercedes Bisordi acepta el desafío de escribir *Las espinas en los platos*, un libro de apuntes, impresiones y recuerdos que gira en torno a la cultura de la pesca en la provincia argentina de Santa Fe. Más específicamente, la obra se detiene en las formas, costumbres y rituales cotidianos vinculados al modo en que se prepara, se sirve y se comparte el pescado en esta región ribereña del Litoral argentino.

Mercedes Bisordi nació en 1975 en la ciudad de Santa Fe, capital de la provincia del mismo nombre, ubicada en la región centro-este de Argentina y marcada profundamente por la presencia del río Paraná. Es comunicadora social de formación, gestora cultural y coordinadora de talleres de lectura y escritura, espacios donde promueve el vínculo entre la palabra, la experiencia y la creación. Su primer libro, *El tiempo que llevé a olvidar*, fue publicado en 2019 por la editorial Alto Pogo. En él ya se vislumbra una voz sensible y personal, interesada en la vida cotidiana y en los vínculos afectivos. *Las espinas en los platos*, editada en 2023, es su segunda obra publicada, en la que despliega

*Las espinas en los platos* se presenta como un cuaderno de anotaciones, compuesto por textos breves que van del diario íntimo a la crónica, del relato a la receta, del mensaje de celular a la foto casera. En él, el pescado, y todo lo que lo rodea, actúa como eje que organiza una serie de escenas cotidianas: reuniones familiares, paseos, recuerdos de infancia, celebraciones, diálogos con amigos, silencios, aprendizajes.

El río, el calor, los peces, los que cocinan y los que pescan, los platos servidos, las ausencias y presencias forman parte de un universo afectivo que se construye desde la experiencia personal, pero que a la vez retrata una forma de vida del litoral argentino, donde la cultura del río es inseparable del modo de habitar. Todas las anotaciones del libro son de momentos que involucran el pez como comida, enfatizando las tradiciones y costumbres de los locales de la región litoral, rodeada de ríos importantes

---

\* Acadêmica em Letras – Espanhol na Universidade Federal de Santa Catarina. (UFSC)  
Email: clararequenha@gmail.com

<sup>1</sup> Acadêmica em Letras – Espanhol na Universidade Federal de Santa Catarina. (UFSC)  
Email: keylacarvalho.lettras@gmail.com

que enriquecen la cultura de la pesca y la culinaria santafesina.

Aunque el libro asume la forma de una libreta de apuntes, es en realidad mucho más que eso: es un texto híbrido, íntimo y sensorial, donde la escritura se entrelaza con los recuerdos, las costumbres, la comida y el río. Mercedes Bisordi construye una obra fragmentaria y libre que no sigue una estructura lineal ni temática estricta. En cambio, va registrando escenas de la vida cotidiana que tienen como eje común la presencia del pescado, no solo como alimento, sino como símbolo, como paisaje, como excusa para contar.

A lo largo del libro, la autora narra momentos aparentemente simples: almuerzos familiares, cenas entre amigas, conversaciones telefónicas, paseos por la feria, recuerdos de infancia, búsquedas de recetas, silencios compartidos. En cada uno de ellos, el pescado —el sábalo, el dorado, el surubí— aparece como un hilo conductor que une la memoria con el presente, la tradición con lo íntimo. La cocina, los sabores, los olores, los gestos cotidianos vinculados a preparar y compartir los alimentos se convierten en una forma de narrar la vida.

La escritura se va armando desde el detalle, desde lo sensorial, desde lo afectivo. No hay una narración central, sino una suma de fragmentos que permiten asomarse a una sensibilidad particular, a una forma de habitar el mundo desde la palabra. Así, el libro registra y celebra la cultura del litoral argentino, marcada por la presencia del río Paraná, los vínculos familiares, la transmisión de saberes culinarios, y la relación afectiva con los alimentos.

Cada texto, por más breve que sea, deja entrever un universo amplio: los vínculos familiares, la memoria de los sabores, la herencia cultural y la manera en que esos elementos se transforman en literatura. *Las espinas en los platos* no busca enseñar a cocinar, sino invitar a mirar la vida con una sensibilidad literaria, donde lo más pequeño también puede ser digno de ser contado.

En una lectura pública organizada por Vera Cartonera, la escritora Selva Almada —una de las voces más reconocidas de la narrativa argentina actual— leyó fragmentos de *Las espinas en los platos* y destacó la potencia poética del texto, su capacidad de emocionar sin grandilocuencia, y su forma de recuperar la voz de las mujeres que cocinan, recuerdan y cuentan. Almada —autora de obras como *El viento que arrasa* o *Chicas muertas*— subrayó la importancia de este tipo de libros que dan cuenta de un saber localizado, femenino, oral y cotidiano, que rara vez tiene espacio en el campo literario canónico.

En este sentido, el libro de Bisordi puede vincularse con otros textos que también exploran el cruce entre comida,

memoria y escritura. Se puede pensar, por ejemplo, en *Comer y beber. Ensayos gastronómicos* de Narda Lepes, o incluso en *La cocina de la escritura* de Daniel Cassany, donde se reflexiona sobre cómo el acto de cocinar y el acto de escribir pueden parecerse en sus procesos de creación, intuición y cuidado. También resuena, por su tono fragmentario y poético, con obras como *Microgramas* de Lydia Davis, o incluso con el trabajo de autoras como Hebe Uhart, que supieron convertir lo cotidiano y lo menor en literatura.

Desde un punto de vista genérico, el libro puede inscribirse en el cruce entre la narrativa breve, el ensayo literario y la escritura de no ficción. Bisordi ensaya un modo de contar que desafía los moldes tradicionales y recupera la lógica del recorte, del apunte, del fragmento. Este gesto formal no es solo una elección estética, sino también una forma de posicionarse frente al mundo: el detalle, el susurro, la memoria afectiva tienen tanto valor como las grandes historias.

Otro aspecto interesante es la dimensión colaborativa del texto. A lo largo del libro, aparecen fragmentos de mensajes, anécdotas y recetas contadas por amigas y amigos, como Fede, Gabriela, José, Álvaro, Edu y Gustavo. Estas voces dan cuenta de una escritura que no es solitaria ni autorreferencial, sino tejida entre varios, como un tejido coral. Esa dimensión comunitaria es coherente con el proyecto de Vera Cartonera, y con la idea de que contar la vida es, también, compartirla.

Además, hay algo metaliterario en el modo en que la autora reflexiona sobre su propio proceso de escritura. A veces duda, a veces se distrae, a veces vuelve sobre lo ya dicho. En ese movimiento, la escritura se vuelve parte del relato: un modo de pensar, de ordenar el mundo, de resistir el olvido. El pescado, entonces, no es solo un ingrediente o un plato, sino un símbolo que permite hablar del paso del tiempo, de las ausencias, de los modos de amar, de cuidar, de comer, de vivir.

La obra también invita a reflexionar sobre el rol de la cocina como espacio cultural. En una época donde la gastronomía suele estar mediatizada por la espectacularidad, la competencia o la estandarización, *Las espinas en los platos* reivindica la cocina como lugar de encuentro, de historia, de aprendizaje intergeneracional. Cocinar, aquí, no es un acto técnico, sino profundamente humano, íntimo, lleno de significados.

En definitiva, *Las espinas en los platos* es un libro pequeño en formato, pero enorme en su capacidad de conmover y de abrir sentidos. Con una escritura cercana, amorosa y lúcida, Mercedes Bisordi nos invita a mirar el mundo desde la orilla del río, desde la cocina de casa, desde

la mesa compartida. Un libro que se lee como se come un buen pescado: con atención, con cuidado, con alegría.

BISORDI, Mercedes. *Las espinas en los platos*. Santa Fe: Vera Cartonera, 2023.

CASSANY, Daniel. *La cocina de la escritura*. Barcelona: Anagrama, 1995.

UHART, Hebe. *Relatos reunidos*. Buenos Aires: Adriana Hidalgo Editora, 2011.





# O GÓTICO ANDINO NO CONTO LAS VOLADORAS DE MONICA OJEDA

Rafaella Monticelli\*

diante da morte [...] e dos atos de violência que aumentaram nesses últimos tempos. Isso, por sua vez, envolve o mundo mítico e seu pensamento, fatores essenciais nas suas narrativas [...]. (Rodrigo-Mendizábal, p. 58, tradução nossa).<sup>1</sup>

Monica Ojeda nasceu numa cidade do Equador, em meados de 1988. A autora possui diversos romances, poemas e contos publicados que resultaram em indicações e prêmios ao longo dos anos. Monica, inclusive, é considerada uma das melhores escritoras hispânicas pelo Hay Festival, em 2017, e também pela revista *Granta*, em 2021. No Brasil, foram publicados os romances *Mandíbula* (2022) e *História do leite* (2022), juntamente com seu livro de contos *Voladoras* (2023). Ela se tornou conhecida, principalmente, por trazer o gótico andino em suas obras. Portanto, o que seria o gótico andino?

O gótico na literatura como um todo, evoca o medo, o horror, o macabro e também o sinistro, buscando um lado mais emocional do que racional. O gótico é o sintoma da modernidade. Na América Latina, Rodrigo-Mendizábal (2022) afirma que o indivíduo latino, e todas as outras identidades relacionadas - amazônicas, afrodescendentes, montubios e outros - frente ao extraordinário da natureza, do fantástico, encontram em algum momento transcendente da vida o insólito, o estranho, o obscuro e assim o reconheceria. Além disso, o autor cita que o gótico latino-americano retrata o essencial de seu contexto: a paisagem e a atmosfera em que se encontra, bem como suas questões psicológicas.

As histórias, ao apresentar os medos e angústias, demonstram o que a sociedade sentia diante da modernidade de então, e agora, mostra o que sente

Dessa forma, o gótico andino evidencia o mágico-real, o horror social e o mítico transcultural. Segundo Monica Ojeda, autora de *Voladoras*, essa literatura do gótico andino traz a violência, temores e medos particularmente territorial, - Equador, Cordilheira dos Andes - abordando toda sua história e contexto. Nesse sentido, cabe aqui apresentar o conto de mesmo nome que o próprio livro: *Las Voladoras*.

Na narrativa, acompanhamos a protagonista, uma quase-adolescente, posicionando-se em defesa da própria voz; ela não teme e nem se envergonha, muito menos irá baixar a voz. Ela vive em uma situação familiar precária e, mesmo assim, não se deixa dominar pelo poder restritivo dos outros. Indaga, então:

São os outros que acham que eu tenho de baixar minha voz, diminuí-la, transformá-la numa toupeira que desce, que avança para baixo quando o que eu quero é subir, sabe?, como uma nuvem. Ou um balão. Ou as voladoras. (Ojeda, 2023, p. 12)

Mas, afinal de contas, o que é uma *voladora*? Elas são mulheres-pássaro, de um olho apenas, que transitam entre o mundo humano e o místico, estabelecendo diálogos entre eles. No conto, a protagonista está num lugar de

\* Estudante de Letras - Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Bolsista PET-Letras. Contato: monticellidosrafa@gmail.com

<sup>1</sup> No original: Los relatos, al denotar miedos y ansiedades, muestran lo que la sociedad sentía frente a la modernidad en su momento, y ahora, lo que siente frente a la muerte, a otredades emergentes y a hechos de violencia agravados en los últimos años; a su vez, involucran al mundo mítico y su pensamiento, los cuales factores sustanciales de sus narrativas.

convergência com a realidade que vive com seus pais e com o universo misterioso, dos sonhos, nas montanhas andinas, onde as voladoras vivem. A garota se vê naquele ser mágico, na liberdade, na conexão com a terra e os animais; no próprio choro da *voladora*, aquela que alimenta as abelhas, acalma certos animais e perturba outros. A relação garota-voladora se trata de solidariedade e cuidado mútuo.

Segundo o texto em conjunto de González, Rossel e Ulloa (2024), a *voladora* traz à tona as paixões escondidas da protagonista, cumprindo a função de aumentar o efeito de poder da garota, se desdobrando até mesmo no erotismo da sua adolescência a sua fase adulta. Esse momento de transformação, de certa forma afetiva e sobrenatural, mostra a verdade da protagonista em ser ela mesma.

O que se faz quando uma família sente coisas tão diferentes e tão parecidas ao mesmo tempo? Rezo lá em cima e o olho da bruxa se retorce. As abelhas sobem. Você sabe o que o zumbido das colmeias faz com seu sangue? As lágrimas molham meu corpo à noite. Ainda durmo com a voladora e, às vezes, papai olha feito um cavalo em delírio para a linha irregular da cerca que separa nossa casa do promontório. Não tenho vergonha do tamanho de meus quadris. Não baixo a voz. Não tenho medo da pelagem. Subo ao telhado com as axilas úmidas e abro os braços ao vento. O mistério é uma prece que se impõe. (Ojeda, 2023, p. 14-15)

Logo, é evidente que o foco da autora é retratar a situação de como as mulheres são vistas e representadas em sociedade. O livro em si, principalmente o conto, aborda uma beleza feminina diferente do que é considerado cânone. Para Bukhalovskaya (2022), a *voladora*, e também a menina, rompem com a visão tradicional de feminilidade, sendo caracterizadas como animais, peludas, sem serem dóceis e submissas aos outros, principalmente aos homens, de forma que transcendem com sua linguagem corporal, sensualidade e de natureza selvagem.

Ao contrário da menina, seus pais rejeitam fortemente a presença da *voladora* em casa - ela traz um “mau-agouro”, o medo e os zumbidos da floresta - ao mesmo tempo que são atraídos pelo corpo dela, embora não admitam esse desejo por vergonha por acharem ultrapassariam os limites morais e socioculturais remetentes às funções de pai e mãe.

Além disso, a *voladora* também faz parte da mudança da protagonista, em que ela se torna adulta, seus seios crescem, seu corpo envelhece, ela sangra e abandona sua infância. Nas palavras de Ojeda, isso traria o “futuro” (p. 14), justamente por conta do corpo da garota ‘expandir’. Naquele momento, o comportamento da família volta a mudar: a adolescente que vira adulta implica excita seu pai, ao ponto que a mãe da garota desiste de sua sexualidade para dar espaço ao desejo do marido pela sua própria filha.

Por fim, o conto de Ojeda deixa seus leitores com dúvidas, incertezas, inquietos com a possibilidade de mais de uma leitura possível. Dessa forma, a criatura andina se torna um símbolo de uma violência real, demonstrando um pai possuído por um desejo sexual perturbador, abusando sua filha, cuja mãe tem medo e vergonha das ações de seu esposo.

Portanto, para Bukhalovskaya (2022), “é nas áreas obscuras da realidade que o monstro gótico e fantástico reside [...]”<sup>2</sup> O desconhecido representa a ordem incompreensível trazida pela *voladora* — uma força selvagem, irracional e incontrolável — que invade o lar, assusta e atrai irresistivelmente os adultos. A menina, porém, a acolhe em sua cama, entre os quadris que se alargam com sua chegada. Assim, essa nova ordem transforma e rompe com a inocência tradicionalmente atribuída à infância.

Dessa forma, *Las voladoras* não apenas incorpora elementos do gótico andino, como também se abre à interpretação pelo viés do gênero fantástico, ao permitir tanto uma leitura de cunho sobrenatural — adotada nesta análise — quanto outra de natureza realista, mas igualmente inquietante e perturbadora.

---

<sup>2</sup> No original: En conclusión, en las zonas tenebrosas de la realidad es donde reside el monstruo gótico y el entramado fantástico [...]

GONZÁLEZ, Carolina N; ROSSEL, Gabriel S; ULLOA, Fábian L. *Contra el excepcionalismo antropocéntrico: subjetividades posthumanas en Las Voladoras de Monica Ojeda*. ALEA - Rio de Janeiro; v. 26, n. 1 - jan.-abr. 2024.

RODRIGO-MENDIZÁBAL, Iván Fernando. *Gótico andino o neogótico ecuatoriano sobre el horror metafísico*. Universidad Andina Simón Bolívar, 2022.

BUKHALOVSKAYA, Sara B. Alena. *La bruja andina como motor de la sexualidad y feminidad en el cuento <Las Voladoras> (2020) de Monica Ojeda*. Universidad Complutense de Madrid, 2022.



# EN LOS BORDES DEL SILENCIO: GESTOS MÍNIMOS Y POLÍTICA ÍNTIMA EN LA SOLIDARIDAD DE *LOS EXTRAÑOS*, DE SUSANA IBÁÑEZ

Fernanda Borda Barboza\*

Anieli Cires<sup>1</sup>

“Ningún sujeto se plantea, súbita y espontáneamente, como lo inesencial; no es lo Otro lo que, al definirse como Otro, define lo Uno, sino que es planteado como Otro por lo Uno, al plantearse este como Uno. Más, para que no se produzca el retorno de lo Otro a lo Uno, es preciso que lo Otro se someta a este punto de vista extraño. ¿De dónde le viene a la mujer esta sumisión?” (*El segundo sexo*, Simone de Beauvoir, 1972, p.5)

Hay libros que no se apresuran a contar una historia, sino que la dejan entrever en los bordes: en lo que no se dice, en lo que apenas se insinúa. Libros que se construyen más desde el gesto que desde la acción, y que encuentran en lo mínimo — una rutina, un silencio, la espera — una forma de interpelar al lector. En esa línea se inscribe *La solidaridad de los extraños*, libro de cuentos de la escritora argentina Susana Ibáñez, publicado en 2024 como parte de la colección Almanaque de la editorial independiente Vera Cartonera, vinculada a la Universidad Nacional del Litoral (FHUC), en Argentina.

La fuerza simbólica de la escritura de Ibáñez se apoya en una trayectoria consolidada y reconocida. La autora ha publicado diversas narrativas breves y novelas, recibiendo múltiples reconocimientos literarios. Así, se la puede incluir como parte de lo que algunos etiquetan el “nuevo boom” de la literatura latinoamericana, movimiento fuertemente marcado por la presencia de mujeres cuyas obras están siendo vorazmente leídas, además de celebradas a nivel mundial. Sin embargo, este renovado interés no debería hacer olvidar que la narrativa

femenina latinoamericana no es un fenómeno reciente, pese a la exclusión histórica por parte de un canon deliberadamente masculino. Lo que hoy emerge — más allá de cierta sintonía en torno a luchas compartidas— es una constelación de escritoras que expanden los límites de lo decible y lo representable en la literatura contemporánea. En ese universo se inscribe la prosa de Susana Ibáñez, una escritura que da lugar a subjetividades complejas y vivencias femeninas marcadas por formas de resistencia diaria. Es decir, una literatura atenta a lo íntimo, lo corporal y a las dimensiones políticas de la experiencia.

En *La solidaridad de los extraños* emana una intención política que atraviesa la expresión estética. La obra reúne tres narrativas originales que, aunque independientes en su estructura, tejen un hilo temático común: la representación femenina, la soledad contemporánea y la fragilidad de las relaciones humanas. A través de una prosa cargada de simbolismos, metáforas e ironías, Ibáñez nos confronta con personajes comunes, enfrentando situaciones complejas que resuenan con el mundo actual, pero que rara vez se nombran. Son escenas íntimas que exponen la soledad de figuras que parecen perdidas en un entorno emocionalmente distante. A partir de una lectura crítica, las narrativas abordan la experiencia del aislamiento, el desencanto y las fisuras en los vínculos humanos.

Los personajes de Ibáñez, muchas veces sin nombre — quizás deliberadamente despersonalizados — podrían ser nuestras madres, vecinas, o incluso nosotras mismas. Su escritura desvela representaciones familiares que nos invitan al reconocimiento, atravesadas por una dosis de inquietud. En cada relato, los gestos más comunes adquieren una densidad que desestabiliza las certezas, generando una incomodidad que se instala sin estridencias. En lo más trivial — una frase interrumpida, un gesto repetido — surgen pistas de algo que no se dice, pero que está ahí. En lugar de explicar o resolver, los cuentos proponen espacios vacíos que invitan a la reflexión y a relecturas desde nuevas perspectivas. No son historias cerradas, sino fragmentos de momentos cargados

\* Bacharel em Turismo pelo Instituto Superior e Centro Educacional Luterano BOM JESUS/IELUSC (2010). Atualmente é graduanda em Letras Espanhol - Licenciatura na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Bolsista de Iniciação Científica PIBIC/CNPq no projeto: "Educação linguística crítica em tempos reacionários: investigando as políticas de ensino de línguas brasileiras e seus impactos locais".

<sup>1</sup> Licencianda em Letras Espanhol pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Atualmente, bolsista de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq) no projeto de pesquisa "Performance Literária e Incentivo à Leitura", sob orientação da profa. dra. Eleonora Frenkel Barreto. Atuou como membro do grupo de professores de língua espanhola dos Cursos Extracurriculares de idiomas da UFSC 2023.2.

de tensión, sostenidos por un lenguaje que sabe sugerir sin subrayar.

A lo largo del libro, se traza una progresión narrativa marcada por el desplazamiento tanto en la voz narradora como en su focalización. El primer cuento, titulado “Los indiscutidos beneficios del deporte”, introduce el clima sutilmente inquietante que permea todo el libro. Narrado en tercera persona con un enfoque centrado en la protagonista, este cuento presenta el retrato desgarrador de una adolescente que habita un mundo marcado por el peso del control y la exigencia implacable. Su cotidiano está teñido por la inseguridad, el deseo de pertenecer y la frustración que crece por cada gesto no reconocido, con cada expectativa no cumplida. Lo que desde fuera podría parecer algo positivo – el deporte – se revela como un espacio de angustia. No existe liberación en los movimientos del cuerpo, sino tensión. No se experimenta el placer, sino el peso constante de tener que agradar, de encajarse, de moldearse para volverse deseable ante una mirada que nunca la ve del todo.

Los padres están, pero su presencia no cuida, más bien vigila, impone y critica. Esa opresión, sin embargo, no se distribuye de manera razonable: mientras el hermano transita la misma casa con una libertad menos condicionada, sobre ella recae el peso de expectativas marcadas por el género. Una soledad densa traspasa el relato, junto a una falta de ternura que se insinúa en los gestos más tenues. La familia le enseña que debe adaptarse, aunque eso implique dañarse. Por parte de la chica, no hay rebeldía. Lo más cercano a eso es una pequeña mentira para escaparse un rato de casa, un intento tímido de respirar un poco de libertad. Frente a su realidad, permanece sumisa bajo la vigilancia de sus padres. Es en la fuerza de su silencio que se siente todo su ahogo. Y tal vez, justamente por eso, su voz callada nos queda resonando después del punto final.

El tono reflexivo de los cuentos exige una lectura entrelíneas. En “Peligros de nadar de noche”, la advertencia, dicha casi al pasar: “hay varias razones por las que no se recomienda meterse al mar de noche”, funciona como clave de lectura. Lo que está en juego es el riesgo de adentrarse en zonas que uno no logra habitar sin miedo. Esa es la metáfora que sostiene el cuento, que plantea una relación marcada por la oposición y que, ya al principio, escenifica un cliché: él, un hombre mayor, entregado a la inercia; ella, una mujer más joven, rebosante de vida. Pero en la prosa de Ibáñez, es en lo simple donde está la complejidad.

La voz narrativa externa nos presenta un retrato de ella entrelazado por sospechas, juicios y temores de él. Todo lo que sabemos de ella pasa por su filtro y no son más que ecos distorsionados de los discursos ajenos. Ella no se explica. Pero tampoco desaparece. Está ahí, brillando en la oscuridad, como los “bichitos de luz” que atraviesan la escena. Ibáñez trabaja con cuidado los desplazamientos de poder entre quien narra y quien es narrado. Así, lo que parece una crítica al oportunismo femenino puede leerse como un retrato del temor masculino: al abandono, al cuerpo que envejece, a la pérdida del control, a la vida que

ya no ofrece promesas. Como en otros relatos del libro, los vínculos aquí no se quiebran, se desgastan. No se presenta una escena de ruptura, solo la presencia densa de una soledad que se arrastra, silenciosa, entre los cuerpos.

Finalmente, “La solidaridad de los extraños”, el tercero y último cuento, vuelve a enfocarse en un punto de vista femenino, pero rompe con la lógica al adoptar una voz en primera persona, lo que confiere un tono aún más confesional. En esta historia, el espacio cotidiano de una farmacia, ubicada en un barrio, quizá un pueblo perdido en el tiempo, se convierte en un escenario de observaciones que revela mucho más de lo que se muestra a simple vista. Algo del mundo que la circunda nos llega por la mirada de la protagonista-narradora, o por las espaldas furtivas de otros por sobre el tapial de la vecina. La perspectiva de la trama se basa en los comentarios de terceros y los rumores que circulan por el lugar. Es a través de los ecos del chisme de existencias que apenas se rozan, que se va tejiendo una red atravesada por la distancia afectiva, los falsos juicios y la indiferencia latente.

A diferencia de los cuentos anteriores, donde los personajes carecían de nombres propios, en este aparecen algunos nombres puntuales, mientras que otros personajes son identificados apenas por apodos que aportan elementos adicionales que contribuyen a la construcción simbólica de la narrativa. En ese contexto, emerge una figura que rompe con la lógica común: una señora conocida por creer en una cierta magia de los pájaros, que vive con su mirada hacia el cielo y una sonrisa demasiado larga. Lo que para los demás suena como locura, se presenta como una posibilidad alternativa de supervivencia delante de la aspereza del mundo. De esta manera se esboza una crítica sutil, pero certera: la dificultad de reconocer humanidad en lo que se nos escapa y la facilidad con que se margina a quienes no encajan. Además de eso, se plantea una reflexión sobre el pesimismo existencial y el sufrimiento inherente a la experiencia humana. Frente a esa dureza, lo mágico aparece como una vía de fuga. Así, lo que parece intangible se convierte en una forma de volar más allá de las limitaciones impuestas por la sociedad.

*La solidaridad de los extraños* se revela una obra que exige múltiples lecturas para desenredar las diversas capas que la atraviesa. Desde una escritura tácita y precisa, Susana Ibáñez parte de lo ordinario para plantearnos una reflexión sensible y ética sobre el mundo. Se trata de una obra significativa que está indicada para personas interesadas en aproximarse a la literatura femenina, a partir de narrativas que desafían estructuras sociales y culturales, y ponen en relieve las relaciones humanas. ¿Qué significa “la solidaridad” cuando el íntimo está ahogado por incompreensión? ¿Quiénes son los “los extraños” cuando la distancia es un lugar común? ¿Todavía le persigue a la mujer la sumisión?

En definitiva, se trata de una obra que no solo propone un ejercicio de lectura, sino también una invitación a una mirada crítica a la nuestra propia existencia. El libro puede descargarse gratuitamente desde el sitio web de la editorial Vera Cartonera que, con su

proyecto artesanal y político, también forma parte de esta propuesta de lectura que toma la literatura como una forma de resistencia.

Beauvoir, Simone de (1949). *El segundo sexo*. Buenos Aires: Siglo Veinte.

Ibáñez, Susana (2024). *La solidaridad de los extraños*. Fe : Universidad Nacional del Litoral, 2024. (Libro digital) Disponible en [https://bibliotecavirtual.unl.edu.ar:8443/bitstream/handle/11185/7728/VERA\\_almanaque\\_ibanez\\_a.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://bibliotecavirtual.unl.edu.ar:8443/bitstream/handle/11185/7728/VERA_almanaque_ibanez_a.pdf?sequence=1&isAllowed=y) Acceso en 10 abr 2025.

Scherer, Fabiana (2021). "El nuevo boom latinoamericano: las escritoras marcan el rumbo". *La Nación*, v. 12, n. 06, p.1-11. Disponible en <https://mertinwitt-litag.de/wp-content/uploads/2021/07/Press-12-06-2021-LaNacion-SPA.pdf>. Acceso en 10 abr 2025.

VERA CARTONERA. ¿Quiénes somos? Disponible en: <https://www.fhuc.unl.edu.ar/veracartonera/quienes-somos/>. Acceso en: 10 abr. 2025.





**KOYO, O SAPO CURURU**  
TRADUÇÃO CLARENS CHERY

KriK?

KraK!

Naquela época, os sapos e as rãs tinham cabelos, viviam em rios e nascentes junto com os peixes. Todos os animais estavam felizes, exceto Koyo, o sapo cururu, o infeliz apaixonado. À noite costumava ficar sozinho sentado na beira do rio observando a lua e rouquejando pelas belas rãs.

Koyo tem um chamado tão alto que não deixava a coruja zozna, até pode machucar os ouvidos dos vagalumes se aproximar demais.

Basta expelir o ar dos pulmões por contrações musculares na área do tronco que entra na boca pela laringe. A produção de som envolve os músculos do dispositivo laríngeo e os sacos vocais que transmitem o som.

— - Krouuuuu Kouuu Kouuuu Kouuuuu Krouuuuu! Que sapo infeliz sou eu! — Rouquejava e se olhava na água.

Era o início do verão, o sol caribenho era tão forte que até a raposa saiu da sua toca para se refrescar.

Koyo ficou mais incomodado ao ver os animais se reunindo na beira do rio em família. A ratazana tem uma família grande para saciar a sede, sem contar do banho matinal das pombas e das piriquitas. Tudo irritava Koyo.

Então ele decidiu bolar um plano para expulsar todos os animais do rio. Esperou Simbi Mami Wata dormir, para ele roubar o seu pente encantado para fazer um pedido. Pulou dentro da água e nadou até o profundo. Pegou o pente da Simbi e subiu depressa para não despertar ela.

— Pente encantado, desejo ter a chave da água — Disse ele em cururuquês.

De repente o pente se transformou numa chave de ouro. Em duas voltas vigorosas da chave, bloqueou o abastecimento de água e a fonte secou.

Ao anoitecer o tatu do mato foi beber água, mas para sua surpresa o rio estava seco.

Rodou para lá, rodou para cá, nadinha de água.

— Quem está aí? — Perguntou Koyo.

— Sou eu o tatu do bosque e quero tomar um pouco de água.

— -Um buraco abriu no chão e engoliu toda a água, meu caro — lhe respondeu o sapo.

— Kokiyoukou! — Todos ouviram cantar o galo sem saber onde foi.

— Quem está aí? — Perguntou o Sapo.

— Sou eu o galo [Coq Batay] quem pede um pouco de água.

— Meu caro [Coq Batay], não tenho boas novas pra te contar! Chegou o verão e secou o rio. — Disse o Sapo.

— Kokiyoukou! Kokiyoukou! Kokiyoukou! — Cantou [Coq Batay] com tristeza ao sair cabisbaixo.

— Crruu! Crruu! — Chegou a Madame Pomba com dificuldade em avançar porque seu marido está girando em torno dela.

— Quem está aí? — Perguntou o sapo.

— É a Madame Pomba quem pede um pouco de água.

— Sra. Pomba, tu que és da paz. Afasta essa gente de mim. Agora é o tempo de rouquejar. Disse para eles que o rio secou, a água transbordou para debaixo do solo. Devemos esperar a primavera ou podem se mudar para outra região de Artibonite. Tem bastante lugar para viver na cidade de independência.

Madame Pomba arrulhou tristemente, virou-se cabisbaixa, bateu as asas e se foi.

Ouviu-se um canto saindo debaixo da terra, era Mami Wata que estava dormindo e quando acordou correu para tomar seu primeiro banho de verão. Todos os animais ficaram assustados ao vê-la. Tinha uma pilha de conchas redondas entre a grama seca onde assentava Koyo.

— Eu não sou uma sereia em Paris. Aquela criatura que se apaixona por um cantor que tinha o coração endurecido. Também não sou Ariel, a sereia da Disney. Sou a Simbi Mami Wata, a entidade espiritual, a caída. Pelos meus devotos, manifesto a força mística entre os dois mundos: do Espírito e do Homem. Me chamam também de “mãe das águas”, sou uma deidade milenar, muitas vezes vista como uma sereia, também em diversas culturas do continente africano. Quem se atreveu a roubar o meu pente? — Disse a criatura.

— Foi o sapo quem roubou o seu pente para ofertar à sua rã — respondem os animais juntos.

Simbi ordenou que o sapo devolvesse a chave às águas. Ela girou a chave com tanta força que a água se espalhou novamente pelos juncos de [Ti Rivyè Latibonit]. As cigarras voltaram a cantar, os animais beberam até se fartar. Simbi perdoou o sapo, mas com uma condição: que ele nunca mais nadasse em águas profundas.

Desde aquele dia não há mais sapos e rãs nadando com os peixes nos rios. As patas curtas impedem saltos a grandes distâncias e ficaram carecas até hoje. Eu vi uma rã no jantar da vizinha francesa, aproveitei para perguntar onde estão seus cabelos. Ela pulou no meu peito e cai aqui para te contar esse conto.

**COMENDO JUNTOS**  
TRADUÇÃO MARINA KREBS VANAZZI <sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Licenciada em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atualmente é mestranda em Literatura e graduanda em Letras Bacharelado Português-Inglês pela UFRGS. Pesquisa Literatura Inglesa,

Literatura Queer, Cinema, Intermidialidade, Coreia do Sul e está se aventurando no meio da tradução.

## COMENDO JUNTOS

Por Li-Young Lee

Na panela está a  
truta  
temperada com lascas de gengibre,  
dois ramos de cebolinha, e óleo de  
gergelim. Iremos comê-la com arroz no  
almoço, irmãos, irmã, minha mãe que  
vai  
provar a carne mais doce da cabeça,  
segurando-a entre seus dedos  
com destreza, como meu pai fez  
semanas atrás. Então ele se deitou  
para dormir como uma estrada coberta de  
neve serpenteando por pinheiros mais  
velhos que ele, vazia de viajantes, e solitária  
para ninguém.

## EATING TOGETHER

by Li-Young Lee

In the steamer is the trout  
seasoned with slivers of ginger,  
two sprigs of green onion, and sesame oil.  
We shall eat it with rice for lunch,  
brothers, sister, my mother who will  
taste the sweetest meat of the head,  
holding it between her fingers  
deftly, the way my father did  
weeks ago. Then he lay down  
to sleep like a snow-covered road  
winding through pines older than him,  
without any travelers, and lonely for no one.

LEE, Li-Young. Eating Together. In: *Rose* (BOA Editions Ltd., 1986). Available at:  
<<https://www.poetryfoundation.org/poems/43015/eating-together-56d221af2bf26>>



Imagem fornecida pela autora.





# “A CANÇÃO DE AMOR DE J. ALFRED PRUFROCK”, DE T.S ELIOT

TRADUÇÃO BRAYAN AGNUS C. <sup>1</sup>

Vamos então, tu e eu,  
Quando a tarde se arrasta diante do céu  
Como um paciente anestesiado sobre a mesa;  
Vamos, por ruas meio desertas,  
Os retiros inquietos  
De noites mal dormidas, em hotéis baratos  
E restaurantes de estrada com ostras nos pratos  
Ruas que vão como uma tediosa discussão  
De insidiosa intenção  
Que te levam a uma difícil questão  
Ah, não pergunte, "Qual seria?"  
Vamos e façamos nossa visita.

No salão as mulheres vêm e vão,  
Falando de Michelangelo.

A neblina amarela que esfrega as costas nas vidraças.  
A fumaça amarela que esfrega a boca nas vidraças,  
Passou a língua dentro das beiradas da noite,  
Demorou-se nas poças que ficam na sarjeta,  
Deixou cair em suas costas a fuligem que cai das  
chaminés,  
Escorregou pelo terraço, deu um breve salto,  
E ao ver que era aquela uma serena noite de Outubro,  
Deu uma volta pela casa, e caiu no sono.

E realmente haverá tempo  
Para que a fumaça amarela que desliza ao longo da  
estrada,  
Esfregando suas costas nas vidraças;  
Haverá tempo, haverá tempo  
Para compor um rosto para olhar os rostos que tu  
olhares;  
Haverá tempo para assassinar e criar,  
E tempo para todos os trabalhos e os dias, de mãos  
Que sobem e deixam cair uma questão sobre o teu prato;  
Tempo para ti e tempo para mim,  
E tempo ainda para centenas de indecisões,  
E para uma centena de visões e revisões,  
Antes de tomar o chá com a torrada.

No salão as mulheres vêm e vão,  
Falando de Michelangelo.

E realmente haverá tempo  
De imaginar, "me atrevo?", e, "me atrevo?"

Hora de virar as costas e descer a escada,  
Com um ponto vazio no meio do meu cabelo —  
(Dirão: "Como seu cabelo está afinando!")  
Meu fraque, meu colarinho subido hirto ao queixo  
Minha gravata distinta e modesta, mas ordenada por um  
mero alfinete —  
(Dirão: Mas como seus braços e pernas estão finos!)  
Atrevo-me  
A perturbar o universo?  
Em um minuto há tempo  
Para decisões e revisões que um minuto há de revogar.

Pois eu já conheço todas elas, conheço todas:  
Conheço as noites, manhãs, tardes,  
Medi minha vida em colheres de café;  
Conheço as vozes que morrem com uma queda fatal  
Sob a música de um quarto tão distante  
Então como me atreveria?

E já conheci os olhares, conheci-os todos—  
Os olhares que te reduzem a uma frase formulada,  
E quando tornar-me só uma fórmula, esticado em um  
alfinete,  
Quando eu estiver preso e contorcido em uma parede,  
Então como eu devo começar  
A cuspir as pontas de cigarro dos meus dias e maneiras?  
E como me atreveria?

E já conheci os braços, conheci-os todos—  
Braços com braceletes e brancos e nus  
(Mas à luz da lamparina, mesclados com cabelo castanho  
claro!)  
É o perfume de um vestido  
Que me deixa tão distraído?  
Braços que repousam sobre uma mesa, ou envoltos em  
um xale.  
E ainda assim me atreveria?  
E como o iniciaria?

Devo dizer, passei enquanto anoitecia por estreitas  
estradas  
E assisti ao fumo que sobe dos cachimbos  
De homens solitários em camisetas, à janela  
debruçados?...

Eu deveria ter sido um par de ásperas garras  
Rasgando o fundo do mar mudo.

E pela tarde, o entardecer, dorme tão em paz!  
Afagado por dedos longos,  
Dorme... exausto... ou finge,  
Esticado no chão, aqui do lado teu e meu.  
Teria eu, depois do chá e bolos e gelados,  
a força para induzir todo o momento à sua crise?

<sup>1</sup> Graduando em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Interessado em teoria literária, tradução e linguagem.



Mas embora eu tenha chorado e jejuado, chorado e rezado,  
Embora eu tenha visto minha cabeça (já um tanto calva) trazida em um prato,  
Eu não sou nenhum profeta — e isso pouco importa;  
Eu vi tremer o momento da minha grandeza,  
E eu vi o eterno Criado segurar meu fraque, e rir  
E basta dizer, tive medo.

E teria valido a pena, afinal,  
Depois das xícaras, da marmelada, do chá,  
Entre a porcelana, entre alguma conversa de nós dois.  
Teria valido a pena,  
Ter mordido o assunto com um sorriso,  
Ter espremido o universo em uma bola  
Para rolá-la rumo a alguma incômoda dúvida,  
Para dizer: "Sou Lázaro, vindo dos mortos,  
Volto para vos contar tudo, contá-los-ei tudo"—  
Se alguém, ajeitando a cabeça dela num travesseiro,  
Disse: "Isso não é o que eu quis dizer, mesmo  
Não é nada disso, mesmo."

E teria valido a pena, afinal,  
Teria tudo valido a pena,  
Depois dos poentes e dos pátios e das estradas chuviscadas,  
Depois dos romances, das xícaras de chá, depois das saias que se arrastam pelo chão—  
É isso, e tanto mais?—  
É impossível dizer mesmo o que quero dizer!  
Mas se uma lanterna mágica jogasse os nervos em imagens numa tela:  
Teria valido a pena  
Se alguém, ajeitando um travesseiro ou despiando um xale,  
E virando-se para a janela, dissesse:  
"Não é isso mesmo,  
Não é isso o que eu quis dizer, mesmo."

Não! Não sou o Príncipe Hamlet, nem nasci para ser;  
Sou o assistente do senhor, um que servirá  
Para causar algum progresso, fazer uma ou outra cena,  
Aconselhar o príncipe; um instrumento simples, sem dúvida,  
Reverente, contente por ser útil,  
Político, cauteloso, e meticuloso;  
Cheio de vaidade, mas um pouco obtuso;  
Às vezes, é verdade, quase ridículo—  
Quase, às vezes, o Bobo.

Eu envelheço... Eu envelheço...  
Hei de andar com a barra das minhas calças dobradas.

Devo pentear meu cabelo para trás? Atrevo-me a comer um pêssego?  
Hei de vestir calças de flanela brancas, e andarei pela praia.  
Ouvi as sereias cantando, umas às outras.

Não acho que cantarão para mim.

Tenho as visto cavalgando as ondas em direção ao mar  
Penteando o cabelo branco das ondas que voltam  
Quando o vento sopra a água branca e negra.  
Nós demoramo-nos nas alcovas do oceano,  
Ao lado de sereias coroadas com algas vermelhas e marrons  
Até que vozes humanas nos despertam. E nos afogamos.

## **"The Love Song of J. Alfred Prufrock"**

BY T. S. ELIOT

Let us go then, you and I,  
When the evening is spread out against the sky  
Like a patient etherized upon a table;  
Let us go, through certain half-deserted streets,  
The muttering retreats  
Of restless nights in one-night cheap hotels  
And sawdust restaurants with oyster-shells:  
Streets that follow like a tedious argument  
Of insidious intent

To lead you to an overwhelming question ...  
Oh, do not ask, "What is it?"

Let us go and make our visit.

In the room the women come and go

Talking of Michelangelo.

The yellow fog that rubs its back upon the window-panes,

The yellow smoke that rubs its muzzle on the window-panes,

Licked its tongue into the corners of the evening,

Lingered upon the pools that stand in drains,

Let fall upon its back the soot that falls from chimneys,

Slipped by the terrace, made a sudden leap,

And seeing that it was a soft October night,

Curled once about the house, and fell asleep.

And indeed there will be time

For the yellow smoke that slides along the street,  
Rubbing its back upon the window-panes;  
There will be time, there will be time  
To prepare a face to meet the faces that you meet;  
There will be time to murder and create,  
And time for all the works and days of hands  
That lift and drop a question on your plate;  
Time for you and time for me,  
And time yet for a hundred indecisions,  
And for a hundred visions and revisions,  
Before the taking of a toast and tea.

In the room the women come and go  
Talking of Michelangelo.

And indeed there will be time  
To wonder, "Do I dare?" and, "Do I dare?"  
Time to turn back and descend the stair,  
With a bald spot in the middle of my hair —  
(They will say: "How his hair is growing thin!")  
My morning coat, my collar mounting firmly to the chin,  
My necktie rich and modest, but asserted by a simple pin  
—  
(They will say: "But how his arms and legs are thin!")  
Do I dare  
Disturb the universe?  
In a minute there is time  
For decisions and revisions which a minute will reverse.

For I have known them all already, known them all:  
Have known the evenings, mornings, afternoons,

I have measured out my life with coffee spoons;  
I know the voices dying with a dying fall  
Beneath the music from a farther room.

So how should I presume?

And I have known the eyes already, known them all—  
The eyes that fix you in a formulated phrase,  
And when I am formulated, sprawling on a pin,  
When I am pinned and wriggling on the wall,  
Then how should I begin  
To spit out all the butt-ends of my days and ways?

And how should I presume?

And I have known the arms already, known them all—  
Arms that are braceleted and white and bare  
(But in the lamplight, downed with light brown hair!)  
Is it perfume from a dress  
That makes me so digress?  
Arms that lie along a table, or wrap about a shawl.

And should I then presume?

And how should I begin?

Shall I say, I have gone at dusk through narrow streets  
And watched the smoke that rises from the pipes  
Of lonely men in shirt-sleeves, leaning out of windows? ...

I should have been a pair of ragged claws  
Scuttling across the floors of silent seas.

And the afternoon, the evening, sleeps so peacefully!

Smoothed by long fingers,

Asleep ... tired ... or it malingers,

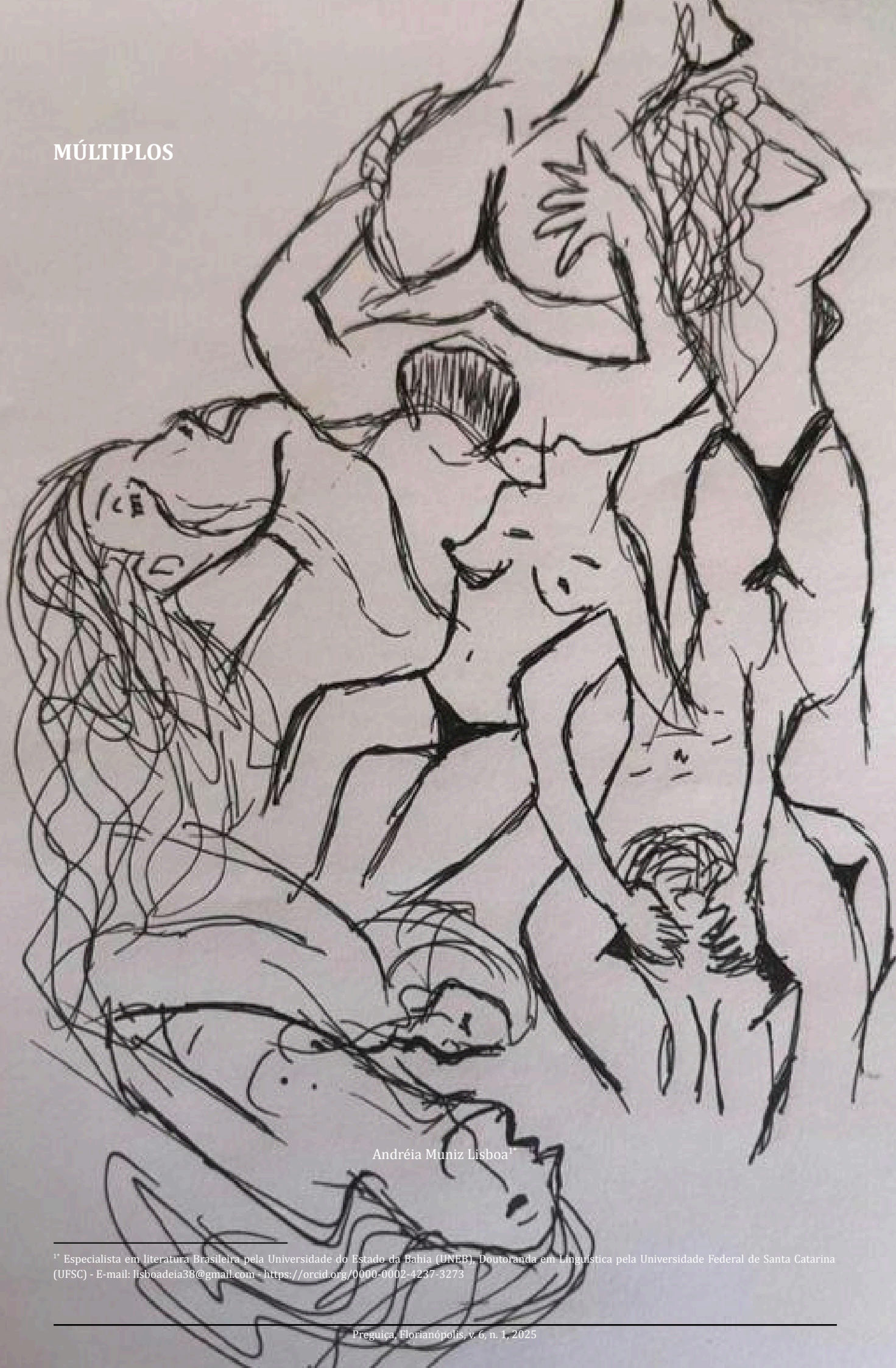
Stretched on the floor, here beside you and me.  
Should I, after tea and cakes and ices,  
Have the strength to force the moment to its crisis?  
But though I have wept and fasted, wept and prayed,  
Though I have seen my head (grown slightly bald)  
brought in upon a platter,  
I am no prophet — and here's no great matter;  
I have seen the moment of my greatness flicker,  
And I have seen the eternal Footman hold my coat, and  
snicker,  
And in short, I was afraid.  
  
And would it have been worth it, after all,  
After the cups, the marmalade, the tea,  
Among the porcelain, among some talk of you and me,  
Would it have been worth while,  
To have bitten off the matter with a smile,  
To have squeezed the universe into a ball  
To roll it towards some overwhelming question,  
To say: "I am Lazarus, come from the dead,  
Come back to tell you all, I shall tell you all"—  
If one, settling a pillow by her head  
Should say: "That is not what I meant at all;  
That is not it, at all."  
  
And would it have been worth it, after all,  
Would it have been worth while,  
  
After the sunsets and the dooryards and the sprinkled  
streets,  
After the novels, after the teacups, after the skirts that  
trail along the floor—  
And this, and so much more?—

It is impossible to say just what I mean!  
But as if a magic lantern threw the nerves in patterns on a  
screen:  
Would it have been worth while  
If one, settling a pillow or throwing off a shawl,  
And turning toward the window, should say:  
"That is not it at all,  
That is not what I meant, at all."  
  
No! I am not Prince Hamlet, nor was meant to be;  
Am an attendant lord, one that will do  
To swell a progress, start a scene or two,  
Advise the prince; no doubt, an easy tool,  
Deferential, glad to be of use,  
Politic, cautious, and meticulous;  
Full of high sentence, but a bit obtuse;  
At times, indeed, almost ridiculous—  
Almost, at times, the Fool.  
  
I grow old ... I grow old ...  
I shall wear the bottoms of my trousers rolled.  
  
Shall I part my hair behind? Do I dare to eat a peach?  
I shall wear white flannel trousers, and walk upon the  
beach.  
I have heard the mermaids singing, each to each.  
  
I do not think that they will sing to me.  
  
I have seen them riding seaward on the waves  
Combing the white hair of the waves blown back  
When the wind blows the water white and black.  
  
We have lingered in the chambers of the sea

By sea-girls wreathed with seaweed red and brown

Till human voices wake us, and we drown.

# MÚLTIPLOS



Andréia Muniz Lisboa<sup>1\*</sup>

---

<sup>1\*</sup> Especialista em literatura Brasileira pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Doutoranda em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) - E-mail: lisboadeia38@gmail.com - <https://orcid.org/0000-0002-4237-3273>